

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Shirlene dos Passos Vieira

**Memória de Boiadeiro: A religiosidade no Centro de Umbanda
Tupinambá.**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Shirlene dos Passos Vieira

**Memória de Boiadeiro: A religiosidade no Centro de Umbanda
Tupinambá.**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Ciências da Religião, sob orientação
do Professor Doutor Ênio José da Costa Brito.**

SÃO PAULO

2012

Banca Examinadora

Mensagem:

***“Prevenir a intolerância é assumir que nenhuma verdade é única.
É reconhecer que o outro tem livre arbítrio (...)
Esse reconhecimento pressupõe garantir-lhe o direito de pensar, de crer;
de amar, de doar, de rezar, de ser gente religiosa.
Gente que exercita a missão sagrada de reconhecer no outro a
imagem e semelhança e Deus, Olorum ou Javé.”***

Religiões Afro-brasileiras.

Dedicatória:

*Ao meu marido, que patrocinou e acreditou no
meu sonho: O conhecimento;
Aos meus filhos Fernando Júnior e Sarah Fernanda pela
compreensão e carinho;
Ao professor Ênio José da Costa Brito, meu mestre pela
paciência e dedicação.*

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente ao Criador, força sempre presente em minha vida.

A minha família: Fernando meu esposo, Fernando Júnior meu filho querido e Sarah Fernanda minha princesa, sem vocês nada disto seria possível. Vocês são o motivo de minha busca.

Às minhas irmãs: Sheila, Glaucia, Glayde e Shirley que com atenção e carinho me fizeram sorrir e descontraír nos momentos mais difíceis desta jornada acadêmica.

Aos meus irmãos Alcides Filho, Charles e Sidney que mesmo ausentes, sempre acreditaram em meu potencial.

Aos meus sobrinhos: Diego, Gêssika, Marcos Junior, Diarley, Monique Manuelle, Sabla, Paulo Felipe, Rick, Andressa, Ana Paula, Charles Júnior, Vitor, Meisse, Camila, Sany, Sayonara, Pedro Antônio e Maria Luiza, meus amores.

Aos meus grandes e incondicionais Amigos Valter e Dinha, companheiros de momentos tensos e intensos.

Aos professores e professoras, colegas de caminhada intelectual: Ângela Cristina Borges, Maria do Socorro Isidoro, Antônio Wagner Rocha, João Roberto de Oliveira, Luiz Eduardo Souza Pinto e Admilson Eustáquio Prates que me estimularam na busca;

Ao meu querido Orientador Ênio José da Costa Brito, pelo estímulo, conhecimento, busca e proteção. Agradeço pelo seu sorriso sincero, pelas conversas estimulantes, pelo olhar verdadeiro e clínico, que interpretando e observando nas nossas orientações brilharam como uma luz esclarecedora para levar a diante esta pesquisa.

À banca de qualificação composta pelas professoras Brígida Carla Malandrino e Ceci Baptista Mariani.

Aos professores Silas Guerriero, Edênio Valle, Maria José Rosado, João Décio Passos, Frank Usarski, José J. Queiroz e Fernando Londonõ agradeço pela contribuição, tolerância e carinho e por todas as aulas, trabalhos, seminários e artigos, vocês simplesmente foram significativos.

A querida Andréia, agradeço pelo carinho profissional e maternal, sem ela não teria sido possível vencer os obstáculos burocráticos, que não foram poucos. Nela encontrei sempre abrigo e guarita, sem me perder. Obrigada por distribuir gentileza e carinho a todos com suas atitudes e seu sorriso.

Aos colegas de mestrado que iniciaram esta caminhada comigo, meu desejo sincero é que todos possam concluir a jornada com muito êxito. No início

comentávamos como seria o fim e quando o fim chegou me pergunto quando os verei de novo. Desejo sucesso a todos!

Agradeço as instituições Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC SP, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES;

Aos meus alunos do Curso de Graduação em Ciências da Religião da Universidade Estadual de Montes Claros com os quais compartilho meu conhecimento e que me ensinam a buscar a partir de seus questionamentos;

A dona Irene Tupinambá sua família sanguínea e ao Centro de Umbanda Tupinambá o meu agradecimento sincero. Abriram suas portas sem medo e ressalva, apresentado a mim o tinham de mais valioso: sua fé.

Aos motoristas e desconhecidos companheiros de estrada, que viveram comigo “os perrengues das viagens”, no nosso percurso semanal de 1100 quilômetros ao longo desses dois anos, um muito obrigado saudoso. Companheiros de ajuda mútua, responsáveis pela chegada ao destino. Esses anônimos ficarão guardados na minha lembrança e no meu coração.

Meus sinceros agradecimentos a todos que colaboram direta ou indiretamente na construção e finalização de minha pesquisa.

Resumo:

Neste trabalho estudou-se a Umbanda do *Centro de Umbanda Tupinambá*, procurando vislumbrar sua presença na formação da Umbanda Sertaneja do Norte de Minas, e consolidá-la como elemento cultural. Considerando o fator social Montes Clarence, uma sociedade de fronteira que sofreu ao longo dos anos influência da interpenetração desses contrários tenta manter a fidelidade de sua formação inicial. Pretende-se com o estudo da memória e da religiosidade do Centro de Umbanda Tupinambá desvendar a relevância dessas particularidades, dando destaque à existência de mulheres fortes que vão ajudar a compor a identidade sertaneja e determinar para entidade dos Boiadeiros a singularidade do ethos sertanejo. Ao longo de sua existência o Centro acreditou revelar características nordestinas herdadas de seu fundador Ilizário, como sendo uma Umbanda ritmada de terreiro. E há, neste tipo de Umbanda, traços provenientes da Bahia que a torna diferente das demais. Uma destas diferenças está na preservação da memória coletiva do grupo que conserva Linhas inauguradas por seus pais fundadores que permanecem em atividade na atualidade. Dentro desta formação inicial que podemos observar o resultado de preservação deste grupo que na visão dos freqüentadores conserva a permanência de procedimentos de culto e rituais.

Palavras Chave: Umbanda, Memória, Religiosidade, Norte de Minas, Ethos Sertanejo.

Abstract:

This work is to study the Umbanda Umbanda Tupinambá Center, trying to glimpse its presence in the formation of Umbanda Sertaneja North Mine, and consolidate it as a cultural element. Considering the social factor Clarence Hills, a frontier society that has suffered over the years the influence of the interpenetration of opposites trying to keep the loyalty of their initial training. It is intended to the study of memory and religion Umbanda Center Tupinambá unravel the relevance of these characteristics, highlighting the existence of strong women who will help comprise the hinterland and identity of the entity to determine the uniqueness of the ethos Cattle backcountry. Throughout its existence the Centre believed to reveal characteristics inherited from its founder Northeastern Ilizario as a rhythmic Umbanda the yard. And there is this kind of Umbanda, from Bahia features that makes it different from others. One of these differences is to preserve the collective memory of the group that preserves lines opened by their parents who are still active today. Within this training we can see the result of preservation in this group that preserves the view of patrons stay of proceedings of worship and rituals.

Keywords: Umbanda, Memory, Religion, North Mine, Ethos Sertanejo

Sumário

Introdução	12
Capítulo I - A Umbanda Sertaneja	19
1.1. Norte de Minas: ocupação e povoamento	20
1.1.1 As primeiras expedições	24
1.1.2 Montes Claros: a Princesa do Norte	34
1.2. Constituição Social do Norte de Minas: aspectos importantes	37
1.2.1. Presença do gado – O Boiadeiro	39
1.2.2. Mulheres Fortes	42
1.3. Religiosidade e cultura Norte Mineira	52
1.3.1. As Matrizes Religiosas	56
Capítulo II - O Centro de Umbanda Tupinambá	62
2.1. A Umbanda	63
2.1.1. Formação	64
2.1.2. A Chegada e a Fundação da Umbanda em Montes Claros	70
2.1.3. A Matriz baiana	75
2.2. O Centro de Umbanda Tupinambá	77
2.2.1. Maria Tupinambá	80
2.2.2. Irene Tupinambá: Mãe de Santo	82
2.3. Símbolos e Rituais: O Boiadeiro	85
2.3.1. Símbolos	87
2.3.2. Ritual	91
Capítulo III - A tradição religiosa nos fios da memória	95
3.1. A busca da Memória	95
3.1.1. A questão da oralidade	102
3.1.2. A questão da tradição	107
3.2. A Memória no Centro de Umbanda Tupinambá	110
3.2.1. Fundamentos	112
3.2.2. Símbolos	114
3.2.3. Rituais	115
3.3. Uma tradição viva	120
3.3.1. Festas	122
Considerações Finais:	125
Referências:	128

Listas de Mapas

MAPA 1: Mapa Bacia do Rio São Francisco_____	22
MAPA 2: Mapa Político do Norte de Minas_____	24
MAPA 3: Planta Geográfica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Cap. Do Espírito Santo e da Costa de Mar até o Rio São Francisco_____	27
MAPA 4: Rotas Alternativas. Recorte de mapas das entradas, caminhos e Bandeiras_	31
Mapa 5: Povos indígenas que viviam em Minas Gerais no século XVI_____	58

Listas de Figuras

FIGURA1: Toque de Umbanda com atabaques do Centro Espírita Divino Espírito Santo em 1952. _____	75
FIGURA 2 - Portão da entrada do centro de Umbanda Tupinambá_____	78
FIGURA 3- Dona Irene Tupinambá, no Centro de Umbanda Tupinambá _____	80
FIGURA 4: Mostra a posição dos adeptos e da mãe de Santo ao dar início aos trabalhos no Centro de Umbanda Tupinambá_____	117
FIGURA 5: I Parte do altar do Centro de Umbanda Tupinambá tem no centro a imagem do Pai Tupinambá_____	121
FIGURA 6- II Parte do altar do Centro de Umbanda Tupinambá_____	122

Introdução:

Em nossa sociedade, o inconsciente coletivo traz no seu bojo, profundamente arraigado diversos pré- conceitos, como a resistência à cor, a orientação sexual, que foge ao padrão hétero, ao nível social, entre outros. As atitudes preconceituosas sempre me incomodaram muito, pois muitas vezes sofri na pele a discriminação, dado que parte de minha família descende da etnia negra e cultivava no campo religioso uma relação com deidades originárias da África.

A infância, marcada pelas férias na fazenda da família às margens do Rio São Francisco, me colocou em contato com histórias que descreviam crenças, mitos e ritos. Por outro lado, a convivência com tios, tias e avós, que no cotidiano faziam uso das ervas medicinais, rezas, oferendas e rituais aos santos e orixás, provocou em mim, respeito e porque não a dizer a valorização da sabedoria popular, bem como a curiosidade em relação a ela e a uma cosmovisão que se destacava, a afro-brasileira.

A migração para a cidade e a participação numa vida social inserida no contexto religioso católico da época, quando toda criança na escola tinha que coroar Nossa Senhora, ser Coroinha bem como participar do grupo de pastorinhas¹ no natal, não resistiu a vida dos estudos. Aquela visão romântica da sabedoria das tias, tios e avós perdeu seu encanto e deu lugar a novos pré-conceitos.

No entanto, no contato com a vida acadêmica no curso de História, o entendimento sobre o sincretismo, gradualmente me reintroduziu na minha infância e nas heranças das minhas raízes afro-sertanejas². A compreensão da história e da cultura híbrida do povo brasileiro, cultura que se processou e se processa a partir dos encontros culturais, atualmente viabilizados pela globalização provocou um retorno quase metafísico ao mundo infantil. Outro fato que se somou a este, foi o ingresso no curso de graduação em Ciências da Religião na UNIMONTES.

O curso possibilitou um retorno ao passado e uma compreensão mais analítica do campo religioso brasileiro nas suas diversas manifestações, levou-me a acolher o desafio de valorizar a sabedoria familiar e ir de além, isto é, de procurar compreendê-la em profundidade. Faz parte desta sabedoria uma religião tipicamente brasileira, uma crença marcadamente sincrética e extremamente dinâmica que acolhe e preserva

¹ Grupo de crianças que representa o auto de natal, vestidas de personagens bíblicos de acordo com o evangelho, tem como objetivo cantar e dançar em frente ao presépio de Natal em homenagem ao nascimento de Jesus Cristo.

² Termo utilizado por Marques no livro *Umbanda Sertaneja cultura e religiosidade no sertão norte Mineiro*. Religiosidade que se manifesta nas religiões afro, presentes no sertão norte - mineiro para fazer referência ao campo religioso de natureza afro no sertão.

elementos da cultura mineira, a Umbanda Sertaneja. Sua escolha para objeto desta pesquisa foi quase natural.

Os termos *Umbanda* e *Sertaneja* envolvem duas categorias eleitas para este trabalho: religiosidade e cultura. A questão da religiosidade e da cultura tem sido abordada por vários autores, como Reginaldo Prandi que em seu artigo “*As Religiões Negras na Sociedade Branca*”, descreve ser o quadro das mesmas extremamente diversificado, incluindo-as na categoria das religiões de preservação, em especial do patrimônio cultural. Ressalta também, o nascimento da Umbanda no Brasil identificando-a como religião brasileira por excelência e dirigida a todos, legitimando assim a cultura brasileira.

Assim, ao mergulharmos no universo umbandista do norte de Minas Gerais, verificamos também ser ele tipicamente sertanejo, o que torna legítima a denominação assumida neste estudo, de uma Umbanda Sertaneja. Em relação às características da Umbanda no Brasil, Roger Bastide descreve como a Umbanda assimilou seja elementos do catolicismo, como dos indígenas: os símbolos, espíritos e rituais, e dos negros a tradição dos orixás, inspirando-se assim nas três fontes básicas do Brasil mestiço. O que nos leva a compreender que os universos religiosos traduzem os elementos culturais próprios de uma cultura como os símbolos, apetrechos utilizados nos rituais e a visão de mundo. Desta forma, o umbandismo no norte de Minas certamente carrega características próprias desta região, ou seja para a existência de uma Umbanda que possui elementos do sertão se faz necessário a priori uma cultura também sertaneja.

Em relação à cultura sertaneja especificamente a norte mineira, o antropólogo João Batista de Almeida na sua obra “*Mineiros e Baianeiros; Englobamentos, Exclusão e Resistência, sentir-se norte mineiro as raízes na nossa regionalidade*” e no “*O Ser da Sociedade Sertaneja e a Invisibilização do Negro no Sertão Norte de Minas Gerais*” identifica o povo sertanejo.

Tecendo relações entre cultura e Umbanda, a cientista da Religião Ângela Cristina Borges Marques na sua dissertação de Mestrado “*Umbanda Sertaneja: Cultura e religiosidade no sertão norte- mineiro*”, analisa o processo histórico-antropológico da Umbanda na região norte do Estado de Minas Gerais de meados de 1940 até a atualidade, articulando o ethos norte mineiro com a prática da Umbanda, concluindo que seus elementos possuem características da região, desta forma denomina-a de Umbanda Sertaneja.

A cultura que transparece na Umbanda sertaneja faz referência ao cotidiano do norte mineiro, que mescla em seus ritos elementos do sertão e da religiosidade popular.

Mesmo com a modernização e o desenvolvimento secular, o norte - mineiro continua preservando sua diversidade, reafirmando o modo de ser peculiar do sertanejo. Julgamos ser importante a tentativa por nós empreendida de olhar com mais cuidado esta Umbanda Sertaneja.

Em seu processo de formação no Brasil, a Umbanda denominou-se espiritismo de Umbanda, conforme diz Reginaldo Prandi. “a religião umbanda, que teria nascido como dissidência de um Kardescismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espíritos inferiores³.” Adilson Rogério do Amaral afirma que “A Umbanda no seu processo de consolidação, atravessou várias fases. Tais etapas foram e são interpretadas pelos estudiosos sob vários ângulos⁴”. Por esse motivo é muito comum ouvir os próprios umbandistas se chamarem de espíritas ou espiritualistas. Nos seus ritos, o sincretismo com o catolicismo, com o Candomblé, com o Kardescismo e com as tradições orientais, pode ser notado com facilidade. A Umbanda, por exemplo, na sua constituição interna é mais sincrética que o Candomblé.

Brígida Carla Malandrino percebeu bem este dinamismo que se faz presente na Umbanda, seu texto *Mudar para permanecer* nos convida para uma leitura profunda desse processo sempre renovado que ocorre na Umbanda.

Sendo o Norte de Minas uma região que representa o segundo maior entroncamento rodo-ferroviário do Brasil, entendemos que o sincretismo desta Umbanda a diferencia de outras Umbandas, uma vez que o sertão norte mineiro é uma região de fronteira.

Os autores citados, assim como outros, cada um em sua perspectiva contribuíram na discussão sobre a religiosidade brasileira. No entanto, para mergulhar no universo norte mineiro, especificamente no umbandismo sertanejo estaremos nos fundamentando na obra de Ângela Cristina Borges.

Partindo destes autores e diante do considerável número de terreiros de Umbanda em Montes Claros (aproximadamente 80 terreiros) pensamos ser relevante estudar a preservação da memória sertaneja pelo Centro de Umbanda Tupinambá. Sua escolha tem razão de ser, é um dos primeiros desta cidade, portanto, possivelmente

³ PRANDI, Reginaldo. *Mitologia Dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

⁴ AMARAL, Adilson Rogério do. *Terreiro do São Domingos, memória, permanência e inovação*. 2006. 219f. .Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

contribuiu fortemente na constituição desta Umbanda Sertaneja⁵, o umbandismo que se apresenta na atualidade norte mineira .

Compreender sua fundação, sua história, quem são seus adeptos, rituais, práticas e representações, ajuda-nos perceber sua contribuição no processo de formação da Umbanda Sertaneja do Norte Mineiro. Os dados históricos nos fornecem indícios para analisar a Memória Sertaneja, o que confere a este estudo uma considerável relevância uma vez que os estudos sobre a Memória Sertaneja ainda são incipientes.

O objeto desta pesquisa é o umbandismo do *Centro de Umbanda Tupinambá*, localizado em Montes Claros, procurando vislumbrar sua contribuição na formação da Umbanda Sertaneja.

A Umbanda sempre procurou legitimar-se como religião, sua matriz negra, mantém suas marcas na constituição do seu panteão. Devemos compreender que a idéia de Sagrado não brota de forma espontânea, embora o ser humano tenha grande predisposição para a religiosidade. No entanto, a vivência religiosa esconde no seu bojo uma longa evolução, ligada a experiência afetiva.

As religiões afro- sertanejas são consideradas como possuídas de um poder para o bem e o mal, daí serem vistas no sertão como perigosas e por isto não gosam de muita legitimidade. O fato de não possuírem uma moral clara, aumenta o preconceito em relação às suas práticas, hoje pode-se constatar mudanças nesse campo. Assim sendo, o estudo da religiosidade afro-sertaneja preservada pela memória coletiva levamos à percepção seminal da singularidade do ethos sertanejo.

Algumas questões nos acompanham neste estudo: sendo um dos mais antigos terreiros de Umbanda do sertão norte mineiro, quais as contribuições do *centro de Umbanda Tupinambá* na formação da Umbanda Sertaneja?

Tal questão suscita outras que certamente poderão ser respondidas ao final desta pesquisa: considerado pelos umbandistas sertanejos, como o terreiro que não sofreu alterações significativas na sua ritualística e na sua cosmovisão, pode-se perguntar, esta instituição se apresenta diferente dos outros terreiros afro-sertanejos? Seu diferencial está no fato de trazer elementos característicos agro- pastoril da região nordestina, ter sido dirigido apenas por líderes do sexo feminino e ter resistido às influências da Umbanda do sudeste?

Assim sendo, pensamos que muito possivelmente o *Centro de Umbanda Tupinambá* possui uma singularidade que merece ser conhecida e explicitada.

⁵ Religião afro brasileira que tem como ethos elementos do sertão norte mineiro

De acordo com Angela Cristina Borges Marques,

Quase simultaneamente às transformações ocasionadas pelo processo de mundialização a Umbanda chega à região. À medida que, a cultura norte-mineira se distancia da tradicional *matutice* sertaneja, provocada pela urbanização e modernização, no universo umbandista também se verificam transformações dinâmicas em movimentos de adequação à cultura local e de recepção de novos elementos culturais. Desta forma, o conceito de sincretismo religioso nos parece ser o mais apropriado na análise da Umbanda Sertaneja, uma vez que além deste processo dinâmico, a Umbanda é, naturalmente, sincrética.⁶

A mesma autora afirma ainda que “O norte - mineiro é um tanto baiano, um tanto mineiro, nem um, nem outro, talvez baiano cansado como denominado pelos mineiros do sul o que demonstra que a fronteira não é apenas geográfica⁷.” Na verdade, a autora associa o ser norte mineiro à Umbanda Sertaneja, sendo o *Centro de Umbanda Tupinambá* fundado por Iliziário, um dos responsáveis por inserir no sertão norte mineiro a Umbanda proveniente da Bahia. Nossa hipótese é que este terreiro forneceu ao longo de sua história elementos ritualísticos e cosmológicos que compuseram e ajudaram a consolidar a Umbanda Sertaneja na região.

Esta pesquisa no âmbito das Ciências da Religião teve como eixos norteadores a história e a antropologia social. Assim, nossa perspectiva histórico-antropológica procura compreender a contribuição do *Centro de Umbanda Tupinambá* - um dos terreiros afro-sertanejos mais antigos do sertão norte mineiro - no processo de formação da Umbanda Sertaneja

Os caminhos que seguimos para a possível comprovação da nossa hipótese são teóricos e empíricos. Para o desenvolvimento deste estudo, fez-se necessário uma pesquisa bibliográfica que articulou a questão da memória com a questão da religiosidade. Ângela Cristina Borges Marques serviu-nos de guia. Ela classifica, o homem sertanejo como baiano, relacionando sua cultura e seu *ethos* com a religiosidade umbandista e afirma que:

O Umbandismo, resultante do choque entre as tendências citadas carrega em seus rituais e atividades, elementos sertanejos que

⁶MARQUES. Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja cultura e religiosidade no sertão norte Mineiro*, p.39.

⁷ *Ibidem*, p. 35.

denunciam o *ethos* construído historicamente na região a partir do encontro cultural entre baianos e paulistas⁸.

O historiador Eric Hobsbawm ao analisar o desenvolvimento da tradição e da memória argumenta que as tradições são usadas para justificar a existência e a importância de uma nação e Maurice Halbwachs, sociólogo francês, que conceitua a memória coletiva e afirma que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo, foram fundamentais para colhermos a preservação dos valores pelo Centro de Umbanda Tupinambá.

Autores auxiliares, como o antropólogo João Batista de Almeida Costa que identifica o norte mineiro como diferente do mineiro, destacando sua identidade e apresentando suas diferenças, trouxe mais um dado para a compreensão da dinâmica sócio-cultural da região. Ele relembra ainda que a cultura sertaneja é produto do processo de modernização e do desenvolvimento norte mineiro.

A cidade de Montes Claros por sua vez sempre serviu de entroncamento para população nordestina que faz o percurso de ida e de volta em busca de trabalho por todas as partes do Brasil e no seu retorno trouxe na bagagem experiências e valores que ajudaram a consolidar o jeito de ser de homens e mulheres do Norte de Minas.

No intuito de responder as questões já explicitadas, no campo empírico apresentam-se como fontes privilegiadas para investigações, os documentos que integram o acervo da Associação Espiritualista e Folclórica dos cultos Afro-Brasileiros e o *Centro de Umbanda Tupinambá*. O conjunto de análises das fontes disponíveis nestes acervos possibilitou a compreensão da história deste terreiro, bem como o conhecimento sobre seus freqüentadores. Empiricamente, a observação de campo foi imprescindível para esta pesquisa. No *Centro de Umbanda Tupinambá* realizamos as entrevistas dirigidas à sacerdotisa, sua família, freqüentadores, médiuns antigos, isto é, nos inteiramos sobre o significado da religião na vida daqueles que a procuram, ou seja, o impacto da mesma na conduta de seus freqüentadores.

Recorreremos à história oral, no contato e na conversa com médiuns e freqüentadores antigos e atuais pudemos recuperar e registrar dados importantes relativos à memória e à religiosidade desde a época da fundação até os dias atuais e as práticas rituais que muito possivelmente ainda não são do conhecimento da história Oficial local.

⁸ *Ibidem*, p. 06.

Nossa exposição se divide em três capítulos. No primeiro, *A Umbanda Sertaneja*, abordamos o processo de formação do Norte de Minas através do resgate histórico antropológico. Uma pesquisa fundamentalmente bibliográfica nos situou na região, tanto nos seus aspectos históricos como geográficos. Apontamos também figuras que foram importantes na constituição do Norte de Minas, o vaqueiro, o Tropeiro, o boiadeiro e o Coronel. Figuras responsáveis pelo surgimento de uma região com peculiaridades muito próprias, como a influência de mulheres fortes e a marcante presença do gado. A religiosidade e a cultura norte mineira foram olhadas a partir dos conceitos de sincretismo, hibridismo e miscegenação, que nos possibilitou entender como as matrizes religiosas e culturais deitam raízes numa diversidade étnica.

No segundo capítulo, resgatamos a história da Umbanda no Brasil e no Norte de Minas, bem como sua chegada a cidade de Montes Claros e a formação do *Centro de Umbanda Tupinambá*. Abordamos suas características e descrevemos seus pioneiros, com ênfase na matriz baiana. Resgatamos a história de mulheres, como Dona Maria Tupinambá e Dona Irene Tupinambá, ícones da formação identitária feminina no Norte de Minas. O simbolismo e os rituais do Centro com suas peculiaridades foram relembrados.

No terceiro capítulo, realizamos a análise da preservação da doutrina e dos rituais, isto é, da maneira de ser do Centro ao longo dos anos, responsável pela identidade do mesmo. Descrevemos a origem dos freqüentadores do Centro, muitos provenientes de um mesmo ramo familiar; a permanência dos ritos; a simplicidade das vestimentas e as giras. Deparamo-nos, com uma tradição dinâmica, que tem na pessoa da Mãe de Santo Dona Irene uma timoneira consciente e segura de ter o processo evolutivo do Centro sob controle. Centro que preservou suas características agropastoris, contribuindo na consolidação de um ethos sertanejo e de uma Umbanda Sertaneja.

Capítulo I

A Umbanda Sertaneja

O presente capítulo tem como objetivo um resgate na história, em busca da memória sertaneja para conhecer os pioneiros que povoaram o Norte de Minas e a manutenção da religiosidade culminado na Umbanda sertaneja. Iniciaremos apresentando de forma sucinta a ocupação e o povoamento do Norte de Minas e a formação da cidade de Montes Claros,⁹ que tem em seu universo religioso características que a torna própria e diferenciada do restante do estado. A compreensão desta afirmação passa pelo conhecimento de todo processo histórico da região. Para entender estas particularidades abordaremos a ocupação a partir do século XVI, evidenciando aspectos históricos e geográficos que possibilitaram o surgimento de uma região com peculiaridades do ethos norte mineiro, confirmadas em especial no estudo de uma cultura tipicamente sertaneja e o surgimento da Umbanda sertaneja.

Concordamos com Ângela Cristina Borges Marques¹⁰ em sua dissertação de Mestrado quando ela pondera: “Acreditamos que a compreensão da Umbanda nele praticada passa pela compreensão da história da região, o que certamente possibilitará entender o porquê desta religião possuir particularidades que a tornam sertaneja”. Com esta certeza a pesquisa bibliográfica histórica¹¹ será de fundamental importância, pois nos remete a abordagem das perspectivas políticas e sociais pelas quais passou a região. Recorremos a Marques que trabalha com a história da Umbanda do Norte de Minas na perspectiva da Ciências da Religião.

Foram figuras importantes para o povoamento e a constituição social do Norte de Minas o Vaqueiro, o Tropeiro, o Boiadeiro e o Coronel, reflexo do povoamento e da importância agro-pastoril da região. Juntos trabalhavam com o gado. Elemento carregado de simbolismo, que no Norte de Minas vai ditar aspectos da identidade e da religiosidade do sertão. Outro elemento que foi primordial para esta construção foram as mulheres. Elas desenvolveram uma identidade sertaneja feminina, capaz de sobreviver as mais rudes adversidades que o sertão apresentava. Burlaram na defesa da família um espaço dominado por coronéis. Assim, diante desta realidade composta por estas

⁹ Cidade pólo do sertão Norte Mineiro.

¹⁰ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja cultura e religiosidade no sertão norte Mineiro*, p. 19. O título deste capítulo tomamos de empréstimo de Marques.

¹¹ Ver, JESUS, Alysson Luiz Freitas de. *No sertão das Minas: Escravidão, violência e liberdade-1830-1888*.

especificidades que apresentaremos a religiosidade e cultura norte- mineira marcadas pelo sincretismo e hibridismo. Sincrético por absorver as práticas do negro, do índio e do europeu e associá-las ao catolicismo colonial, e hibridismo por gerar uma religiosidade específica Sertaneja.

Para entender tais mudanças que aconteceram na região, que irão justificar a identidade desenvolvida e mantida no ethos deste povo, apontaremos os elementos culturais e a miscigenação que moldou este perfil e forjou uma resistência. Além de todas essas fragmentações, a construção de uma matriz religiosa foi se estabelecendo com certas características que aqui denominaremos de sertaneja, característica esta que vai permear toda a religiosidade desta região.

1.1. Norte de Minas: ocupação e povoamento

Analisar a ocupação da região norte de Minas Gerais despertou nosso interesse por estar esse município inserido em uma das rotas de entradas e bandeiras mais antigas de Minas. Os primeiros desbravadores que por lá passaram, não deixaram nenhum núcleo de povoamento na região, mas os caminhos trilhados por eles serviram de rotas, tempos depois, aos desbravadores do nordeste do país, principalmente baianos e pernambucanos e, também, para os portugueses, oriundos no norte de Portugal, que aportavam na Bahia com destino as Minas¹².

Esse caminho antigo serviu de rota para os tropeiros que transitavam com suas boiadas em direção norte-sul do país, com o objetivo principal de abastecer as regiões mineradoras do centro-sul. Dá-se, desse modo, o início do povoamento na região, com algumas populações se fixando em torno do “caminho do boi”, construindo fazendas ou “currais”, que muito contribuíram para história do povoamento do Norte de Minas.

Marques aponta sucintamente a delimitação geográfica que compõe o Norte de Minas:

O sertão norte - mineiro estende-se por todo o norte do Estado de Minas Gerais. É banhado pelos rios São Francisco, Jequitaiá, Verde Grande, Grotuba, Jequitinhonha, Rio Pardo e Rio das Velhas. Situa-se próximo à Bahia e com este Estado estabelece fronteira. Pertence à região Sudeste, mas possui características semelhantes ao nordeste

¹²Região mineradora, na atualidade esta região compõe as cidades de Ouro Preto, Sabará, Mariana entre outras.

brasileiro, sendo portanto, uma área de transição. Sua vegetação nativa é composta pelo cerrado e pela caatinga - esta última predominante na região nordeste - o clima é tropical e semi-árido com índice pluviométrico anual de 600/650 milímetros, o que explica o período de seca com duração entre 4 a 8 meses. No que se refere ao relevo, grande parte deste pertence à Depressão Sertaneja do São Francisco que se estende até o norte do litoral nordestino¹³.

Existem poucos registros dos povos que habitaram a região norte de Minas antes da chegada do homem europeu na região. Há, também, poucos estudos, os autores afirmam não ter conhecimento dos costumes desses povos. Falta, ainda, consenso entre os historiadores e antropólogos sobre este tema¹⁴. O que se sabe é que havia índios de etnias variadas e negros fugidos da escravidão. Costa¹⁵ destaca que o norte de Minas Gerais teve como povoamento inicial no seu território, a presença de “nações indígenas Tapuias e Caiapós [...] que com sua cultura específica, viviam da caça, pesca, coleta e cultivo de algumas espécies vegetais”.

Abreu¹⁶ destaca a presença de alguns povos indígenas pertencentes às tribos Cariris, Tupi, Caiapós, Formigas entre outros grupos menores vivendo às margens do rio São Francisco, antes do homem branco chegar. Costa¹⁷ amplia mais esta lista destacando os Abatirá, que viviam na margem direita do São Francisco, os Amoipira que viviam na margem esquerda desse rio, os Kariri que desceram do Ceará e se misturaram com os Kayapó na região de Januária, os Catiguaçu que viviam entre o São Francisco e o Jequitinhonha, os Catolés situados entre o rio Pardo e o Verde Grande, os Pataxó que corriam entre o São Francisco e o Jequitinhonha, os Piripiri que viviam na foz do rio Gorutuba, e outros mais.

¹³ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 19.

¹⁴ Capistrano de Abreu cita algumas tribos, Helena Guimarães Campos e Ricardo de Moura Faria elaboram um mapa descrevendo sua localização e João Batista de Almeida Costa amplia o estudo, mas eles não chegam a um consenso quanto a quantidade de tribos existentes, nem de seus hábitos e costumes.

¹⁵ COSTA, João Batista de Almeida. *Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas*, p.78.

¹⁶ ABREU. Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*, p. 146.

¹⁷ COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianeiros*, p. 11.



Mapa 1: Bacia do Rio São Francisco

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bacia_do_rio_S%C3%A3o_Francisco acessado em 03/11/11

Embora tenha citado essas várias sociedades indígenas, Costa afirma não ser possível descrever seus modos de vida por falta de estudos sobre os mesmos. Costa endossado por Vasconcelos¹⁸ indica que antes mesmo da chegada dos portugueses à região, já havia “pequenos agrupamentos de africanos e seus descendentes que, fugindo da escravidão, deram origem a quilombos¹⁹”. De acordo com esse autor, os grupos de africanos se localizavam, principalmente, no interior da floresta de caatinga, próxima aos vales do rio Verde Grande e cultivavam mandioca, milho, arroz, feijão e fava, além de outros produtos. Portanto, todos esses povos fizeram parte deste grande misto que se tornou o Norte de Minas.

A formação do povo norte mineiro sertanejo se deu a partir dessa miscigenação ocorrida nesta área de transição.

¹⁸ VASCONCELOS Salomão de. *Bandeirismo*, p. 12. Para uma visão ampla dos Quilombos ver, REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos. *Liberdade por um fio*. História dos Quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁹ Quilombos: o termo foi utilizado na África para designar o lugar de pouso e paragens das populações nômades. No Brasil, o termo ganhou o sentido de comunidades autônomas de escravos fugitivos. Ficavam em locais de difícil acesso, embrenhados nas matas ou nas montanhas. Ao longo do tempo estes núcleos foram se transformando em aldeias com uma cultura de subsistência, abrigando além dos negros fugitivos, os índios, os mestiços e brancos.

Quanto à questão da miscigenação, estamos cientes de que este conceito é ambíguo, sempre que for citado entendemos como cruzamento de raças humanas diferentes. Para ilustrar tal conceito utilizaremos Gilberto Freyre, que em seu livro *Casa Grande Senzala*, trata o assunto abertamente sem timidez e nenhum tabu, associando a questão da sexualidade à miscigenação. Colocou em cena a questão da miscigenação sexual, cultural e racial.

Relacionando o conceito à formação cultural nascente, ele valorizou a fusão das três raças na formação do povo brasileiro²⁰.

O pioneirismo deste autor em relação ao entendimento da miscigenação, enquanto formação de um povo se justifica no entendimento do nosso pleito. Em Freyre, encontramos a importância do negro na cultura que irriga a religião, a culinária, a língua e demais sentimentos, a contribuição do índio também é valorizada. Caio Prado Júnior²¹ apesar de não acreditar nesta contribuição, na sua historiografia ajuda-nos a entender os mecanismos que nos levaram a escravidão²².

Mas o fato é que, o Norte de Minas foi constituído com a contribuição desta mistura. Nessas idas e vindas foi se assentando nesta região um povo lutador e persistente que sobrevive num clima seco de pouca chuva, e que reflete bem esta diversidade na formação social²³.

Quanto às questões geográficas tais características, portanto, conferem ao norte de Minas maior proximidade com o nordeste do que com o sudeste brasileiro e esta proximidade certamente se estende à dinâmica cultural. Que pode ser entendida com as mudanças ocorridas no processo de povoamento da região.

É um fenômeno que se produz intensamente nas atuais sociedades de tendência multicultural, é cada vez mais acentuado, dada a rapidez do ritmo em que vivem e dos convívios externos a que estão sujeitas, obrigando-as a desenvolverem estratégias de adaptação ao novo meio social e laboral. Os grupos étnicos que aqui chegaram, encontraram um ambiente diferente e precisaram adaptar -se a este ambiente para sobreviver nele.

²⁰ Gilberto Freyre faz uma releitura onde a sociedade figura como tema principal, dá enfoque a cultura, a tradição e as raízes e relembra que os portugueses tinham a visão de que os negros possuíam um baixo nível cultural e assim os desqualificavam.

²¹ PRADO, Caio Junior. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 23 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

²² O estudo de Caio Prado Jr foi importante para a evolução da pesquisa histórica. Ele faz uma análise do período colonial e de suas especificidades. Com sua obra é possível buscar nos vínculos do mundo colonial a interpretação da evolução da sociedade brasileira.

²³ Dinâmica que traduz características de um povo vindo tanto do Nordeste como do Sudeste brasileiro.



Mapa 2: Mapa político do Norte de Minas

Fonte: www.minas-gerais.net/.../mapa-nortedeminas.gif - acessado em 21/03/11

Essa posição intermediária entre o norte de Minas e a Bahia contribuiu para que as características do sertão mineiro se aproximassem daquelas do sertão baiano, marcadas pela transição da caatinga para os cerrados e que as tendências e manifestações sociais, econômicas e políticas, como por exemplo, a pobreza, a ruralidade e as práticas coronelistas se fizessem presentes. Nessa perspectiva, à noção de sertão especificamente baiano e norte mineiro se aplicam as referências apresentadas por Rodrigues²⁴ ao resgatar os muitos sentidos do termo sertão, quando diz que “da aplicação inicial com o sentido de interior, terra vasta aos “referenciais essenciais” – representação objetivada – tem-se a noção de sertão vinculada a seca e a semi-aridez [...]”.

Para melhor compreensão da constituição desta sociedade faz-se necessário empreender uma volta à história do povoamento do Norte de Minas e entender como aconteceu todo esse processo que marcou profundamente a formação desta Umbanda.

1.1.1. As Primeiras expedições

De acordo com a literatura consultada²⁵, a primeira expedição a penetrar no

²⁴ RODRIGUES, Maria de Fátima. *Diálogo com a escrita sobre o sertão*, p. 299.

²⁵ Apresentada na Introdução.

Norte de Minas foi a de Spinoza Navarro que partiu de Porto Seguro, em 1554, atingindo o Norte do estado através do Rio São Francisco. Posteriormente, vieram as Bandeiras de Sebastião Tourinho, em 1573, e de Gabriel Soares, em 1590. Foi nas margens do Rio São Francisco que banha parte desta região que as expedições fizeram os primeiros reconhecimentos do local.

Tem-se notícia, através de autores como Carla Anastásia²⁶ que nos seus estudos históricos e sociológicos do Norte de Minas, afirma que nesta época viviam na região, índios nativos e as demais populações já citadas acima, sobreviviam da caça, da pesca e do extrativismo. Com a chegada das expedições, por volta dos séculos XVI e XVII, ocorreu a desestruturação do modo de vida desses grupos. Logo depois, juntaram a esses índios uma população composta de homens brancos e mestiços ex-habitantes do litoral, que de forma dispersa foram se estabelecendo na região, fugindo do controle português, alguns eram perseguidos pela justiça. Aliados aos índios do sertão, estes se tornaram elementos perigosos, pois entravam nas fazendas e nas vilas do litoral, espalhando terror e medo. Após suas investidas rumavam de volta para o sertão, onde não podiam ser encontrados.

Para alguns memorialistas que escreveram e pesquisou sobre o povoamento da região, a conquista se deu com a derrota e escravização dos nativos. Hermes de Paula, um dos mais importantes folcloristas sertanejo, que dedicou grande parte de sua vida a pesquisar e resgatar os costumes do povo Montesclarenses, afirma que no fim do ano de 1600, já existia um enorme comércio de gado na região. Escreve ainda que, a verdadeira e integral história da conquista das Minas Gerais ainda não foi contada. Para ele: “Minas é mais de uma e nunca foi uma”. Sua descoberta, seu desvendamento, seu desbravamento, tiveram muitos autores e algumas matrizes foram mais marcantes do que outras. Continua relatando que, tiveram registros mais expressivos os grupos que se embrenhavam pelos caminhos de maior riqueza natural que possibilitaram um processo mais ágil de colonização, vale dizer, de radicação dos emergentes e de exploração de riquezas²⁷.

O sertão Norte Mineiro permaneceu por mais de um século sem a presença dos colonizadores, que lá não encontraram riquezas minerais (ouro e pedras preciosas) que eles tanto ambicionavam como na região mineradora de Sabará e Ouro Preto. Mas ainda

²⁶ ANASTASIA, Carla Maria Junho. A geografia do crime: Violência nas minas setecentista. Belo Horizonte: UFMG.2005.

²⁷ PAULA, Hermes de. *Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes*, p. 34.

assim, a região continuava a abrigar aqueles que fugiam do esquema colonial português. Os foragidos da justiça, tanto negros fugitivos, quanto brancos e mestiços que se encontravam em situação irregular, buscavam abrigo e refugio na região por considerá-la deserta e de difícil acesso. Só abandonavam a região quando atacavam o litoral. O litoral passou a ser constantemente alvo destes elementos, até o Governo Geral tentar restaurar a ordem enviando no século XVII uma bandeira sertaneja, com intenção de pacificar a região e conquistar o rio. A presença dos brancos na região interessava muito a Coroa, que desejava povoar e demarcar a área, facilitando a interiorização para outras bandeiras e estabelecendo as primeiras famílias. Conforme descreve Carla Anastásia:

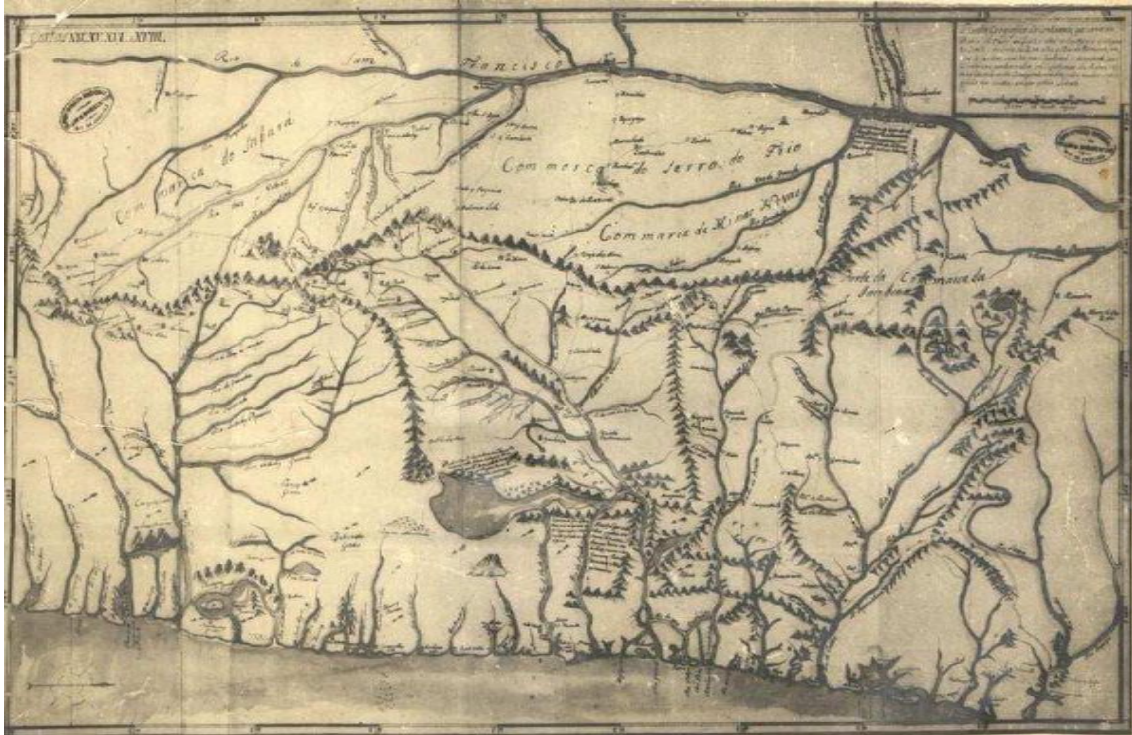
Bandeirantes paulistas descobriram um caminho entre as Vilas de São Paulo e o rio São Francisco e o denominaram de Caminho Geral do Sertão, pelo qual entraram sertão adentro, conquistando índios tapuias e alcançando Bahia, Pernambuco e Maranhão. O trânsito por esse caminho tornou-se tão freqüente que muitos bandeirantes o usaram para transportar suas famílias e se estabelecerem às margens do rio dando início ao povoamento branco²⁸.

Esses bandeirantes criaram fazendas e nunca mais voltaram para São Paulo. O rio São Francisco e seus afluentes tiveram uma importância fundamental no estabelecimento destas famílias, servindo de via de transporte de pessoas e mercadorias. Essas famílias se estabeleceram às margens destes rios, por conta do comércio que foi se estabelecendo e da pecuária desenvolvida na área. Já no século XVII era possível verificar vários currais às margens dos rios, como também portos de distribuição de sal, produto importante e raro no período colonial, necessário na preservação de alimentos como carnes e na alimentação do gado.

Os caminhos margeando os rios não eram os únicos caminhos que ligavam a região das minas à Bahia, a leste encontrava-se o caminho aberto pelas entradas de Matias Cardoso, mais a leste ainda existia outros dois caminhos, um onde situa-se a região do Rio Pardo e outro nas águas do próprio Rio Pardo, esses dois caminhos se encontravam onde hoje é Grão Mogol. A partir daí seguia-se pela Serra de Itacambira, indo em direção ao rio Jequitinhonha até chegar a região das Minas.

Além dos caminhos dos boiadeiros, outros caminhos foram aos poucos surgindo, e resultando em povoados conforme mapa abaixo.

²⁸ ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A sedição de 1736: estudos do comparativo entre a zona marginal do sertão agro-pastoril do São Francisco*, p. 95.



Mapa 3 – Planta Geográfica do Continente que corre da Bahia de Todos os Santos até a Cap. do Espírito Santo e da Costa do mar até o rio São Francisco. Fonte: (APM, [17..])

Outro elemento importante para o povoamento do sertão foi a entrada do gado baiano. À medida que o gado entrava ia aos poucos demarcando caminhos e assentando os homens num território até então desconhecido. Traçaram um caminho do litoral baiano às margens do Rio São Francisco²⁹.

Matias Cardoso de Almeida foi um dos primeiros que fundou às margens do São Francisco um arraial com seu nome, depois dos arraiais fundados por Fernão Dias, a caminho do país das esmeraldas, foi este o mais antigo do Norte de Minas. Em função de suas vitórias como expedicionário, este bandeirante conseguiu junto ao Governo Geral o direito de tomar posse da terra. Mais tarde, uma via de acesso entre São Paulo e o interior foi escrita, e se tornou um dos três caminhos que permitiam o trânsito para a área mineradora. Marques aponta outro elemento que ajudou a povoar o Norte de Minas

Apesar de a pecuária ter se expandido rapidamente, se consolidando como atividade mais relevante, a mineração também contribuiu na ocupação do território norte-mineiro. Encontrou-se ouro no rio Jequitáí, no rio Paracatu, rio Pardo (na época rio das Ourinas) e na

²⁹ VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*, p. 22.

cabeceira do rio Jequitinhonha. Daí surgindo novas povoações ao atrair grande quantidade de baianos. O diamante também foi encontrado próximo à cidade de Grão Mogol. Cada vez mais habitado, no sertão as povoações surgiam dispersas e a distância entre uma e outra era considerável. A grande extensão do território e a ausência do aparato estatal continuava a atrair aventureiros, fugitivos da justiça e negros quilombolas³⁰.

Os grandes proprietários, com uma moral política própria, detiveram o controle do excedente, resultante das atividades agro-pastoris e comerciais, concentrando, desta forma, riqueza e poder³¹.

Anastásia, afirma:

A riqueza desses grandes proprietários, aliada à ausência de autoridades naquela área, à exceção do Juiz de órfãos de São Romão e alguns poucos juizes de vintena, permitiu a consolidação de territórios de mando dos potentados e trouxe, conseqüentemente, a dificuldade para controlar o poder desses patronos e a violência, derivados da baixa institucionalização política da área³².

No século XVIII, especialmente em relação ao sertão agro-pastoril do São Francisco, o Estado português com o objetivo principal de dismantlar o poder privado, exercido pelos potentados e colocar sob o seu domínio a região, procurou dismantlar as estruturas de poder local, para dominar a região. Sem conseguir atingir seu objetivo devido a imensa distancia e ao fato da região ter se desenvolvido desde o inicio longe do aparelho tributário, a Coroa foi obrigada a tomar medidas flexíveis. Gerando um mal estar entre os potentados acostumados à liberdade de dominação de acordo com seus interesses, o que ocasionou vários levantes na região, como a Guerra dos Emboabas³³, a Revolta de Felipe dos Santos³⁴ e a Inconfidência Mineira³⁵.

³⁰ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda sertaneja*, p.24.

³¹ *Ibidem*, p.26.

³² ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A sedição de 1736: estudos do comparativo entre a zona marginal do sertão agro-pastoril do São Francisco*, p. 95.

³³ A Guerra dos Emboabas foi um confronto travado no período de 1707 a 1709, pelo direito de exploração das minas de ouro de Minas Gerais recém descobertas. De um lado tem-se os desbravadores vicentinos formados pelos paulistas, que descobriram as minas e reclamavam o direito de explorá-las, e

Os grandes proprietários de terra resistiam a uma incorporação na política administrativa, implantada na capitania, tentando escapar da fiscalização. Certamente, entendiam que seu sucesso econômico e seu poder rural fora possibilitado pela quase inexistência do poder público na região³⁶.

Como já lembramos Costa³⁷ afirma que antes mesmo da chegada dos portugueses à região, já havia “pequenos agrupamentos de africanos e seus descendentes que, fugindo da escravidão, deram origem a quilombos”. De acordo com esse autor, os grupos de africanos se localizavam, principalmente, no interior da floresta de caatinga, próxima aos vales do rio Verde Grande e cultivavam mandioca, milho, arroz, feijão e fava, além de outros produtos de subsistência. Salomão de Vasconcelos³⁸ menciona a presença de escravos fugitivos na região antes da chegada dos bandeirantes e seus ataques aos povoados em busca de alimentos. Estes povoados procuravam se proteger com verdadeiras fortalezas para se manterem seguros contra as investidas dos contraventores.

Alude ainda Antonil³⁹ ao velho arraial de Morrinhos como já existido em 1711. Daí partiam, diz ele, os caminhos margeantes do São Francisco e do rio Verde. Ora, esse povoado – o 1º desse nome era verdadeira atalaia contra os bugres e os furtadores de gado, ciganos e negros fugidos, que infestavam desde épocas remotas toda a região lindeira com a Bahia⁴⁰.

A fixação do homem se deu, exclusivamente, às margens do rio São Francisco, um dos pioneiros foi o Mestre de Campo Matias Cardoso, que depois de sua expedição com Fernão Dias foi convidado pelo governo da Bahia a combater os índios na

do outro lado um grupo heterogêneo formado por portugueses e imigrantes, muitos deles da Bahia, liderados por Manoel Nunes Viana.

³⁴ A Revolta Felipe dos Santos, também conhecida como revolta de Vila Rica, foi considerada um movimento nativista que aconteceu em 1720, movimento precursor da Inconfidência Mineira, uma reação contra o aumento da exploração colonial, que cria as casas de fundição, proibindo a circulação do ouro em pó e dava o monopólio aos lusitanos na exploração do comércio de gêneros alimentícios.

³⁵ Inconfidência Mineira, foi uma tentativa de revolta de natureza separatista abortada pela coroa em 1789. Para maiores informações sobre a Inconfidência Mineira ver MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil - Portugal, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

³⁶ Cf. ANASTÁSIA, Carla Maria Junho. *A sedição de 1736: estudos do comparativo entre a zona marginal do sertão agro-pastoril do São Francisco*.

³⁷ COSTA, João Batista de Almeida. *Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas*, p.13.

³⁸ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*, p.12.

³⁹ Antonil, foi um jesuíta Italiano que veio para o Brasil em 1681 a pedido de José de Anchieta, escreveu sobre a realidade econômica da colônia com profundidade e erudição destacando a questão da produção de açúcar, de tabaco, criação do gado e a mineração. Sobre a criação de gado e mineração utilizou informações de viajantes.

⁴⁰ VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*, p. 12.

capitania conforme Vasconcelos⁴¹, assentando um arraial com seu nome, um dos mais antigos do território.

Ainda, segundo Miranda⁴², por carta de Sesmaria, de 26 de outubro de 1652, registrada em Salvador – BA, o rei de Portugal, D. João IV, doou ao Mestre de Campo e Capitão Antônio Guedes de Brito uma sesmaria localizada no lado direito do rio São Francisco, paragens hoje conhecidas como Norte de Minas. Mais tarde, Antonio Guedes de Brito adquiriu outra sesmaria, e em 1684 ganhou outra, obtendo o título de maior latifundiário da colônia, suas terras se estendiam desde a Bahia por todo Norte de Minas. Ao longo da história sua propriedade ficou reconhecida como a dinastia da Casa da Ponte com 160 léguas de extensão de terras conforme escreve Miranda em seu livro.

Outra figura importante no povoamento do Norte de Minas Gerais foi Manoel Nunes Viana. Segundo Vasconcelos⁴³, ainda jovem muito ambicioso, obteve de Dona Izabel Maria Guedes, filha de Antonio Guedes de Brito, uma procuração lhe dando plenos poderes para representá-la e tomar conta do extenso latifúndio. Obteve também do Governador Geral o título de Mestre do Campo⁴⁴. Ele adentrou no Sertão com o objetivo de expulsar índios e outros possíveis moradores que estivessem ocupando indevidamente suas terras. Com a descoberta do ouro em Sabará, Manoel Nunes Viana viu a possibilidade de abrir um mercado comercial de gêneros para abastecer a região. Sendo profundo conhecedor das rotas entre Bahia e Minas, não teve dificuldade para iniciar-se na função de mercador. Esta nova atividade lhe proporcionou, em pouco tempo, o acúmulo de uma enorme riqueza. Figura importante por dinamizar os caminhos que ligaram a região mineradora à capitania da Bahia, proporcionando assim o povoamento no Norte de Minas. Foi a partir das rotas de comércio e dos caminhos do gado que se desenvolveram as grandes fazendas.

Outros nomes importantes neste processo, João Peixoto Viegas e Antônio Gonçalves Figueira ambos citados por Capistrano de Abreu⁴⁵ e também Domingos Dias do Prado e Januário Cardoso, esses citados por Salomão de Vasconcelos⁴⁶.

O mapa visualiza as rotas alternativas que foram sendo criadas ao longo do tempo.

⁴¹ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*, p. 19-20.

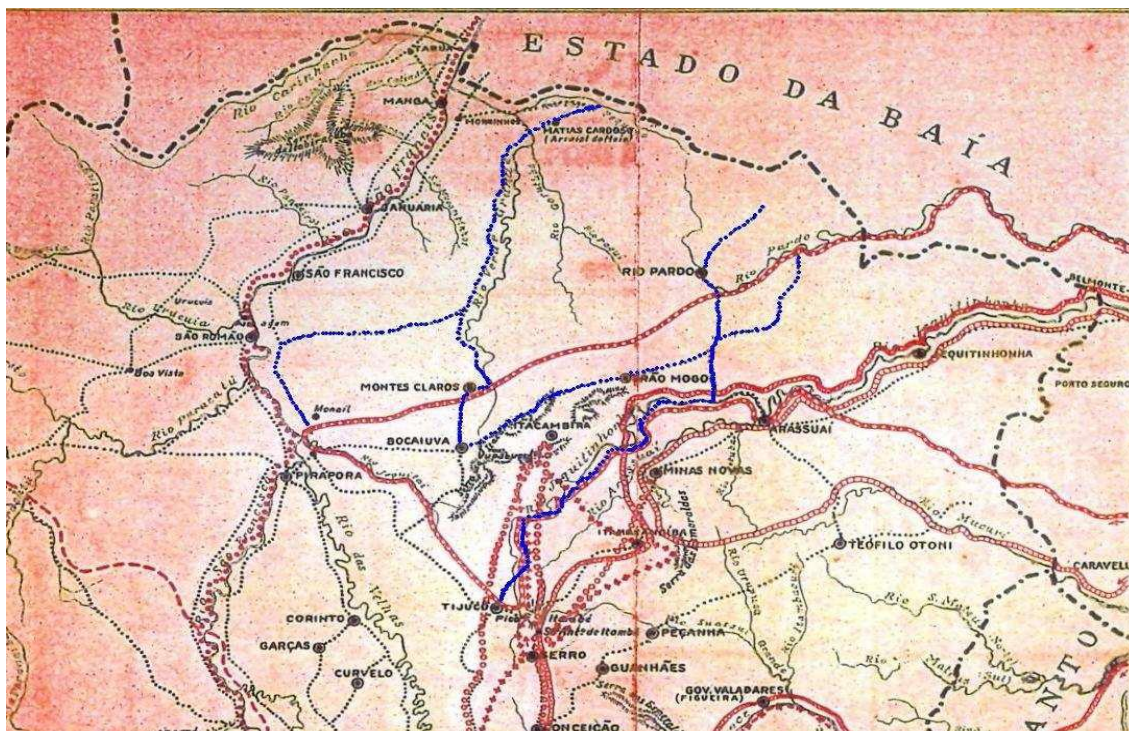
⁴² MIRANDA, Avay. *Taiobeiras: seus fatos históricos*, p. 25.

⁴³ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*, p. 23.

⁴⁴ O título significava a designação dada aos oficiais superiores do exército português até 1707.

⁴⁵ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*, p. 147.

⁴⁶ VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga de Minas Gerais*, p. 15.



Mapa 4: Rotas alternativas- Recorte de Mapa das entradas, caminhos e bandeiras de
 Fonte: VASCONCELOS, Salomão de. *História Antiga de Minas Gerais*, p. 345.

As margens do Rio São Francisco, não eram os únicos caminhos usados como rotas, havia também as rotas abertas pelos boiadeiros. Uma que podemos citar localiza-se a leste, hoje conhecida como município de Águas Vermelhas, além de outras abertas para melhor locomoção das boiadas e utilização dos pastos e também para burlar a fiscalização conforme menciona Zemella⁴⁷.

Contudo a onda de contrabando era irreprimível. Em 23 de agosto de 1707, o governador do Rio de Janeiro, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastro, denunciou a passagem de grandes partidas de negros, boiadas e cavalos carregados de gêneros que entravam nas minas, vindos da Bahia, sem pagar os direitos. Diligência alguma era suficiente para obstar tais descaminhos.

Por esses vários caminhos fluíu o comércio entre baianos e pernambucanos. Novos caminhos foram surgindo com o passar do tempo, resultando na formação de vários povoados. Já a formação de vilas teve como elemento propulsor a criação do gado.

⁴⁷ ZAMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII*, p. 71.

Diégues Jr.⁴⁸ discorre sobre a importância do gado no processo de povoamento. “Com o gado e as atividades que lhe eram relacionadas às populações foram se fixando os currais e fazendas de gado alastraram-se, tornando-se também centros demográficos e sociais”.

Foi, portanto o caminho do boi e os caminhos das águas que permitiram o desbravamento, a ocupação e o desenvolvimento do Norte de Minas. É perceptível também, que a riqueza proporcionada com as atividades de comércio e latifúndio se concentrou nas mãos de poucos. As vilas e cidades nasciam em conformidade com o pouso das tropas que ali passavam, ocorrendo uma ocupação lenta e gradual, isolada entre a Capitania da Bahia e a Capitania de São Paulo.

Encontravam-se duas figuras hegemônicas na região a do fazendeiro e a do vaqueiro, as relações entre eles eram assimétricas.

Um dos primeiros núcleos de povoamento foi o arraial de Morrinhos, fundado por Matias Cardoso, no século XVII, citado por Salomão de Vasconcelos e vários outros historiadores. Nos séculos seguintes foram surgindo os arraiais de Brejo do Amparo (atual Januária), São Caetano do Japoré (atual Manga), Paracatu e Santo Antônio da Manga (atual São Romão). Na segunda metade do século XVIII surgem novos arraiais, entre eles, Formigas (atual Montes Claros), Serrinha (atual Grão Mogol) e Rio Pardo (atual Rio Pardo de Minas), no século XIX surgem vários povoados que depois de serem elevados a município, destacaram-se na região, como Santo Antônio das Salinas (Salinas) e Vila Nova do Jequitai (Bocaiúva), conforme afirma Barbosa⁴⁹.

Esses povoados e vilas nasceram a partir de um encontro múltiplo, de um lado desde as primeiras expedições já era possível observar a presença de nativos de vários troncos de origem, do outro apoiado em Costa⁵⁰, já havia na região a presença de escravos negros, fugidos das lavouras de cana do Nordeste, em áreas isoladas daquele território. As comunidades criadas mantinham um contato entre si para proteção do território negro, gerando uma rede de parentesco. Com a chegada dos bandeirantes e dos tropeiros esta relação se enriquece e a heterogeneidade se acentua, dando início ao nascimento de uma pluralidade étnica. Darcy Ribeiro descreve com precisão esta dinâmica.

⁴⁸ DIÉGUES JR., Manuel. *Regiões culturais do Brasil*, p. 150.

⁴⁹ BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*, p. 15.

⁵⁰ COSTA, João batista de Almeida. *O Ser da Sociedade Sertaneja e a Invisibilização do Negro no Sertão Norte dos Gerai*, p.88.

Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. (...) A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos⁵¹.

Do sul vieram os paulistas trazendo consigo o sangue e a cultura dos europeus além de índios e escravos negros de outras regiões. No entanto, a dominação européia não conseguiu eliminar as culturas indígenas e africanas, muito pelo contrário o europeu deixou-se influenciar pela riqueza dos costumes dos índios e negros.

No início do século XIX, a violência era uma realidade incontida, originando assim um processo de crescente isolamento do Norte de Minas, que só foi totalmente rompido em meados do século XX. Até o século XIX, o Norte de Minas recebeu um grande contingente populacional proveniente da área mineradora decadente.

São eles funcionários do Império que levam para a região toda a estrutura estatal, até então ausente. Essas famílias, a partir de então, assumem o poder político e, por consequência, também o poder econômico da região. Além destes alguns padres belgas chegam para civilizar a sociedade local, junto com imigrantes italianos conforme apontamento de Costa ⁵², que destaca que mesmo sem desconsiderar tal influencia, a evidência maior se dá do encontro dos traços marcantes do índio, do negro e do português. Essas três principais correntes étnicas demarcam a identidade singular do norte mineiro. Para entender essa particularidade apresentada, temos de perguntar pela identidade da região. Hoje, a palavra identidade é bastante discutida na teoria social em contraposição as velhas discussões que estabilizaram o mundo social. O sujeito, antes entendido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não- resolvidas. De acordo com Hall⁵³, esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ai então, o termo identidade pode ser utilizado

⁵¹ RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, p. 20.

⁵² COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos*, p. 24.

⁵³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p. 75.

para expressar, de certa forma, uma singularidade construída na relação com outros homens.

A identidade no Norte de Minas, construída a partir das fragmentações das diversas culturas, foi se moldando de acordo com as vivências e necessidades destes homens. Identidade evidenciada pelo sotaque meio baiano e meio mineiro, a qual Costa refere-se como "Baiano". Os novos habitantes, pela pecuária e pela mineração de diamantes, se integram na dinâmica econômica e social do sertão. Que passa a explorar efetivamente seus recursos naturais além dos artigos derivados do boi, como o couro. O sertanejo dedica-se à atividade algodoeira e à extração do látex. Pensamos, também, que entre a Sedição de 1736⁵⁴ e os anos 50 do século XX, o isolamento e o descaso do Estado pela região contribuíram para o desenvolvimento de uma identidade⁵⁵ própria da região, como afirma o antropólogo norte-mineiro João Batista de Almeida Costa⁵⁶:

Enquanto na região das minas gerais a exploração do ouro e a ampliação do escopo administrativo colonial propiciam estabelecer uma sociedade complexa, com diversificação das funções urbanas e a gênese de uma estratificação social, no norte sertanejo o chamado isolamento do sertão sanfranciscano torna propício a consolidação de uma sociedade distintamente hierarquizada, possibilitando a instauração de dinâmicas sociais específicas pela ausência da administração colonial, que aí se faz presente apenas em momentos de tensões sociais⁵⁷.

1.1.2. Montes Claros: a Princesa do Norte

Pela versão mais aceita, seu nascimento aconteceu em 1707, quando Antônio Gonçalves Figueira obteve Alvará de Sesmaria, e implantou a Fazenda Montes Claros.

⁵⁴ Com a Sedição de 1736 ficou evidente a postura dos grandes proprietários de terra da região em se negarem a serem incorporados à ordem político-administrativa que estava sendo estendida ao sertão do São Francisco, ordem essa "corporificada no avanço da máquina tributária metropolitana através da cobrança da taxa de capitação." Cf. (ANASTASIA, *A sedição de 1736: estudos do comparativo entre a zona marginal do sertão agro-pastoril do São Francisco*, p.75). Assim, a Sedição de 1736 revela um duplo registro. "Por um lado, pode-se afirmar que o movimento dos poderosos derivou da decisão metropolitana de estender o sistema de capitação ao Sertão, o que provocaria uma diminuição do excedente realizado e apropriado pelos grandes proprietários de terra do norte mineiro. Por outro, e o que nos parece mais fundamental, o movimento foi fruto do confronto entre o poder público e a ordem privada". (*Ibidem*, p.79)

⁵⁵ A intenção é apresentar o Ethos – o modo de ser de um povo- característico do Norte de Minas. Que de acordo com a sociologia se caracteriza pela síntese dos costumes de um povo, aspectos que indica um ponto de vista cultural e social presentes numa sociedade que a torna única diferente de outras. Seria assim uma identidade social comum a uma comunidade.

⁵⁶ COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos*, p.295.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 296.

Quanto ao município de Montes Claros, este foi criado em 13 de outubro de 1831 e implantado em 16 de outubro de 1832, quando tomou posse a primeira Câmara Municipal, obtendo assim sua emancipação político-administrativa do Serro.

O Cel. José Pinheiro Neves primeiro presidente da Câmara Municipal, assumiu as funções de administrador do município (Agente Executivo), cargo equivalente ao de "prefeito" atualmente. Conforme descreve em seu site a memorialista Yara Tupinambá⁵⁸, a cerimônia foi marcada por grande festa nos arredores da Câmara Municipal e logo mais, festa na Casa do Cel. Pinheiro Neves, no Largo da Matriz (atual Praça Dr. João Alves, também conhecida como Praça da Matriz), residência que abriga o Palácio Episcopal, que ainda hoje mantém quase a totalidade de suas características originais.

Em 3 de julho de 1857, o município mudou de nome, de "Montes Claros de Formigas" para "Montes Claros", pois havia outro município denominado Formigas na Província (Estado) de Minas Gerais.

Historicamente,⁵⁹ Montes Claros está inserida em uma das regiões de incursões mais antigas, senão a mais antiga de Minas Gerais – a rota de entradas e bandeiras do norte e, também na rota dos tropeiros que vinham da Bahia, trazendo suas boiadas.

A cidade é cortada por vários córregos e rios, sendo os principais o Rio Verde Grande e o Rio Vieira. A área urbana é cortada pelo Rio Vieira, afluente do Rio Verde Grande, cuja bacia integra a Bacia do Rio São Francisco. O município possui grande vocação agropecuária, tem ao longo dos anos experimentado um sólido crescimento nas áreas de indústria, comércio e serviços. Como manifestação cultural podem-se destacar as Festas de Agosto tendo como homenageados Nossa Senhora do Rosário, o Divino Espírito Santo e São Benedito festas de louvor popular em que atuam os Catopês, Marujos e Caboclinhos, representando as três etnias que compõem o povo brasileiro.

O município de Montes Claros apresenta-se como um lugar marcado pelos contrastes de um povo constituído pela junção de diversas etnias. A simplicidade do estilo de vida das pessoas é outra referência, como a riqueza religiosa e cultural que retrata a diversidade. Tem o sol, o calor, a seca seus espectadores da luta pela sobrevivência.

A música de Georgino Junior, com a colaboração de Gustavo Mameluke, reflete bem esta nostalgia que todo montesclarensense sente quando se encontra longe de sua origem, mesmo com toda adversidade do sertão Norte Mineiro. Conhecida como música símbolo

⁵⁸ Yara Tupinambá, é jornalista e escritora. www.yaratupynamba.org.br/ acessado em 22 de Novembro de 2011

⁵⁹ PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas. Montes Claros*, p. 63.

da cidade, retrata o cotidiano do Montesclarenses fiel as tradições e à religiosidade presente nas festa, relembra, ainda, como esta terra fica impregnada nas lembranças e no sentimento de seus filhos:

Montesclareou

Montes Claros, montesclareou
Meus olhos cegos de poeira e dor
Tudo é previsto pelos livros santos
Que só não falam que o sonho acabou
A marujada vem subindo a rua
Suores brilham nos rosto molhados
Agosto chega com a ventania
Cálice bento e abençoado
A dor do povo de São Benedito
No mastro existe para ser louvado
Louvado seja o Santo Rosário
Louvado seja poeira e dor
Louvado seja o sonho infinito
E mestre Zanza que é cantador..⁶⁰

Na letra e música desta canção os autores buscaram refletir o espírito do ser Norte mineiro, religioso, tradicionalista e dominador.

Maria Ângela Figueiredo Braga⁶¹ afirma que Montes Claros recebeu um crescimento significativo graças a diversos fatores, entre eles a centralidade geográfica. A cidade gradualmente se transformou num centro comercial, centro político e administrativo, centro religioso, centro de serviços médicos e centro de cultura e difusão de informações. Todo Norte de Minas usa a centralidade da cidade como elo de ligação com

⁶⁰ CD Raízes de Tino Gomes e Georgino JR.

⁶¹ BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. *Industrialização da área da SUDENE*- Um estudo de caso: Montes Claros.

outras partes do Brasil.

No século XX, com a implantação da ferrovia tem-se início a quebra do isolamento do território norte-mineiro, as cidades de Montes Claros e Pirapora tornam-se entrepostos comerciais, devido a localização geográfica, a chegada da ferrovia e o processo de industrialização que se inicia. A ferrovia integra o Norte de Minas na dinâmica econômica do país e, progressivamente, apesar de lento, o processo de modernização da região se inicia para, efetivamente, ocorrer nos anos 60, com a integração do território à área mineira da SUDENE⁶², o que provocou uma explosão demográfica. Neste período, cidades, como Montes Claros, receberam milhares de sertanejos. Desagregadas no campo, as relações são reafirmadas na cidade, na medida em que os sertanejos, que para cá se mudavam, atraíam também seus parentes, e traziam seus hábitos e costumes.

Apesar das transformações próprias do mundo globalizado, alguns aspectos culturais do universo sertanejo foram mantidos, sendo identificados e assimilados como próprios da cultura Norte Mineira.

Como apontamos o processo de povoamento do sertão norte mineiro se deu pelo encontro de duas vertentes culturais: a cultura nordestina e a cultura do sudeste. Veremos, em seguida, que sua Umbanda seguiu o mesmo caminho, sendo formada pelo encontro de duas vertentes cosmológicas. No entanto, esclarecemos, que devido à especificidade da nossa pesquisa não pontuaremos a Umbanda do sudeste, a alusão a ela será feita somente de forma metodológica. Destacaremos em seguida, figuras que foram importantes para formação social do Norte de Minas

1.2. Constituição Social do Norte de Minas: aspectos importantes

O Vaqueiro, o Tropeiro, o Boiadeiro e o Coronel são quatro figuras relevantes na constituição social do Norte de Minas. Reflexo do povoamento e da importância agro-pastoril da região. Segundo Capistrano de Abreu⁶³, o vaqueiro era o responsável em amansar e ferrar os bezerros curá-los das bicheiras, escolher os melhores pastos, abrir cacimbas e bebedouros. É ele que passa noites em claro, muitas vezes debaixo de chuva, esperando a vaca parir o bezerro. Segundo esse autor, é só a partir de quatro ou cinco

⁶² SUDENE. Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. Cria-se então as condições para a industrialização se desenvolver.

⁶³ ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*, p. 63.

anos de serviço que o vaqueiro começa a receber pelos serviços prestados, ganhando como recompensa a quarta parte do gado, podendo assim fundar sua própria fazenda. Para as pessoas que viviam de tal atividade, constituía-se um prêmio receber algum dia o nome de vaqueiro, sinônimo de fazendeiro—título honorífico entre eles. Vasconcelos⁶⁴ reconhece tal importância quando cita:

No particular, portanto, da casa Mineira, como dizíamos, o precursor dos caminhos, o povoador ancestral, foi incontestavelmente, o vaqueiro do norte, a cujo esforço, conjugado logo depois com o do bandeirante do sul, devemos precipuamente os alicerces da independência econômica, da ocupação territorial e da civilização do planalto.

Já a figura do Tropeiro é responsável por guiar uma tropa de burros ou mulas, carregada de gêneros de toda espécie, de um local para outro. A palavra "tropeiro" deriva de tropa, numa referência ao conjunto de homens que transportavam gado e mercadoria no Brasil colônia. O termo tem sido usado para designar principalmente o transporte de gado. Conforme Souza⁶⁵ sua importância está nos serviços prestados: a manutenção do comércio e a ligação dos núcleos de povoamento.

Vale recordar que foi nesse século [o XVIII] que apareceram e se generalizaram em certas regiões do Brasil as famosas 'tropas de muare' que, daí por diante, até o fim do século XIX e mesmo nos anos transcorridos do séc. XX, dividiram com os carros de bois as tarefas dos transportes por terra no interior do Brasil....foram os carros de bois e as tropas os únicos meios de ligação dos núcleos de povoamento entre si e entre eles e as roças e lavouras. De outra forma não se venceriam os obstáculos naturais.

Eles viajavam grandes distâncias, durante semanas seguidas, conduzindo gigantescas tropas de gado. Criou-se assim um novo meio de transporte, a tropa, espécie de caravana das matas, geralmente em fila indiana, conduzida pelo tropeiro e dividida em lotes, cuidados por um auxiliar do tropeiro. A tropa pertencia ao tropeiro e ele

⁶⁴ VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*, p. 22.

⁶⁵ SOUZA, Bernardino Jose de. *Ciclo do carro de bois no Brasil*, p. 94.

alugava os seus serviços, o frete. Os veículos não eram caminhões-boiadeiros, mas pequenas mulas, que cumpriam com valentia o trabalho. Segundo Nelson de Faria⁶⁶, eles foram os primeiros carteiros, pois as correspondências só chegavam ao destino por intermédio deles. Traziam também as miudezas, utilidades e quinquilharias para agradar as mulheres, que esperavam ansiosas as novidades. A saudade de casa, a falta de notícias da família, o sofrimento físico no caminho, tudo isso fazia parte da vida dos tropeiros, homens que se arriscavam para impulsionar o desenvolvimento do Brasil.

O Boiadeiro, figura que marcou o sertão, conduzia a boiada de um lugar para o outro em busca de água e pasto. Aqueles de maior confiança, ainda faziam a venda e a compra do gado, além de abrir muitas trilhas por todo sertão a fora. Esse papel geralmente era delegado ao índio que vivia a mais tempo nas fazendas e tinha a confiança do fazendeiro ou do coronel. Conforme declara Holanda⁶⁷:

Se os vaqueiros às vezes maltratavam os aborígenes e surrupiavam-lhes suas terras, muitos ameríndios encontram emprego nas fazendas. Muitas vezes trabalharam como boiadeiros com o gado enviado em longa fila para o mercado de Salvador – embora se saiba que nem sempre lhes pagavam a taxa devida pela sua tarefa.

O Coronel era o proprietário de um grande latifúndio, além de ser o detentor do poder econômico e político da região. É ele quem decide arbitrariamente vários assuntos dando o veredicto final em questões relacionadas às contendas dos moradores. Sem o aparato da Coroa, o Coronel assume o papel de juiz.

A importância que damos a constituição dessas figuras que marcaram a comunidade Norte Mineira deve-se ao fato de serem personagens que deixaram marcas profundas na cultura norte - mineira.

1.2.1. Presença do gado – O Boiadeiro

Um dos elementos significativos presente na cultura norte mineira foi o uso do material derivado do gado, tanto no aspecto visual como no social. Não é de se estranhar a forte presença da entidade boiadeiro no Centro de Umbanda Tupinambá. Ele relembra, representa aqueles que trabalhavam a terra e tocavam o gado pelas estradas do interior do Norte das Gerais, em condições muito difíceis.

⁶⁶ FARIA, Nelson de. *Baze estórias sertanejas*. p. 46.

⁶⁷ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*, p. 56.

Eles chegam utilizando chapéus de vaqueiros, laços de corda e chicotes de couro, são ágeis e costumam chegar aos terreiros com sua mão direita levantada, girando, como se estivesse laçando, esbravejando a inconfundível toada "êêêê boi", como se ainda estivessem tocando seu rebanho. A eles são oferecidos uma boa comida da roça e bebida simples, como a cachaça pura e às vezes com ervas.

A magia de sua gira é inconfundível, as histórias que trazem na bagagem são tão fascinantes como importantes no exemplo que dão. O Boiadeiro traz consigo as lições de um tempo onde o respeito aos mais velhos e a natureza, a família e aos animais, enfim, a boa educação e bons costumes falavam mais alto e faziam muito mais diferença do que nos dias de hoje. Portanto, se faz necessário entender como o homem sertanejo lida com esta questão no seu imaginário religioso e passa a refletir esse contato no seu cotidiano social.

A interação do homem com os objetos reflete as relações e a apropriação que ele faz da natureza. Viviane de Lima Moraes⁶⁸, na sua tese de doutorado, analisa a presença do boi na vida do homem nordestino. Ela descreve como o homem resignificou a convivência com o animal, estabelecendo o equilíbrio no âmbito simbólico para sua sobrevivência. O boi é para o homem um signo importante dentro do histórico da domesticação do reino animal. Animal representativo da servidão⁶⁹ sua adequação ao arado e a diversos outros equipamentos, permitiu a evolução da humanidade. Criou-se em torno desse animal um campo imaginativo que explora o seu caráter adaptável e condicionável ao universo do trabalho. Assim, a relação entre homem e boi comporta aspectos sociais e simbólicos.

Enfim, é possível notar no trabalho das expedições e no início do povoamento a presença do gado. A pecuária foi um elemento econômico de fundamental importância para estabelecer o homem norte mineiro. Introduzido nas capitanias a partir de 1534, vindo das ilhas portuguesas do Atlântico, em particular Cabo Verde, o rebanho acabou concentrando-se no sertão nordestino e no sul do país e tornou-se fundamental para o abastecimento no momento da expansão da colônia. Prado Junior cita os fatores que permitiram a expansão da pecuária no sertão norte mineiro.

A vegetação pouco densa da caatinga, que permite o estabelecimento do homem sem preliminar algum de desabastecimento; o relevo úmido que se estende por largas chapadas; a presença freqüente de afloramentos salinos

⁶⁸ MORAIS, Viviane de Lima. *Da subjetividade do homem à materialidade do boi: Recriando Áfricas na diáspora*.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 115.

que fornecem ao gado os chamados ‘lambedouros’ onde ele se satisfaz deste alimento indispensável ⁷⁰.

Foi na Bahia, a primeira área na qual se estabeleceram as fazendas de gado no século XVII e logo após atingiu a região do São Francisco e a partir daí seguiu para duas direções: para o Sul acompanhando o curso do Rio e atingindo a região de Minas Gerais e para o Norte, chegando ao Piauí.

O couro, artigo derivado do gado, gerou uma cultura peculiar. As portas da cabana, o leito rude aplicado ao chão duro onde o sertanejo descansava, o moco e alforje para levar a comida, a maca para guardar a roupas, a mochila para milhar cavalo, a bainha das facas tudo era produto advindo do boi. A figura do homem sertanejo era imediatamente reconhecida por sua vestimenta e aparelhagem.

É sabido que o homem desenvolve hábitos, modo de vida e visão de mundo conforme a história, o tempo, o espaço geográfico, a fauna e a flora em que está inserido. O homem norte- mineiro também desenvolveu costumes vitais relacionados ao seu contexto histórico-geográfico⁷¹.

No entanto, sua contribuição não se reduz à economia, se estende à cultura. Não podemos esquecer que o homem como ser cultural produz cultura no fazer, no agir e principalmente no que se refere à sua sobrevivência. Na Umbanda Sertaneja é possível vislumbrar o elemento boi ⁷²como veremos, no capítulo terceiro ao abordarmos o Centro de Umbanda Tupinambá. O boi está presente na cosmologia deste centro e acreditamos que também na Umbanda Sertaneja, uma vez que este centro participou da sua formação. Acrescenta-se, também, a questão do ethos sertanejo, que está intrinsecamente relacionado a alguns aspectos próprios do sertão do Norte de Minas como por exemplo o boi e a autonomia do sertanejo.

Para Marques :

No imaginário social brasileiro, Minas Gerais é uma realidade vinculada ao ouro colonial. A imagem mental daquele que invoca seu signo é a de uma paisagem composta por montanhas e cidades históricas. No entanto, esta imagem não se aplica ao sertão norte-mineiro. Esta região requisita um outro signo. Sua imagem está associada aos Currais da Bahia, a pecuária, aos

⁷⁰ PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*, p.29.

⁷¹ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 33.

⁷² *Ibidem*, p. 36.

fazendeiros, ao clima quente, à poeira solta, ao chapéu de couro que protege o vaqueiro solitário tocando a boiada. De acordo com Costa, o homem sertanejo “organiza seus modos de comportamento, sua reprodução, suas crenças e lendas numa cosmovisão marcada pela presença do boi”⁷³.

A autora sugere um estudo mais profundo sobre o modo de vida norte – mineiro para elucidar sua história e sua identidade. Nas palavras da autora, “a existência individual retrata a existência de um território que mais que uma região é a morada, o modo de vida, o sertão é espaço mítico que traduz a vida de quem nele vive”⁷⁴.

Além da presença significativa do boiadeiro nos terreiros de Umbanda, temos ainda outros personagens significativos na constituição do Norte de Minas.

Ao destacar a presença de mulheres fortes na região, podemos entender melhor um dado colhido na pesquisa de campo, o terreiro por nós estudado teve apenas mulheres como líderes.

1.2.2. Mulheres fortes

Na historiografia a presença das mulheres sempre ficou circunscrita a criação dos filhos e aos cuidados domésticos, já no Norte de Minas os relatos que apresentaremos logo abaixo nos mostrarão a trajetória de mulheres fortes que tiveram que abrir mão do título de sexo frágil para sobreviver no ambiente hostil e violento do sertão. Elas tiveram uma participação ativa, algumas até foram personagens de destaque de certos eventos. Foi com muita dificuldade que elas possivelmente conseguiram reverter o quadro do espaço hostil em espaço seguro para que sua prole pudesse viver. Buscaremos entender como foi construído este espaço a partir dos aspectos de pertença.

Segundo Stuart Hall⁷⁵, a identidade cultural enfatiza os aspectos de nossa pertença, que produz novos modelos de conhecimento, surgidos a partir de um somatório do que existia anteriormente nas histórias e na memória, que servem de referência para construir a identidade que consiste num aglomerar signos, referências e influências. As mulheres que deram início ao povoamento não deixaram registros reveladores de suas ações, no entanto Del Priore⁷⁶ nos lembra uma variedade de condutas femininas que contrariaram as normas hegemônicas e estabelecidas.

⁷³*Ibidem*, p.33.

⁷⁴MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 34.

⁷⁵HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, p. 89.

⁷⁶DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades*

Em contraste, com a situação das escravas, as mulheres livres, forras, mestiças, diante da movimentação constante do contingente masculino, encontravam-se freqüentemente à proa do fogo doméstico; as uniões não sacramentadas eram a maioria, e a monogamia certamente inexistente entre aqueles homens que percorriam longas extensões do território. As mulheres tiravam vantagem deste espaço social no qual estavam confinados, revertendo, em seu benefício toda autoridade na falta de seus homens. Elas tiveram que construir uma identidade autoritária. Num território marcado pela violência, pela solidariedade pela liberdade e pela tensão entre o bem e o mal. Nas idas e vindas do homem na lida com o gado, essas mulheres se viam como detentoras do poder. Potentadas⁷⁷ da família, da propriedade e do saber religioso.

Como identificar o papel de mulheres que transgrediram a formação social patriarcal do Norte de Minas?. Como essas mulheres foram capazes de se manter na liderança de uma instituição, burlando um espaço dominado por homens ao longo do tempo que reproduziam o comportamento dos poderosos, dos coronéis da terra? Gerando um mandonismo local.

Linda Woodhead, socióloga estudiosa do papel e da participação da mulher na sociedade, relembra-nos que as mulheres, apesar de não ocuparem o mesmo espaço social e tampouco participarem das mesmas instituições sociais que os homens, e que mesmo que o façam, elas freqüentemente o fazem de maneira diferente, exercendo um papel de liderança com pulso forte. Para a autora:

As mulheres podem ocupar estes espaços por várias razões: porque eles provêem um capital social e cultural, permitem formação de identidade, oferecem formas particulares de permissão e porque eles permitem às mulheres articularem suas esperanças, medos desejos e convicções morais – entre outras coisas⁷⁸.

Do início do povoamento até meados de 1920, grande parte das mulheres eram analfabetas, poucas freqüentavam a escola. O destino da maioria era o casamento, para lavar, passar, cozinhar, servir ao marido e criar os numerosos filhos, não era necessário ir à escola. Muitos casamentos eram arranjados pelos pais e normalmente casava-se com os primos para perpetuar o nome da família. Quando ficavam viúvas, cobriam-se de luto pelo resto da vida. Sua existência resumia-se em ir à igreja (onde os homens sentavam-

no Brasil colônia, p. 23.

⁷⁷ Ângela Cristina Borges Marques aplica o título de potentados às mulheres que destacaram e sobreviveram numa região, onde o homem exercia uma postura patriarcal.

⁷⁸ WOODHEAD, Linda. *Mulheres e gênero: uma estrutura teórica*, p. 2.

se na frente e as mulheres atrás), visitar os parentes e cuidar dos filhos. As diversões e festas estavam proibidas. Por não possuírem mais um marido para acompanhá-las, uma mulher viúva jamais poderia sair sozinha. As separações conjugais eram difíceis, tinham que cumprir seu papel de esposa, mãe e mulher. Sofria em silêncio a dor da traição, a dor do abandono, a dor da violência física, mental e social. A honra era lavada com sangue.

Lentamente, com o passar do tempo, algumas modificações foram sentidas: na década de 40 podiam-se encontrar algumas corajosas mulheres trabalhando no serviço público, ao lado dos homens. Várias jovens, após cursar o primário na Escola Eliseu Laborne, procuraram galgar degraus mais altos e foram estudar em Belo Horizonte ou Diamantina. Porém, a maioria permanecia apenas com o curso primário. Nos anos 50, quando foi aberto o ginásio na cidade, as mulheres começaram a frequentá-lo. Inúmeras barreiras começaram cair, preconceitos eram rompidos. Jovens dispostas a progredir não deixaram escapar a oportunidade.

No entanto, não se pode esquecer-se das primeiras mulheres sertanejas que lutaram e ajudaram a construir com suor e abnegação essa bela terra. Primeiro, elas geraram os filhos e netos que hoje formam nossa sociedade. Segundo, porque tiveram a coragem de quebrar barreiras e romper tabus. Relembremos no povoamento do Norte de Minas a condição das mulheres.

Com a descoberta do ouro em Minas Gerais, de acordo com os historiadores Ronaldo Vainfas e Laura de Melo e Souza⁷⁹, a maior parte da imigração foi das pessoas vindas para a região eram originárias do Minho uma região agrária localizada no noroeste de Portugal. De início, a Coroa Portuguesa incentivou a ida de minhotos pobres para o Brasil, onde se fixaram principalmente na região de Minas Gerais e na Região Centro-Oeste do Brasil, onde foram encontradas minas de ouro. Vinham em busca de fortuna e com intenção de mudar de vida. Com estas pessoas vieram muitos fidalgos em busca de fortuna e também perseguidos da justiça e da inquisição. Chegavam ao Brasil depois de meses de viagem sem parentes nem amigos, aportavam nas cidades costeiras da Bahia e penetravam no sertão com a ajuda dos tropeiros.

A corrida do ouro, de acordo com Ronaldo Vainfas, teve um efeito decisivo para o Brasil. De apenas 300 mil habitantes, a colônia saltou para uma população de 3,6 milhões de pessoas em apenas cem anos, graças ao afluxo de colonos portugueses e

⁷⁹ Laura de Mello e Souza. No seu livro *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial* e Ronaldo Vainfas. *Trópicos dos Pecados*.

escravos africanos. O interior do Brasil foi povoado graças a esse fenômeno, percebe-se que entre a minoria branca de Minas Gerais predominavam os valores e costumes das províncias do norte rural português, especialmente do Minho e estes costumes se assemelhavam com os já presente nos primeiros habitantes que desbravaram e povoaram o Norte de Minas. No Norte de Portugal havia a predominância de mulheres entre a população e uma grande porcentagem de casas chefiadas por mulheres, o mesmo acontecia em Minas Gerais, já que os homens ficavam muito tempo nos pastos cuidando do gado, ou levando o gado de um pasto para outro, ou ainda viajando para outras províncias para vender o gado. No final do século XVIII, vamos encontrar muitas mulheres gerindo e defendendo o lar. A maioria parte delas eram escravas ou mulheres brancas pobres vindas de Portugal com suas famílias em busca de oportunidades⁸⁰.

O historiador Antônio Augusto de Lima Júnior escreve que

Ao contrário do que se verificou em outras partes do Brasil, nas Minas Gerais se constatou o fenômeno de uma integral transplantação do espírito e da civilização portuguesa⁸¹.

Apesar da miscigenação generalizada entre homens portugueses e mulheres africanas que se deu na capitania mineira, os mestiços acabavam adotando a língua, os costumes, a religião e a mentalidade do pai português.

A igreja ainda castrava a sexualidade feminina, com uma moral que via pecado em tudo o que dizia relação ao corpo. A sexualidade e a fertilidade femininas eram vistas como uma ameaça à honra e um perigo, requerendo o controle do homem. A vergonha era um código moral para sancionar a virgindade e a castidade. Se a mulher envergonhasse o homem, este a repreenderia pelo seu comportamento com o objetivo de recuperar a honra.

Avançando um pouco no tempo, somente no século XVIII, o amor romântico se torna o ideal de casamento, o erotismo começa a expulsar a reserva tradicional das mulheres que se casavam para satisfazer a vontade da família, deixando seus sentimentos sufocados, colocando à prova a duração do casamento. Já no século XIX e

⁸⁰ Maria Odila Dias no livro *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, chama a atenção para o papel exercido pelas mulheres só na cidade, papel esquecido pela historiografia. Para Dias, na “época da Independência, sabia-se que quase 40% das moradoras da cidade eram mulheres só, chefes de família, muitas delas concubinas e mães solteiras.cf. DIAS, Maria Odila. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, p. 30.

⁸¹ JUNIOR. Antônio Augusto de Lima. *A Capitania de Minas Gerais: suas origens e formação*, p. 63.

XX a nascente sociedade moderna inicia a discussão sobre os gêneros. O sexo vai então definir as diferenças entre macho e fêmea, e o conceito de gênero vai ser construído para referir-se à construção cultural das características masculinas e femininas.

No Norte de Minas as mulheres passaram bravamente por todos estes estágios e conseguiram apesar de todas essas ressalvas chegar no século XX. O progresso delas está intimamente ligado a sua incessante luta em busca de uma identidade própria. Nos anos 70 e 80, novos espaços foram abertos, tanto no campo como na cidade. A economia cresceu muito. Sendo que cerca de 80% da mão de obra era feminina. Trabalhavam de 8 a 10 horas por dia.

O curso superior começa a ser uma realidade para as mulheres sertanejas. O sonho da universidade não está mais tão distante. E assim, dezenas dessas aguerridas mulheres (solteiras e casadas) lotaram a universidade de Montes Claros atrás de melhores oportunidades.

Tendo presente esse processo histórico ocorrido no Norte de Minas, retornaremos ao passado e relembremos figuras femininas que se destacaram na história da região. Essas mulheres foram ícones, que sobreviveram a violência e a hostilidade, elas adotaram um tipo de comportamento que serviu de modelo para as futuras gerações. Destacaremos a seguir a história de três mulheres que deixaram um legado de bravura, firmeza e coragem.

Dona Maria da Cruz

Hermes de Paula⁸² e Diogo Vasconcelos⁸³ nos deixaram breves relatos de dona Maria da Cruz. Pertencente à família da Torre, e casada com Salvador Cardoso de Oliveira, sobrinho de Matias Cardoso de Almeida, fundador das Comunidades de Morrinhos, Amparo e São Romão, além de outras menores nas barrancas do Rio, como Porto de Salgados (hoje Cidade de Januária). Tinha uma filha casada com Domingos Martins Pereira, que era irmão do Vigário Geral da Bahia.

Ela era uma pessoa magnanima, caridosíssima, dotada de um espírito verdadeiramente cristão. A casa grande de sua fazenda, em Pedras de Baixo era um orfanato. Maria da Cruz sustentava e cuidava dos enfermos e inválidos, provia a educação dos menores, pagando os mestres de leitura, música e ofício. Casava as moças e empregava os jovens. Mantinha o culto religioso na capela da fazenda. Era a vida e alma daquela região. A sua Fazenda Pedras de Baixo era administrada com maestria

⁸² PAULA, Hermes Augusto. *Montes Claros – Sua História, Sua Gente e Seus Costumes*, p. 45.

⁸³ VASCONCELOS, Diogo. *Histórias Antigas de Minas*, p. 66.

Na revolta contra a cobrança pelos quintos atrasados pelo Governador Martinho Mendonça, ela e seu filho Pedro Cardoso de Oliveira, foram considerados as cabeças do movimento por causa do prestígio que desfrutavam nos altos sertões do São Francisco e Rio Verde.

Tudo começou, quando o filho do Mestre de Campo Antônio Gonçalves Figueira, fundador das Fazendas: Brejo Grande, no Rio Pardo, Olhos D'água e Boa Vista, em Gameleira, Jaíba, no Rio Verde, e Fazenda dos Montes Claros, foi preso na Fazenda dos Montes Claros, onde estava residindo como administrador da mesma, desde que o seu pai voltou para a sua Vila natal, Santos, onde pretendia passar o resto dos seus dias ao lado dos amigos e parentes.

A prisão de Antonio Gonçalves Figueira na Fazenda dos Montes Claros não tem registro, segundo Diogo de Vasconcelos, no seu livro “*Histórias Antigas de Minas*”⁸⁴. Tudo ocorreu por causa da devassa, que era como se chamava a cobrança dos impostos atrasados, o quinto. Tudo começou quando o Rei de Portugal designou para Governador da Província de Minas Gerais, o Fidalgo Português Gomes Freire de Andrade, em 1735. Gomes Freire era um homem maneiroso, que apoiado no prestígio do seu nome, aliado ao bom senso e uma boa dose de tolerância, resolveu não cobrar os quintos atrasados, norma imposta pelo Rei de Portugal, conseguindo com isto exercer a lei dentro da boa ordem e normalidade.

No entanto, Portugal queria mais ouro. Insatisfeito com a administração de Gomes Freire, chamou-o ao Rio de Janeiro e mandou em seu lugar governar Minas Gerais, o truculento Martinho Mendonça, com a incumbência de receber os impostos atrasados. Ele para intimidar os contribuintes que estavam em atraso com os impostos cobrados pelo Rei, o quinto, especialmente depois que a produção do ouro na Província entrou em declínio, resolveu que todos os cidadãos daquele momento em diante teriam que pagar o quinto para que a arrecadação na Colônia não tivesse uma queda acentuada.

Assim os fazendeiros, comerciantes e artesões passaram a pagar o quinto que antes só era cobrado dos garimpeiros e negociantes daquele metal. Martinho Mendonça organizava as expedições acompanhado do seu emissário para aplicar a devassa⁸⁵.

O povo das Minas Gerais não aceitou passivamente aquela ação do Governador da Província e reagiu à bala. A primeira batalha se deu na barra do Rio das Velhas. A expedição que chegou ali acompanhando o Juiz de Papagaio (Curvelo), Alexandre de Souza Flores, foi recebida à bala pelo Coronel Antônio Tinoco Barcelos e sua gente. No

⁸⁴VASCONCELOS, Diogo *Histórias Antigas de Minas*, p. 76.

⁸⁵*Ibidem*, p. 78.

Urucuia não foi diferente. O jovem Matias Cardoso de Oliveira, um dos filhos de Dona Maria da Cruz, enxotou o emissário de Martinho Mendonça à bala.

Diogo de Vasconcelos deduz daí que a expedição que veio a Fazenda dos Montes Claros tinha um contingente maior de força, porque apesar de ter sido rechaçada à bala pelo jovem André Gonçalves Figueira, conseguiu dominá-lo e prendê-lo. Para Dr. Hermes Augusto de Paula, o embate deixou sequelas, pois, o André Gonçalves Figueira foi degredado para Angola. A Fazenda dos Montes Claros ficou nas mãos dos agregados, mais tarde o Sargento-Mor Manoel Ângelo, primogênito de Antônio Gonçalves Figueira assumiu a administração da Fazenda. Ele vendeu a Fazenda ao Alferes José Lopes de Carvalho em 1758, pois detestava viver no meio rural⁸⁶.

A atitude do Governador da Província das Minas Gerais desencadeou um forte descontentamento no povo do Alto Sertão do São Francisco e Rio Verde, que organizou um contingente para marchar contra Vila Rica e derrubar o Governador da Província de Minas Gerais, Martinho Mendonça. Para João Batista de Almeida Costa⁸⁷ o contingente chegou a congregar quinze mil homens.

Domingos Alves Maciel, que não havia aderido ao movimento, pois era inimigo dos Cardoso, resolveu defender os homens do Governador. Invadiu o arraial de São Romão com o seu pessoal atacando o Padre Antônio Mendes Santiago, sem dar tempo a ele pedir ajuda aos seus amigos, e libertou todos os membros da Expedição do Governador. Domingos Alves Maciel comandava um bando de homens da pior espécie, indisciplinados e violentos. O Arraial de São Romão se entregou sem oferecer a menor resistência para evitar o pior, mas não deixou de sofrer os saques e todo tipo de violência dos homens de Domingos Maciel.

Incontinente Pedro Cardoso invadiu o Arraial de São Romão e expulsou o Domingos Maciel e sua gente e restabeleceu a ordem naquela comunidade. Pedro Cardoso era completamente avesso ao banditismo⁸⁸.

Os homens de Domingos Alves Maciel, após o incidente romperam com o seu comando e saíram para o sertão das Gerais invadindo tudo, matando animais, queimando fazendas, saqueado, assassinando e cometendo toda sorte de violências por onde passavam. Para Pedro Cardoso não restou outra alternativa se não partir em busca desses bandidos e combater-los até exterminar com todos eles. Com isto a idéia da

⁸⁶ VASCONCELOS, Diogo de *Histórias Antigas de Minas*, p. 79.

⁸⁷ Relato do Dr. João Batista de Almeida Costa em entrevista a TV Geraes.

⁸⁸ SOUZA, Alexandre Rodrigues de. *A dona do Sertão: Mulher, rebelião e discurso político em Minas Gerais no século XVIII*. Dissertação de mestrado em História na Universidade Federal Fluminense, 2011.

revolta ficou em segundo plano e esfriou já que o perigo do banditismo era mais eminente naquele momento⁸⁹.

O Governador Martinho Mendonça sem dar um tiro viu o fracasso da revolta com a ajuda dos Dragões (Polícia Especial do Governo Português na Colônia) prendeu alguns chefes, outros embrenharam-se pelos sertões das gerais. Passado algum tempo, tendo a vida na região voltado ao normal, Dona Maria da Cruz recebeu na fazenda das Pedras de Baixo, o Ministro Manoel Dias que solicitou sua presença em São Romão para prestar informação.

Em São Romão, Dona Maria da Cruz foi presa e juntamente com outros revoltosos entre eles Pedro Cardoso foram enviados a Salvador⁹⁰. Na Bahia começaram os interrogatórios e no decorrer do mesmo Pedro Cardoso assumiu sozinho toda a responsabilidade da revolta, alegando que apenas usou o prestígio e nome da sua mãe, Maria da Cruz, para tentar organizar o movimento contra o quinto e que ela era inocente, assim como todos os outros prisioneiros ali presentes.

O Vigário Geral da Bahia que conhecia muito bem as obras sociais de Dona Maria da Cruz e todos os outros prisioneiros ali presentes, porque naquela época essa região do Alto Sertão do São Francisco até o Rio das Velhas fazia parte da Província da Bahia, intercedeu junto às autoridades portuguesas e conseguiu a libertação de todos menos de Pedro Cardoso, que foi degredado pela Coroa Portuguesa. Dona Maria da Cruz voltou para a sua Fazenda e sua gente⁹¹.

Este episódio é considerado como primeiro episódio da Inconfidência e segundo João Batista de Almeida Costa recebeu o nome de Inconfidência Sanfranciscana⁹².

Dona Joana Verediana Cordeiro

Outra mulher que se destacou na região foi D. Joana Verediana Cordeiro fundadora da cidade de São João da Ponte⁹³.

Quem apresenta-nos sua história é Paulo Ildecio Gonçalves⁹⁴. Nos idos de 1840, uma senhora chamada Joana Verediana Cordeiro, mulher batalhadora, intrepida frente

⁸⁹ *Ibidem*, p.110.

⁹⁰ VASCONCELOS, Diogo de *Histórias Medias de Minas Gerais*, p. 67.

⁹¹ SOUZA, Alexandre Rodrigues de. *A dona do Sertão: Mulher, rebelião e discurso político em Minas Gerais no século XVIII*, p.118.

⁹² *Ibidem*, p. 123.

⁹³ AGUIAR, Cynara Silde Mesquita Veloso. *Coronelismo em São João da Ponte: 1946 – 1996*.

aos desafios do dia-a-dia, veio abrigar-se num vilarejo sem nome ou história. Vilarejo este que nos dias de hoje a têm como uma heroína. De acordo com a autora, Cynara Mesquita Veloso de Aguiar, Joana Cordeiro tinha o hábito de rezar junto à imagem de São João Batista, numa casinha às margens do córrego Salobo⁹⁵.

A fé de Dona Joana espalhou-se e contagiou as pessoas da região. Com o tempo, a casinha tornou-se ponto de romaria dos devotos do santo e dos e admiradores de Dona Joana. Mais tarde, Joana Cordeiro juntamente com os seus seguidores construíram uma ponte sobre o córrego Salobro e, próximo a ela, uma capela em homenagem a São João Batista que se tornou um lugar de devoção daquele povo.

O povoado que ali veio a se formar fora denominado São João da Ponte do Salobro. O tempo passou, e a cidade é elevada a Distrito, em 1859, tem o nome reduzido para São João da Ponte, nome que conserva até hoje. Em 1943 torna-se município. São João da Ponte preserva com carinho a memória de sua fundadora, uma mulher de coragem e fé.

Dona Tuburtina

Conforme relatos de Soares publicados no Jornal *Hoje em dia*, de grande circulação em Montes Claros, inclusive por meios eletrônicos encontramos informações sobre Dona Tiburtina.

O célebre tiroteio na atual Praça Dr. João Alves, a praça do Automóvel Clube. O assunto foi manchete nos jornais da capital da República por cerca de três meses. Manchete principal, com letras imensas, garrafais. Toda a atenção do Brasil virava-se para o burgo mineiro. Tropas federais foram enviadas a Montes Claros. Um advogado que chegou a presidente do Supremo Tribunal Federal recebeu a incumbência de apurar os fatos.

Hoje à noite, a cena que o historiador Hélio Silva aponta como o primeiro tiro da Revolução de 30 completará oito décadas, com a cidade pacificada, neste particular, e quase sem saber de nada - pois esquecemos facilmente a nossa própria história, a trajetória comum, de todos.

⁹⁴ <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?> Fonte: IBGE- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - v_27 Minas Gerais_R_a_Z. Autor do Histórico: PAULO ILDÉCIO GONÇALVES atualizado por Tadeu Nunes Ferreira. Acessado em 20 de novembro de 2011.

⁹⁵ AGUIAR, Cynara Silde Mesquita Veloso. *Coronelismo em São João da Ponte: 1946 – 1996*, p. 32.

O fato é que, naquela hora, naquele 6 de Fevereiro de 1930, chegava a Montes Claros um trem especial, trazendo o vice-presidente da República⁹⁶, então uma autoridade infinitamente mais poderosa do que atualmente é. O trem, cheio de autoridades, despejou sua valiosa carga de importância na gare local e o cortejo desceu pelas ruas. Eram dias de política acirrada, mercurial.

Ao passar defronte à casa do chefe da política adversária, dali onde hoje é o alegre Automóvel Clube, partiu intensa fuzilaria. Moravam lá Doutor João Alves, chefe da Aliança Liberal, e sua célebre mulher, dona Tiburtina Alves, vinda de Itamarandiba, perto de Diamantina. A ela se atribuía um poder enorme, uma capacidade de liderança incomum. São muitas as versões, como tais conflitantes.

O fato é que da intensa fuzilaria restaram corpos pela hoje mansa, pacífica e quase relegada Praça, mãe dos catopês que desfilam pelas ruas da cidade a cada agosto novo. Nunca se contou o número de feridos. Apenas o de mortos: um menino, na calçada do que hoje é o prédio do Automóvel Clube; o do secretário do vice-presidente da República, Nelson Viana, chamado de Rafael Fleury; e mais - feridos mortalmente - João Soares da Silva, Moacir Dolabela e dona Iraci de Oliveira Novaes, esposa de Eudison Novaes.

No pânico que se seguiu, a comitiva voltou a toda pressa para a estação ferroviária. O trem do poder partiu - de ré - para Belo Horizonte. Não havia tempo, era preciso recuar a todo galope. O Brasil recebeu a notícia, atônito. A perplexidade em Montes Claros não foi menor. Por anos, a história decantou o assunto - e a sabedoria de parte a parte felizmente sepultou os seus miasmas.

Nos últimos anos, nas últimas décadas, pessoas ligadas aos dois lados viveram harmoniosamente, no cumprimento da lição de que se deve caminhar para frente, para cima, para o alto. A cidade de Montes Claros passou a ser referida com algum desconforto nas maiores cidades do Brasil, especialmente nas instâncias que se julgavam mais civilizada⁹⁷.

Este fato é comentado e contado na cidade, os da parte mais moderna visualizam o caso de Dona Tiburtina, como um ato de coragem e dedicação a

⁹⁶ O vice-presidente da República era o Dr. Fernando de Melo Viana

⁹⁷ Artigo postado originalmente no blog Montesclaros.com, que aqui reproduzimos nas palavras de Soares Jornalista do Jornal Hoje em dia.

família, os mais conservadores a vê com um certo descrédito. Independente destas leituras é notório o orgulho dos montesclarenses, para eles Dona Tiburtina simboliza a figura feminina corajosa da mulher sertaneja.

Dona Tiburtina foi uma mulher nascida e criada no Norte de Minas, viveu de acordo com as regras que a sociedade Norte Mineira estabeleceu, era forte e dominadora. Mulher de político, aprendeu desde cedo a defender os seus e neste fatídico episódio ela se revelou uma líder nata. Dona Tiburtina não exercia apenas a função de mulher de político, ela participava e interferia em todas as ações e atitudes políticas do seu marido, era a referencia feminina de poder.

A história destas mulheres revela um pouco do ethos e das identidades que são construídas na região. Profundamente inseridas na cultura da região, cultura essa marcada por uma forte religiosidade, elas aprenderam a sobreviver numa terra hostil e violenta e a proteger sua descendência.

1.3. Religiosidade e Cultura Norte Mineira

No Norte de Minas, a partir da relação entre o sertanejo e sertão configura-se uma cultura diferente daquelas que foram impostas ao sertanejo, como modelo de referência de civilidade: a dos bandeirantes, a dos baianos e, finalmente, a dos mineiros. Mesmo pressionado desde o início da colonização pelos que chegaram com suas missões civilizatórias, o norte mineiro desenvolveu uma identidade própria. Como mecanismo de sobrevivência, em virtude de sua relação com o meio, “A compreensão rigorosa do local, o sertão, e do sujeito que nele se *localiza*, o sertanejo, coloca-se como fonte da complexidade norte-mineira”, afirma Costa⁹⁸.

A partir desta relação entre o sujeito e o local é que se configura o Norte Mineiro. A região se constituiu num autêntico “entre-lugar”, conceito que para Bhabha⁹⁹ tem o significado de quem vive numa zona de conflito, onde o interesse comunitário e o valor cultural é negociado. Se busca neste espaço estratégias de sobrevivência, somam assim as partes da diferença para se chegar a formular estratégias de representação e aquisição de poder, colaborando e dialogando numa causa comum. É uma negociação complexa que no fim confere autoridade aos que vão emergir deste momento. É assim que esse sertanejo, que vive na fronteira, desafia nossa compreensão.

⁹⁸ COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianeiros*, p. 287.

⁹⁹ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*, p. 78.

Neste contexto, a palavra cultura tem um peso, para perceber seu significado recorremos a Clifford Geertz, José Luiz dos Santos e Peter Burke.

Para Clifford Geertz, o conceito é essencialmente semiótico, considerado como uma teia de significados, ou seja, um conjunto unificado de sistemas, e é através da compreensão destes sistemas como o mito, a religião, a arte, a escrita, que os hábitos constituem a cultura. Nas palavras de Geertz.

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados¹⁰⁰.

Para José Luiz dos Santos¹⁰¹, o desenvolvimento da humanidade é marcado por contatos, conflitos e diferentes modos de conceber e expressar a realidade. As realidades culturais são detentoras de uma lógica própria que deve ser conhecida para que visões de mundo, transformações, costumes e práticas façam sentido. Tomaremos esta concepção de cultura como base, pois possibilita uma análise específica de nosso objeto de estudo, a Umbanda.

Peter Burke inicia seu livro *Cultura Popular na Idade Moderna*, buscando elucidar esta problemática conceitual defendendo que, a cultura “é um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e a formas simbólicas (...) em que eles são encarnados”¹⁰².

Percebe-se assim, a impossibilidade de chegar-se a uma definição padrão do termo, Marques ao referir-se ao universo sertanejo indica elementos oriundos da cultura local:

O sertanejo demonstra uma atitude quase religiosa de admiração, respeito e esperança, parece falar de um ser que não tem existência própria, pois, para isso, necessita do seu sentimento, do seu pensamento e da sua linguagem. O sertão é vida na boca do seu morador, o que é possível de se entender, pois, deste universo retira a sua sobrevivência, estabelece relações consigo mesmo, com o mundo, com os homens e com o transcendente¹⁰³.

¹⁰⁰ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*, p. 15.

¹⁰¹ SANTOS, José Luiz dos. *O Que é Cultura*, p.65.

¹⁰² BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*, p.56.

¹⁰³ MARQUES. Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 34.

A cultura do povo norte - mineiro é extremamente miscigenada, como salienta Costa¹⁰⁴, devido ao processo civilizatório do Norte de Minas ter se efetivado através de três grupamentos humanos diferenciados: primeiro com os paulistas, depois com os baianos e por último com os mineiros. No entanto, possuímos mais características da cultura nordestina, uma vez que os mineiros foram os últimos a chegar por aqui. Enquanto os paulistas navegavam o rio São Francisco para aprisionar índios e exterminar quilombos localizados nesta região, os baianos se fixaram nesta mesma área com suas fazendas de criação de gado para tração e para a produção de carne e couro, fundando assim os *currais da Bahia*, posteriormente denominados de Norte de Minas.

Pessoas de vida simples, receptivas e gentis, que tratam seus convidados como se fossem de casa. A cozinha é o ponto central da casa, lá as visitas se colocam no centro da mesa e recebem o melhor tratamento possível. Tudo regado a um café fresquinho e um pão de queijo quentinho, recém saído do forno.

Fatos simples elucidativos das diferenças culturais que atravessam o mito da mineiridade, ideologia que “constrói a todos como compartilhando um mesmo sentimento de pertencimento, de fraternidade e identificação (...)”, como analisado por Costa¹⁰⁵. Essa mineiridade não englobada lança para as margens das Minas Gerais, o Norte Mineiro, subalternizado, relacionado à seca, ao atraso e à ignorância, onde o povo da região é tomado como inferior em referência à *superioridade* do mineiro do ouro, das minas geratrizes¹⁰⁶.

A Coroa tentou impor ordem na região, porém sempre fracassou, a não ser quando a violência extrema era utilizada por homens que após extinguirem a desordem, instalavam seus mandatos a ferro e fogo, garantindo um período de paz.

Nossa análise da região é sócio – cultural, com objetivo de compreender o ser norte mineiro. Ser que vive a somatória das fragmentações, sabe-se que a cultura é algo que se difunde com a comunicação. O Norte de Minas recebeu elementos advindos tanto do Norte como do sul do país para constituir-se como espaço sócio político e cultural. Trouxeram consigo seus modos e costumes, e ao se relacionar com outras sociedades geraram mudanças significativas, uma situação de conflito cultural. É

¹⁰⁴ COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baiano*, p. 288.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p.289.

¹⁰⁶ Descrevendo e analisando a violência na Capitania das Minas Gerais, no século XVIII, Anastásia, revela a concepção que a elite colonial tinha do povo do Sertão. Apresentando vasta documentação como Cartas e Ofícios. Acessamos aos conceitos elaborados para este povo e o seu território através de termos como: escória da terra; má qualidade do povo; transgressores e ignorantes. Em referência aos homens de posse, consideravam-nos pessoas intrigantes, revoltosas e sem temor a Deus; ainda, “vadios; ladrões e criminosos fazem uma terceira parte dos seus habitantes. Estes e outros termos, dirigidos aos habitantes da região expressaram, desde então, o olhar lançado para o norte mineiro. Cf. ANASTASIA, Carla Maria Junho *A Geografia do Crime: violência nas Minas setecentistas*, pp.14, 70,71-72.

necessário no entanto, adentrar no significado de dois fenômenos desafiantes para compreender a somatória destes contrários.

Nosso ponto de partida é a temática do sincretismo, que ao longo do processo nos leva a pensar em termos de hibridismo para explicar nossa situação sócio política cultural. Sergio Ferreti fala da complexidade do tema do sincretismo e do fato dele não se restringir apenas ao campo religioso, mas se fazer presente no âmbito cultural. Para ele todas as religiões são sincréticas, porque são frutos de contatos culturais. Ele analisa o termo sincretismo a partir da visão de Nina Rodrigues, objetivando-o como fusão de crenças, adaptações que são feitas para se viver a religião. A união das entidades para resolver as situações de conflitos que foram geradas na significação dos santos católicos com as entidades afro- brasileiras¹⁰⁷. O termo está ligado a um processo de estruturação de um universo cultural, conforme apresenta Marques. Para ela, é através do movimento dinâmico de vários e diversos grupos que se concebe a identidade de um grupo. Religião é um dos elementos do sistema simbólico que vai formar o Ethos de uma sociedade.

Com os novos estudos e com a implantação de uma ampla globalização passamos a entender o sincretismo com outra conotação: a de hibridismo. Termo muito estudado por Nestor Garcia Canclini¹⁰⁸. Sua contribuição reside no fato de considerar que o termo hibridação não é sinônimo de fusão sem contradição, mas sim, que ele pode dar conta de formas particulares de conflitos gerados nas culturas. Uma primeira descrição apontada por Canclini, na qual relaciona a hibridação aos processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de maneira separada se juntam e formam uma nova estrutura.

O Norte de Minas é sem dúvida um lugar de diversidades e contrates. A cultura do boi, da região seca, da mata do serrado, do pequi e da carne de sol, reflete a marca de um Norte mineiro determinado, quieto e traçoeiro, que busca nestes desencontros o encontro consigo mesmo. Local de resistência cultural, com sua complexidade e múltiplos significados é marcada pelo seu sub- desenvolvimento que sem os dados da cultura local é impossível ser compreendido.

Foi uma região de difícil acesso desde seu povoamento, marcada pela violência e mandonismo, alguns viajantes se referem a ela como sendo um deserto. A maior parte da população do Norte de Minas descende da mistura de colonos portugueses,

¹⁰⁷ Para aprofundar o conceito de sincretismo, ver o estudo já clássico de FERRETI, Sergio Figueiredo. *Repensando o sincretismo*

¹⁰⁸ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas* - estratégias para entrar e sair da modernidade.

conforme citado anteriormente, com escravos africanos sudaneses e bantos vindos da decadência da mineração no século XVIII. Outra contribuição para compor este quadro, se deu a partir dos mamelucos e indígenas que já moravam na região. No século XIX, a região recebeu também a contribuição da imigração italiana, dos espanhóis que vieram trabalhar nas colônias em Belo Horizonte e subiram em busca de melhores condições de vida para o Norte de Minas. Houve ainda uma significativa contribuição dos alemães, sírios libaneses e dos japoneses para trabalhar na construção da ferrovia e consequentemente com o comércio. Dentro desta perspectiva, a contribuição religiosa foi se mesclando na medida que estes novos elementos vão se assentando. Passando a modelar e definir a identidade sócio-cultural, com sistemas de lealdade concretamente construídos, como é o caso da Umbanda sertaneja no Norte de Minas.

Pretendemos ainda relembrar que a religiosidade da Umbanda Sertaneja com seu ritual, sua linguagem, vestimenta e identidade foi herdada do nordeste e influenciada pelo elemento baiano e absorveu elementos do sul. O gado e seus derivados são elementos culturais presentes e marcantes do cotidiano social e religioso do homem norte mineiro sertanejo que se fazem presentes na Umbanda. A cultura construída por essas ambigüidades gerou na região uma religiosidade com particularidades. Tendo presente este desafio daremos destaque a constituição das matrizes religiosas, que foram sendo inseridas no sertão através da junção do Europeu, do Negro e do Índio, fundamentais na construção da religiosidade sertaneja.

1.3.1. As matrizes religiosas

Um dos primeiros habitantes da região foi o nativo, designado como indígena, pelos portugueses, ocupava as faixas de mata que se estendiam do sul da Bahia até o vale do Rio Doce. Compunham a faixa que tinha vales profundos que serviam de refúgio para várias tribos. Acompanhando o curso dos rios confluindo com os cerrados do vale do São Francisco ocupados pelos mineradores e criadores de gado.

No alto do curso do Rio Pardo, Rio das Contas, Jequitinhonha, Mucuri, São Matheus e Rio Doce viviam os Kamakân, os Pataxó, Os Machakali, os Botucudo, os Puri-Coroado, todos falavam línguas diferentes. Eram todos conhecidos por uma designação única Aimoré ou Botucudo, porque alguns usavam grandes botoques nos lóbulos das orelhas e no lábio inferior, ou ainda como Coroado por rasparem a cabeça em círculo, três dedos acima das orelhas, formando uma espécie de coroa. Todos eram

tidos como Tapuia palavra Tupi usada pelos colonos, que designava bárbaro, inimigo. A única unidade que apresentavam era a adaptação à mata. Não plantavam lavouras, apenas a praticavam de forma incipiente, dependendo largamente da caça e da coleta, com exceção dos Machakali que tinham aldeias mais estáveis. Os outros viviam divididos em hordas com cerca de duzentas pessoas, movimentando sempre dentro de áreas em busca de caça, dos frutos e tubérculos rico naquelas matas.

A relação que mantinham com a natureza era íntima, viviam em íntima relação com o mundo animal e vegetal, conforme relata Isabelle Vidal Giannini em seu artigo Os índios e suas relações com a natureza¹⁰⁹ no livro *Índios do Brasil*. Considerados guardiões dos segredos das florestas, eram conquistados e utilizados pelos bandeirantes, tropeiros e demais aventureiros nas idas e vindas pelos caminhos do sertão.

Costa¹¹⁰ afirma que é impossível descrever os modos de vida destes povos devido a falta de estudos. Ressaltamos que esses grupos indígenas não são originados de um mesmo tronco, o que facilitará a miscigenação.

A religiosidade destes nativos deixou traços profundos na constituição da cosmovisão religiosa que se constituiu na região.

Já do africano, desde o início da colonização tem-se notícias de comunidades negras na região, fugidos das lavouras de cana do nordeste, estes negros encontram refúgio nesta região erma. Estas comunidades mantinham um contato entre si, protegendo o território negro por eles delimitado, geravam redes de parentesco conforme aponta Costa¹¹¹. Contribuíram muito com a propagação de suas tradições e costumes na região.

Quando da chegada dos portugueses e mais tarde a dos tropeiros, feita de maneira gradativa, do sul vieram os paulistas trazendo consigo índios originários de outras regiões do país e negros de outras etnias africanas. Do norte, os Baianos criadores de gado, fixando ao longo dos rios. Esses dois movimentos que se corresponderam e converteram em povoamento.

O mapa abaixo dá uma pequena demonstração da quantidade de tribos existentes.

¹⁰⁹ GIANNINI, Isabelle Vidal. *Os índios e suas relações com a natureza*, p. 145.

¹¹⁰ COSTA. João Batista de Almeida. *Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira*, p.8-45.

¹¹¹ COSTA, João Batista de Almeida. *Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira*, p. 14.

ritos, vão sendo aos pouco inseridas na cosmovisão cristã. A visão salvífica do cristianismo e a devoção aos santos, com o tempo partilharão o espaço de fé com os diferentes enunciados religiosos e com as noções de prêmios e castigos do universo indígena e africano. O sincretismo religioso sempre esteve presente no centro desse processo.

O ser sertanejo absorveu todas essas práticas associadas ao catolicismo colonial, gerando uma religiosidade Sertaneja. Dentro deste contexto social, geográfico e marginalizado de múltiplas crenças gesta-se uma sociedade sertaneja. O Norte de Minas, gradualmente passa de um sertão cristão para um sertão que foi incorporando em sua religiosidade práticas religiosas africanas, nativas e européias, resultando num sertão híbrido. A religiosidade popular sertaneja surgiu da adaptação do espaço sagrado português a realidade sertaneja, colaborou para este processo a escassez do clero.

Sertão, sertanejo e sagrado na região estão intimamente ligados entende-se, então, o laço religioso profundo da religiosidade sertaneja com a terra. Religiosidade que relaciona-se com o meio rural, meio considerado hostil, marginal e violento. A ocupação e povoamento foi estabelecido por vaqueiros que seguiram o curso do rio a partir da Bahia e de Pernambuco conforme, já descrito acima.

Fundaram povoados e se estabeleceram¹¹² às margens dos rios, pontos estratégicos tanto para o comércio como para defesa dos ataques de nativos e demais homens brancos, foragidos da justiça e de negros fugitivos.

De acordo com Prates¹¹³, a região é produto tanto do isolamento populacional, quanto da ausência da Coroa e foram os grandes proprietários de gado que estruturam a dinâmica social a partir dos laços de parentescos, amizades e compadrio. Ainda de acordo com Prates foi este isolamento que criou um espaço marcado pelo mandonismo. Assim, sem a tutela da igreja e da coroa a organização e disciplina da vida social não ficava apenas reduzida ao uso de armas, mas também ao da magia e ao do feitiço. Prates relata que:

(...) o feitiço é a manifestação da astúcia, da capacidade de engendrar comportamentos por meios considerados invisíveis pela ação não material ou física, na intenção de obter resultados práticos e materiais¹¹⁴.

¹¹² MATA MACHADO, Bernardo. *História do sertão noroeste de Minas Gerais*. 1690-1930, p. 24.

¹¹³ PRATES, Admilson Eustaquio. *Exu ágodo, o sangue eu lhe dei, mas a carne eu não dou*. Traços característicos da identidade do Exu- Sertanejo, expressos no imaginário Afro- Sertanejo da cidade de Montes Claros/MG, contidos na tradição oral, p. 30.

¹¹⁴ *Ibidem*, p.31.

De acordo com Prates, o poder era simbólico. O feitiço ajudou a disciplinar e a controlar a sociedade Norte Mineira, havia ainda o dom de curar com as mãos, a leitura de pensamentos, o corpo fechado para quem tinha o dom da oração aprendida através da vivência com negros mandingueiros. A lei do sertão Norte Mineiro se assemelhava a lei do mundo natural, a lei do mais forte e do mais astuto.

As tradições orais das narrativas sagradas fizeram parte deste emaranhado religioso, herança tanto dos negros como dos nativos, para eles as palavras, os gestos, os ruídos, os cheiros, as danças e os cânticos são maneiras de se comunicar, tudo isso construiu o pensamento mítico religioso do Norte Mineiro.

Prates aponta ainda que a geografia do sertão Norte Mineiro colaborou na construção de sua religiosidade. A paisagem natural é interpretada como sobrenatural. Tendo os rios, o solo, o ar, o vento, os redemoinhos, o céu, as árvores, os bichos, as doenças, os barulhos do sertão, o luar do sertão, o cair da noite, as estrelas, o trovão, os relâmpagos, a chuva e a seca, o canto dos pássaros, os raios solares que queimam, expressando temor e respeito, deixando as vezes em sua passagem um mistério silêncio. Todos estes fenômenos naturais despertam no ser humano espanto e medo, suscitam uma realidade sobrenatural, permeada de demônios, monstros, espíritos, bruxas, curupiras e caiporas, cramunhões. Marques¹¹⁵ confirma tal descrição. Para ela, para falar do sertão se faz necessário colocar-se no próprio sertão, numa atitude quase metafísica. E que a imagem que se tem do sertão cega os olhos de quem tenta descrevê-lo numa linguagem simples e didática.

Apenas o catolicismo popular na visão de Prates não é capaz de dar conta dos problemas existenciais e funcionais do Norte Mineiro, a compreensão de si mesmo não se encontra apenas numa única visão. Para ele: “O sertanejo se compreende como o próprio sertão, rico em diversidade e sempre em movimento. Ele, o sertanejo, é misturado, é híbrido tanto fenotipicamente quanto culturalmente”¹¹⁶. O homem sertanejo agora constituído e caracterizado rude, é um ser que se interroga e dá sentido a sua identidade considerada obsoleta.

Devoções a santos, com suas festas de padroeiros, acrescidas das devoções locais culminaram na chamada tradicionalidade religiosa sertaneja. É este espaço cultural híbrido que vê a chegada da Umbanda. É para ela que voltaremos nossa atenção

¹¹⁵ MARQUES. Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 26.

¹¹⁶ PRATES, Admilson Eustaquio. *Exu âgodo, o sangue eu lhe dei, mas a carne eu não dou*. Traços característicos da identidade do Exu- Sertanejo, expressos no imaginário Afro- Sertanejo da cidade de Montes Claros/MG, contidos na tradição oral, p. 48.

a seguir, antes de nos debruçar sobre nosso objeto de estudo o Centro de Umbanda Tupinambá.

Capítulo II

O Centro de Umbanda Tupinambá

“Ogum cavaleiro de Umbanda,
Filho de Iemanjá”¹¹⁷

Abordaremos neste capítulo a chegada da Umbanda na cidade de Montes Claros a partir da década de 1940 e início da década de 50, descreveremos o contexto social e histórico da época. Contextos que nos auxiliarão na compreensão do processo de formação e legitimação da religião no sertão norte - mineiro. Desde o seu surgimento a Umbanda vem sendo considerada uma religião de cunho popular, por se tratar de uma mescla do catolicismo popular, do Kadercismo, das religiões africanas, indígenas e do esoterismo. Uma “religião” que se ajustou à vida dos moradores da cidade. Destacaremos dois dos principais protagonistas do cenário inicial umbandista sertanejo, bem como do seu processo de reconhecimento social: José Fernandes Guimarães e o casal, Waldemar e Laurinda Pereira Porto. O primeiro, por ser o responsável pela introdução da prática umbandista proveniente da região sudeste, e o segundo, que juntamente com outros personagens como Eliezer Gomes de Araújo e Iliziário introduziu na região a Umbanda com características nordestinas.

Os estudos de Ângela Cristina Borges nos ajudarão a resgatar a história dos pioneiros da Umbanda, em Montes Claros, em especial suas matrizes baianas, através de Iliziário, que exerceu um papel importante na formação da Umbanda Sertaneja.

Os estudos de Teresinha Bernardo sobre a memória e os de Halbwachs, sobre a memória coletiva serão nossa referência na análise do que foi preservado nos terreiros e da história de vida do atual sacerdote e de alguns frequentadores e colaboradores. Privilegiaremos o relato da mãe de santo Irene Tupinambá do Centro de Umbanda Tupinambá.

A pesquisa de campo nos trouxe um dado significativo, presente no Centro, o uso dos produtos provenientes do gado nos rituais, que ao longo do texto será explicitado por nós e a construção e preservação da identidade através da memória das pessoas que participam da vida do Centro. Apresentaremos também fotografias autorizadas pela mãe de santo Irene Tupinambá, um dado visual que confirma e retrata a tradição oral.

¹¹⁷ Saudação a Ogum- música cantada no Centro de Umbanda Tupinambá para saudar a chegada de Ogum na primeira linha

2.1. A Umbanda

“A umbanda não se caracteriza por um poder centralizador nem tão pouco por uma rigidez simbólica ritual”, segundo Brígida Carla Malandrino¹¹⁸ ela é uma religião em constante transformação. Esse fato justifica seu crescimento no Norte de Minas, onde sua história é marcada por transformações e adaptações, tanto na dimensão geográfica, quanto na dimensão social.

A Umbanda é um fenômeno da religiosidade popular, existe nela uma autonomia e uma diversidade própria. Ela apresenta uma flexibilidade de rituais e de símbolos que podem ser modificados de acordo com as necessidades pessoais de seus membros. Malandrino vê esta mudança como algo positivo, para ela, esta permanência ocorre à medida que permite que cada componente eleja os aspectos simbólicos e rituais que mais lhes agradem e que ressoem dentro de si, para expressar sua religiosidade¹¹⁹.

A Umbanda está intimamente ligada à escravidão, tem como elemento simbólico aspectos do cristianismo resignificados e as matrizes afro. Malandrino relembra que sendo o seu culto constituído por um agregado de elementos do candomblé, cabula, tradições indígenas, catolicismo popular, espiritismo, práticas mágicas sem o suporte de uma mitologia para integrar estes vários elementos, é entendida como uma síntese que superou as contradições advindas das várias linhas religiosas, num processo contínuo, lento e gradual.

A Umbanda está ligada ao desejo de ascensão social das classes menos favorecidas. Aglutinou aspectos de diferentes religiões, e se formou a partir da síntese de todos eles, gerando um todo integrado, mesmo em mutação. Traz ainda práticas religiosas dos bantos e de outros grupos africanos como os iorubás¹²⁰. A autora relembra ainda que a Umbanda sofreu forte influência das práticas católicas dos colonos, do espiritismo kardecista através da imigração européia, das práticas indígenas e das influências orientais.

Para Malandrino:

A umbanda surgiu para responder as necessidades de um grupo de indivíduos que chegaram às metrópoles em formação. Além disso, podemos pensar que dentro dessa nova estrutura religiosa foram

¹¹⁸ MALANDRINO, Brígida Carla. *Umbanda: Mudanças e permanências*, p. 92. A Pesquisadora é estudiosa da diáspora africana.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 93.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 95.

criados símbolos e rituais provenientes do inconsciente, que buscaram responder às necessidades psíquicas daqueles indivíduos.¹²¹

Ela surge e se desenvolve em centros urbanos e industrializados como uma religião sincrética. É uma religião mediúnica, conforme classifica Camargo¹²² que facilita a adaptação do homem à vida urbana. Tem função terapêutica, um dos motivos que levam as pessoas a procurar seus serviços. Além da função de cura, pessoas com problemas financeiros e amorosos buscam na Umbanda a resposta para estas dificuldades existenciais. Malandrino a função terapêutica mas relembra que:

Apesar de a função de integração na sociedade urbano- industrial não apresentar atualmente a mesma importância da função terapêutica, a umbanda acaba por ter uma função de integração ou de pertença a um grupo. Lá é o local onde é possível aos indivíduos vivenciarem as suas práticas religiosas, sem que para isso tenham que sentir em oposição ao racionalismo imperante...¹²³

Assim por ser uma religião em constante transformação como dito acima, seu nascimento e propagação pelo país é marcado pela diversidade, por peculiaridades locais. Resgataremos sucintamente um pouco desta história.

2.1.1 Formação

De início se faz necessário percorrer os caminhos que levaram a Macumba a Umbanda, e a sua institucionalização e sistematização como religião. A origem antropológica mais aceita da Umbanda é de que tem raízes na Cabula¹²⁴, matriz da Macumba¹²⁵, que por seu turno originou a Umbanda. Para Edson Carneiro, o termo Macumba seria o plural de “cumba” e significaria a reunião de “cumbas” ou seja a reunião dos “jongueiros”¹²⁶. Vocábulo angolense, sua sílaba inicial corresponde a partícula *ba* ou *ma* que, nas línguas do grupo banto, se antepõe aos substantivos para

¹²¹ *Ibidem*, p.96.

¹²² CAMARGO, C. P. F., *Kardecismo e Umbanda*, pp.XI – XIV.

¹²³ MALANDRINO, Brígida Carla. *Umbanda: Mudanças e permanências*, p.109.

¹²⁴ Cabula:Tradicional culto aos espíritos dos antepassados praticados pelo povo Banto

¹²⁵ Macumba: termo utilizado para designar genericamente os cultos afro- brasileiros.

¹²⁶ Jongueiros: Pessoas que dançam o jongo, uma dança semi-religiosa. Ver CARNEIRO, Edison. “Samba de umbigada.” In: *Folgedos Tradicionais*. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1982. ou ainda HUNOLD, Lara, Sílvia ; PACHECO, Gustavo (orgs.) *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2007.

formação do plural. Festa na qual os negros dançavam e cantavam, pejorativamente era chamada de Macumba¹²⁷.

Trata-se de uma nova religião que emerge na sociedade brasileira a partir das classes menos favorecidas. Os adeptos desta nova religião buscavam um status que correspondesse ao conjunto de valores das classes dominantes. A Umbanda vai ser um dos correspondentes à integração desta comunidade emergente na sociedade, a representação das partes africanas na sociedade brasileira moderna, num primeiro momento, devido a urbanização com o afastamento do negro das comunidades rurais e num segundo momento, vai criar uma nova reorganização dos liames sociais, sob forma de uma solidariedade de classes. O negro passa a obter novos meios de ganhar a vida e de se inserir no proletariado.

O nascimento da Umbanda, para alguns sociólogos foi um primeiro sinal desta mudança advinda das classes baixas da sociedade, que buscavam a transformação social, e tiveram a oportunidade de freqüentar a escola. A escola despertou o conhecimento sobre as questões sociais e políticas, estas somadas a instrução gerou a insatisfação e a busca da ascensão deste grupo que procurava se enquadrar na sociedade emergente, além disso o trabalho nas fábricas proporcionou uma mistura de etnias e de experiências. Estas novas exigências sócio políticas acabaram gerando transformações nas estruturas sociais. A Umbanda surge como uma resposta simbólica dos afro-brasileiros, que contribuiu para a acomodação social das classes baixas que buscavam e lutavam por aceitação e acomodação na sociedade.

Ali onde nossa racionalidade não conta, posto que aqui, neste nosso mundo, ela está limitada por nossa condição humana, nossa fragilidade cármica de desejos, frustrações e apego à materialidade do corpo, nosso desespero diante da dor, nossa mísera incompetência de sermos como desejamos e como os outros desejam que sejamos.¹²⁸

Para muitos estudiosos, a Umbanda tem sua origem remota na Cabula, matriz da Macumba, matriz próxima da Umbanda, como lembramos acima. No início do século XIX, a Macumba era um rito pobre e muito próximo a estrutura do culto praticado pelo povo banto, com invocação de espíritos dos antepassados tribais. Os orixás nagôs não haviam ainda recebido um papel mais importante no culto. Foram, lentamente, introduzidos a partir do crescimento e prestígio do Candomblé, influenciando a

¹²⁷ CARNEIRO, Edison. "Samba de umbigada." In: *Folgedos Tradicionais*. Rio de Janeiro: Funarte/INF, 1982 .

¹²⁸ PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras no Brasil*. P. 70.

Umbanda a partir das variações presentes do Candomblé de Angola, no qual os deuses indígenas assumem papel significativo nos ritos, com status de orixá. Esses índios recebem a denominação de caboclo, e são espíritos que já estavam presentes no Brasil antes da chegada dos brancos e dos negros. Baixam no terreiro como donos da terra e vestem-se com cocar de pena, dançam com arco e flecha e falam um português antigo.

Valdeli Carvalho da Costa¹²⁹, que por longos anos se dedicou aos estudos das religiões afro, aponta que “os primeiros sinais dos orixás no culto da macumba apareceram na pesquisa de Artur Ramos”, onde *Ogum Mege* foi descrito como santo protetor do terreiro, sendo representado por uma estátua de São Jorge. A introdução dos orixás na Macumba foi lenta, mas não alterou sua característica cultural centrada na evocação das almas dos ancestrais tribais¹³⁰. Para Valdeli Costa, o que caracteriza a Macumba não é o santo protetor, mas um espírito “familiar”¹³¹ que vem ajudar nas soluções dos problemas.

A Umbanda não era um culto sistematizado, mas um agregado de elementos da Cabula, do Candomblé, das tradições indígenas e do catolicismo popular. Não continha uma doutrina que fosse capaz de integrar as diversas fragmentações que lhes davam forma. E ainda, contava com um fator importante de integração que foi o encontro de representantes da classe mais pobre com os da classe média, egressos do espiritismo kardecista. Esse grupo se apropriou do ritual da Macumba, impôs uma nova estrutura, um novo discurso e institucionalizou a Umbanda. Concone confirma esta nossa análise quando aponta que foi neste encontro do anseio de ascender socialmente, ou seja, na concretização desta ascensão que se depurou qualquer vínculo com o grupo ou cultura tradicional estigmatizada¹³².

Quanto a contribuição do Kardecismo no nascimento da Umbanda, nos restringiremos a apresentá-la abordando apenas o aspecto religioso. É fato que a doutrina de Kardec postula a existência de um Deus Criador e onipresente, porém inacessível aos homens. Existe uma enorme distancia que os separa, e são os espíritos dos mortos que estão mais próximos, cabe a eles a missão de ajudar a humanidade a

¹²⁹ COSTA, Valdeli C. da. *Umbanda*. S. Paulo: Loyola, 1983.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 36.

¹³¹ Não são antepassados de uma linhagem africana que intervém numa sessão de Macumba ou de Umbanda, mas os antepassados dos negros escravizados, como a figura do Preto Velho, ou de um espírito indígena como o Caboclo. COSTA, Valdeli C. da. *Umbanda*, p. 39.

¹³² CONCONE, Maria Helena Vilas Boas. *Umbanda uma religião brasileira*. São Paulo, editora FFLCH-USP-CER. 1987.

expiar suas faltas passadas e buscar a perfeição, tudo isso está configurado na lei da evolução¹³³ para os Kardecistas.

A Umbanda representou uma solução favorecendo um liame de continuidade entre as práticas mágicas populares e a ideologia espírita. O fio condutor desse processo foi a reinterpretação dos valores tradicionais da cultura afro- brasileira a luz de um novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial. Pode-se constatar duas transformações distintas: o embraquecimento da cultura afro- brasileira que nasceu da ascensão social das classes populares e o empretecimento da cultura européia, quanto consentiu a presença de elementos da macumba nas sessões Kardecistas, mesmo com ressalvas. No entanto este tópico não será apresentado neste trabalho por entender que ele demanda mais profundidade e nos distanciaria do nosso foco principal.

É impossível apurar com precisão em que momento começaram a “baixar” nas sessões do Kardecismo as entidades da Macumba e também quando essas começaram a absorver elementos do kardecismo.

Diversos autores¹³⁴ apresentam nas suas pesquisas o processo de consolidação da Umbanda como religião, processo marcado pela diversidade. O problema é que esta diversidade muitas vezes não é levada em conta nas suas reflexões, eles tem veiculado a idéia de que existe uma única explicação para tal processo, sem observar que como ela não possui uma rigidez simbólica, nem ritual, ela tem como característica a mutabilidade e atende a necessidade das pessoas.

A Umbanda teve origem por volta de 1920 e 1930, quando os kardecistas de classe média passaram a mesclar suas práticas com os elementos da tradição afro-brasileira. Muitos dos elementos da Umbanda já se faziam presentes no universo religioso popular, sobretudo na prática dos bantos¹³⁵ remontando suas origens ao culto das entidades africanas, caboclos (espíritos de ameríndios), aos santos do catolicismo popular e as entidades sob a influência do Kardecismo.

A crença na reencarnação é um dos pontos centrais do Kardecismo, acredita-se que os espíritos passam por sucessivas reencarnações para poderem evoluir ou regredir.

¹³³ Lei da Evolução: O termo é utilizado com mais frequência pelos adeptos e estudiosos do espiritismo para se referir à Lei do Progresso, uma das dez "Leis Morais" a que alude Allan Kardec na Parte Terceira de *O Livro dos Espíritos*. Segundo esse princípio, tudo o que existe está em contínua evolução, o Universo, os mundos e os seres, tanto os animados quanto os inanimados, isoladamente ou em conjunto.

¹³⁴ NEGRÃO, Lísias Nogueira, CONCONE, Maria Helena Vilas Boas, MAGNANI, Jose Guilherme Cantor entre outros.

¹³⁵ Nome destinado aos negros que constituem um grupo etno linguístico, localizado principalmente na África subsariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes. A unidade deste grupo, contudo, aparece de maneira mais clara no âmbito linguístico, uma vez que essas centenas de subgrupos têm como língua materna uma língua da família banta. Ver História Geral da África Vol. IV. África do século XII ao XVI editado por Djibril Tamsir Niane. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010.

A evolução acontece a partir da prática do bem e a regressão da prática do mal. É difícil dizer com precisão na opinião de Vagner Gonçalves da Silva, “quando as entidades dos cultos afros, ou quando estes começaram a adquirir valores kardecistas”¹³⁶. Para ele, a formação da Umbanda foi marcada pela busca de uma religião que pudesse integrar legitimamente as contribuições dos grupos que compõem a sociedade nacional. Sendo iniciada por segmentos brancos da classe média urbana¹³⁷, visando ser uma religião genuinamente brasileira¹³⁸.

Com um cristianismo que fugia dos padrões europeus, o Brasil apresentava um ambiente favorável para o nascimento desta nova religiosidade. Um catolicismo místico e mágico se fazia presente no país, mesmo com a proibição e punição da igreja de práticas, vistas como pagãs. São inúmeras as práticas desse catolicismo popular, como o uso de fitas cortadas pelos fiéis com a mesma medida das imagens de santos católicos, que eram amarradas na cintura do povo que sofria de alguma dor ou doença, figuras e imagens de santos bentos pelos sacerdotes eram colocados em bolsos e bolsas como meios de proteção. O uso frequente da água benta, o benzer com o sinal da cruz para afastar os maus espíritos, tudo isso fazia parte da cosmovisão das camadas mais pobres e marginalizadas da população, mas não só delas. Acreditava-se que a felicidade plena só viria após a morte, após uma vida vivida com dignidade¹³⁹.

A ênfase nas divindades africanas e indígenas ocupa um lugar central nesta nova religião, que tem a missão de irmanar todas as etnias e classes sociais que constitui o povo brasileiro

No período de 1937 a 1945, em decorrência do enaltecimento da cultura popular e dos valores negros patrocinados pela elite intelectual e artística, as religiões afro-brasileiras ganham relevância. A Umbanda recebe o título de religião tipicamente brasileira, levando em conta seu nascimento aqui no Brasil e refletindo os anseios de reconhecimentos dos segmentos marginalizados.

O processo de industrialização fez com que muitos sacerdotes acostumados a viver no campo, agora obrigados a se mudarem para a cidade, deixassem para trás suas ervas, espaços sagrados etc. O convívio com outras etnias e religiões os levaram a repensar seus rituais, criando condições para o surgimento da Umbanda. Os primeiros

¹³⁶ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, p. 110.

¹³⁷ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, p. 15.

¹³⁸ Falar que é genuinamente brasileiro é problemático, o título foi concedido a Umbanda pelo fato dela encerrar as divergências regionais e culturais da sociedade brasileira e de sociedade de classes industrial e urbana, conforme apresentado pela autora MALANDRINO, Brígida Carla. *Umbanda: mudanças e permanências*, p. 95.

¹³⁹ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda*. Caminhos da devoção brasileira, p. 22.

templos foram constituídos por volta de 1900, segundo Negrão ¹⁴⁰. Já Prandi ¹⁴¹ relata que o primeiro registro em cartório de um Centro de Umbanda em São Paulo, ocorreu em 1920.

No Estado do Rio de Janeiro, cerca de 1920, foi fundado o primeiro centro de umbanda, que teria nascido como dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados pelos espíritas mais ortodoxos como espíritos inferiores. De Niterói, esse centro foi se instalar numa área central do Rio em 1938. Logo seguiu-se a formação de muitos outros centros desse espiritismo de umbanda, os quais, em 1941, com o patrocínio da União Espírita Brasileira, promoveram no Rio o Primeiro Congresso de Umbanda, congresso ao qual compareceram umbandistas de São Paulo¹⁴².

A partir de então criam-se as Federações e Associações que organizam eventos e forneciam assistência jurídica contra as perseguições policiais. Prandi comenta sobre perseguições.

Desligado da Igreja Católica desde a república, o Estado, na prática, funcionou por muito tempo como uma espécie de braço armado da Igreja contra os cultos e práticas de origem africana, indígena e mesmo do catolicismo de cura préultramontano. Até o final da ditadura Vargas assim como antes e pouco depois, a umbanda experimentou amargamente sistemática perseguição por parte dos órgãos policiais, como já experimentara o candomblé da Bahia durante a primeira metade do século, o xangô pernambucano nos anos 30 e o xangô alagoano praticamente dizimado nos anos 20¹⁴³.

Para Prandi a Umbanda foi formalmente instituída na cidade do Rio de Janeiro.

Do Rio de Janeiro, a umbanda instala-se e se expande em São Paulo rapidamente, depois pelo país inteiro. Três décadas depois será analisada e festejada como a religião brasileira. A adoção da umbanda por São Paulo dá-se publicamente. Sua presença na cidade ocorre com grande visibilidade, ainda que os terreiros fossem obrigados a registrar se nas delegacias policiais. A partir do final dos anos 50, as festas populares públicas que arregimentam a maior quantidade de devotos

¹⁴⁰ NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada*, p. 65.

¹⁴¹ PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*, p.50.

¹⁴² PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras no Brasil*, p.69.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 69.

e simpatizantes são as festas de Iemanjá nas praias de Santos e Praia Grande, nos dias 8 e 31 de dezembro de cada ano. Como no Rio de Janeiro e em muitas outras cidades brasileiras. A popularização da umbanda em São Paulo é já então definitiva, pois que São Paulo já é também a metrópole de todos os brasileiros, a multidão de cada um, o mercado de todas as coisas e causas, o capricho de todos os gostos, o templo de todos os deuses ¹⁴⁴.

Não se tem um consenso por parte dos autores com relação aos inícios da Umbanda. Na década de 40, houve uma tentativa de organizar-se como uma religião legítima, mas a Umbanda era vista pela sociedade como uma religião marginalizada: de negros e da classe baixa. O que levou a grande maioria dos templos a utilizarem nomes cristãos ou kardecistas para não serem identificados como Umbanda. A Umbanda desde seu surgimento teve que usar diversas artimanhas para poder continuar praticando seus rituais. Em seguida, apresentaremos como a Umbanda chega a Montes Claros e o ambiente no qual ela se desenvolve.

2.1.2. A chegada e a fundação da Umbanda em Montes Claros

O campo religioso de Montes Claros era composto quase que exclusivamente pelo catolicismo, com algumas exceções de Centros kardecistas e Umbanda de Mesa. Para Caldeira, “o ano de 1885 é o marco inicial de Espiritismo na cidade”¹⁴⁵, após este ano o espiritismo cresceu gradativamente. A prática da Umbanda de Mesa acontecia em geral nos fundos das casas, onde se encontravam os altares e se realizavam os trabalhos de descarrego, cura e magia negra. A Umbanda de Mesa se assemelha a um centro kardecista, as orações são católicas e kardecistas e em todo o ritual os médiuns permanecem em transe sentados à mesa. Marques nos informa que nos anos de 1916 e 1917, o *Jornal de Montes Claros* faz referência a Umbanda, que gradualmente passa a ser conhecida na cidade. Informa ainda quais foram os protagonistas que deram início a Umbanda em Montes Claros :

(...) dois dos principais protagonistas do cenário inicial umbandista sertanejo, bem como do seu processo de reconhecimento social: José Fernandes Guimarães e o casal, Waldemar e Laurinda Pereira Porto. O primeiro, por ser o responsável pela introdução da prática umbandista proveniente da região sudeste, e o segundo, por junto a outros personagens

¹⁴⁴ PRANDI, Reginaldo. *As religiões negras no Brasil*, p. 69-70.

¹⁴⁵ CALDEIRA, Wesley Soares. *O Espiritismo em Montes Claros – 1885 a 2001*, p. 27.

como Eliezer Gomes de Araújo e Iliziário, ter introduzido na região a Umbanda com características nordestinas. A partir destes, se inicia o processo de formação e legitimação desta religião no sertão norte - mineiro, processo enriquecido também pelas influências do Candomblé, da Magia Negra e pela criação de uma associação que visava a regulamentação dos terreiros¹⁴⁶.

A autora descreve ainda a lenta consolidação da Umbanda na cidade e o distanciamento da mesma do Kardecismo.

Em 1939, o Centro Espírita Antonio Francisco Lisboa é o primeiro com sede própria e suas sessões eram coordenadas pela médium Clotildes Ramos da Cruz, conhecida também como Dona Lozinha. Caldeira considera que “confrades presentes ao movimento espírita da década de 50 preferem reputá-lo um núcleo mediunismo, com pálida lembrança da doutrina de Allan Kardec”, isto é, o centro de Dona Lozinha, apesar do nome, distanciava-se da doutrina kardecista. De acordo com relatos recolhidos para este estudo, entre estes, o do médium umbandista Aluizio Maia, Dona Lozinha praticava a Umbanda de Mesa¹⁴⁷.

Não se tem um consenso com relação às matrizes religiosas dos terreiros de Umbanda em Montes Claros. Os registros em cartório não coincidem com os relatos de sacerdotes segundo Marques:

Quem teria sido o primeiro pai ou mãe-de-santo? Campos nos diz que “Os Terreiros de Umbanda existentes em Montes Claros são oriundos de outros terreiros de Umbanda da região Sudeste. Muitos descendem dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro” e sobre os primeiros afirma o seguinte: “os primeiros terreiros de Umbanda de Montes Claros foram do Sr. Waldemar Costa, Dona Alcina Nunes, Sr. José Fernandes e o Sr. Eliezer Gomes de Araújo. Foram esses os pioneiros umbandistas, segundo nos informou o Senhor J. Pereira”. No entanto, dados dos resultantes da nossa pesquisa empírica não coincidem totalmente com a afirmativa. Há uma lacuna que deve ser preenchida. Cruzando informações nos dadas por testemunhas da época (sacerdotes, médiuns, e consulentes) com registros em cartório, constatamos a existência do casal Waldemar e Laurinda Pereira Porto, donos de um terreiro que muito possivelmente realizou o primeiro “toque” com atabaques em Montes Claros. O registro em cartório deste terreiro data de 1955. Faz-se necessário esclarecer também sobre a sacerdotisa Alcina

¹⁴⁶MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 76.

¹⁴⁷*Ibidem*, p. 77.

Nunes. Testemunhas da época e alguns de seus médiuns, nos afirmam que esta sacerdotisa se tornou umbandista na Bahia, mas recebeu do Sr. José Fernandes Guimarães apoio e suporte espiritual para fundar seu terreiro na década de 50. Dona Alcina mantinha estreitas relações com este sacerdote se aconselhando com ele e tratando-o como Meu Padrinho¹⁴⁸.

Marques conclui:

Neste mosaico de nomes, o casal de médiuns Waldemar e Laurinda Pereira Porto e José Fernandes Guimarães atraem para si mais que a possibilidade de pioneirismo, mas o fato de realizarem junto a Eliezer Gomes de Araújo, Iliziário e Alcina Nunes a concretização da Umbanda na região, além do encontro entre duas Umbandas diversas. A procedência destes médiuns indica que o umbandismo norte-mineiro seguiu a linha do seu povoamento: através de José Fernandes Guimarães, a Umbanda Sertaneja recebeu influências do Sudeste principalmente do Rio de Janeiro, e pelo casal Waldemar e Laurinda Porto e Eliezer Gomes de Araújo e Iliziário acolheu influências da Bahia¹⁴⁹.

Conclui-se assim, que foi através dessas duas vias de entrada que a Umbanda chegou a cidade de Montes Claros, e concretizou seu nascimento na região. Nosso próximo passo é olhar para os fundadores da Umbanda de procedência baiana, que chegaram a Montes Claros e ajudaram a consolidar a Umbanda Sertaneja, criando o Centro de Umbanda Tupinambá.

Os pioneiros da Umbanda em Montes Claros, como já indicamos, foram José Fernandes que trouxe a religião do sudeste e Eliezer Gomes de Araújo e o casal Waldemar e Laurinda Pereira Porto, procedentes da Bahia. O paradeiro de Eliezer é desconhecido, sua esposa ainda reside em Montes Claros. O terreiro de Maria da Conceição Freire de Martins Pereira e José Gonçalves Pereira se filia a herança de Eliezer. Existe uma unanimidade entre os praticantes da Umbanda em Montes Claros, que apontam José Fernandes como um dos pioneiros na prática da religião na cidade. Ouvimos muitas narrativas acerca de sua importância para consolidação da Umbanda, os mais antigos o descrevem com certa nostalgia e admiração. Para muitos, a coragem de José Fernandes em divulgar e promover a religião na cidade foi um ato de heroísmo,

¹⁴⁸ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 80.

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 80.

uma vez que sua atitude foi considerada uma afronta a hegemonia católica. Ele foi o primeiro sacerdote a divulgar seus trabalhos e festas para sociedade, além de emitir carteirinhas de filiação para seus adeptos. Sabemos através da pesquisa de Marques, que a trajetória pessoal de José Fernandes foi difícil. Desde criança teve sua mediunidade contestada pela mãe, que não acreditava na espiritualidade do filho; na juventude sofreu por não conseguir entender que era diferente dos demais jovens, já que previa acontecimentos e constantemente tinha a visão de pessoas que ninguém via. Buscou a ajuda de médicos e frequentou muitos hospitais, mas seu problema não foi resolvido, então foi a um centro espírita em busca de respostas e cura e se desenvolveu como umbandista. Escolheu a cidade de Montes Claros para fundar sua casa e iniciar seus trabalhos. Tornou-se um médium famoso graças aos seus trabalhos de cura. Só de segurar o punho de uma pessoa, ele conseguia diagnosticar o mal que a incomodava.

José Fernandes foi um homem muito respeitado na região tanto pela sua pessoa quanto pelo trabalho. Apesar das constantes perseguições da classe médica que o denunciava como sendo charlatão, as pessoas que consultavam com ele, falavam bem dele e do seu trabalho. Muitos o procuravam na esperança de cura tanto dos males espirituais como dos males físicos. No capítulo segundo de sua dissertação, Marques apresenta várias manchetes de jornais onde o nome e as atividades do medium são constantemente relatadas¹⁵⁰.

Dando continuidade ao relato da constituição da Umbanda em Montes Claros, Marques nos relata que o casal Laurinda e Waldemar Pereira Porto fundou o terreiro de Umbanda Divino Espírito Santo, que entre os anos 1951 e 1952 passou a chamar Centro Espírita Divino Espírito Santo. O terreiro encontra-se ainda hoje em atividade, registrado em cartório desde a década de 50, é o mais antigo em Montes Claros. Marques nos relata que:

Para levantar dados a respeito do casal, estivemos com sua filha Jesuína Porto Barbosa, conhecida como Gelza, hoje sacerdotisa da Umbanda e destinada, de acordo com ela, a ser a sucessora dos pais. Em seu poder estavam o registro do centro/terreiro datado de 1955, retratos, entre estes o do primeiro toque com atabaque em 1952, 03 de livros de atas de sessões mediúnicas das décadas de 70 e 80, e alvarás de licença. Cruzamos as fontes citadas com as informações reveladas por Gelza, Maria do Carmo Pereira Santos, Aluizio Maia e José Pereira, que nos indicaram ser esse terreiro um

¹⁵⁰ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 98.

dos poucos restantes que realmente, “toca” Umbanda, apesar da sua sacerdotisa ter realizado assentamento orientado por um Tatêto, ou seja, um pai-de-santo do Candomblé¹⁵¹.

Ele chegou a Montes Claros, em 1951 atraídos pelo crescimento da cidade e fundou o Centro Espírita Divino Espírito Santo. Só em 1952, realiza seu primeiro toque de palmas, pois com as perseguições policiais o toque dos atabaques era evitado para não chamar atenção. Mesmo assim, o toque chama atenção de muitas pessoas que passam a frequentar o centro. Mesmo existindo na cidade muitos terreiros clandestinos, Laurinda e Waldemar preferiram registrar o terreiro em cartório para torná-lo legítimo diante da sociedade.

Marques nos informa ainda, que Laurinda e Waldemar convidaram o Ilizário para realizar na cidade um batismo no mesmo ano de nascimento do centro:

Em 1952, Ilizário e sua família foram convidados pelo casal de médiuns a virem a Montes Claros para realizarem o primeiro batizado no terreiro. Alguns médiuns estavam se desenvolvendo e, segundo a Umbanda por eles praticada, o batismo é visto como um sinal de compromisso¹⁵².

O batismo realizado no Centro Espírita Divino Espírito Santo ficou registrado em fotografia. Nele realizou-se o primeiro toque de atabaque em Montes Claros. Logo depois desse acontecimento memorável, Ilizário mudou-se para Montes Claros com sua família, passando a morar na casa de Maria Tupinambá. Com quem passou a ter uma sigilosa relação amorosa, logo descoberta por sua esposa.

Esse romance culminou na separação de Ilizário da sua família de origem. Com o fim do casamento, sua esposa foi embora de Montes Claros levando seus filhos, alguns relatam que ela foi construir a vida em São Paulo, outros dizem que ela voltou para Bahia, não tivemos a informação correta, pois o assunto gera polemica e mexe com a vida íntima da família que prefere não tocar no assunto. Ilizário viveu com Dona Maria Tupinambá até sua morte.

Apresentamos, em seguida, a foto que eternizou o primeiro toque de atabaques no Norte de Minas. Esta foto tem um valor simbólico para a história da Umbanda, nela estão reunidos os pioneiros que deram vida a Umbanda em Montes Claros.

¹⁵¹ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja*, p. 98.

¹⁵² *Ibidem*, p. 100.



FIGURA 1: Acima, imagem do toque de Umbanda com atabaques do Centro Espírita Divino Espírito Santo em 1952. Primeiro à direita, sentado está Waldemar Pereira Porto, ao lado de pé sua esposa Laurinda. No centro com o atabaque, de acordo com Jesuína Pereira Porto está Iliziário.

Fonte: Foto do arquivo pessoal de Jesuína Pereira Porto.

Esta Umbanda do Centro de Umbanda Tupinambá que recebeu influência da Bahia é o nosso objeto de estudo.

2.1.3. A matriz baiana

Desde o início da escravidão, quando os primeiros negros chegaram ao Brasil, nos portos nordestinos, a igreja e o estado tinham interesse em disciplinar a vida religiosa dos negros. No entanto, fazia vista grossa as danças, cânticos e rezas dos negros realizadas nos terreiros das fazendas. Alguns padres e senhores preferiam acreditar na justificativa dos negros que diziam que os batuques eram em homenagens aos santos católicos, feitas na língua deles e com danças de suas terras. Algumas autoridades consideravam essas práticas como folclóricas. Na verdade, os negros através dessas práticas mantinham as suas tradições vivas¹⁵³.

¹⁵³ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda*, p. 34-35.

A incorporação, a manipulação de ervas e amuletos, os sacrifícios de animais, as rezas, o curar doenças, conhecer o futuro, melhorar a sorte e as invocações secretas, sempre foram para o colonizador sinônimo de mistério e medo..

Há neste tipo de Umbanda traços africanos e de Candomblé vindos da Bahia. As linhas desta descendência inauguradas por Laurinda e Waldemar em Montes Claros são classificadas como sendo: Umbanda “Ritmada”, de “Terreiro”. As linhas de terreiro em Umbanda são: Preto Velho; Caboclo da Jurema; Linha dos Iara; Cosme e Damião; Assentamento com o povo do tempo (Rei do tempo, Ventania, Giramundo); Boiadeiro e Baianos; - Em Quimbanda: Escora/Pomba-Gira e Exu doutrinado.

A guisa de explicação, Marques descreve que segundo a filha de Waldemar e Laurinda: as linhas inauguradas por seus pais permanecem em atividade na atualidade, entretanto, reconhece dar mais ênfase a algumas, principalmente, a linha de Preto Velho e Escora/Pomba-Gira. Declara ainda que a única transformação radical, depois da morte de seus pais foi o fato de ter feito um assentamento com um Tatêto¹⁵⁴.

A diferença entre a Umbanda originada do Sudeste e a Umbanda da Bahia tocada nos demais centros de Montes Claros é que nos terreiros de procedência baiana observa-se o resguardo dos seguintes aspectos :

- O toque dos atabaques;
- O fato de os sacerdotes não viverem somente da Umbanda, pois tinham outras profissões;
- Não se aceita no terreiro o uso de palavrões e bebidas em demasia;
- Adotam um comportamento moral onde os médiuns são tidos como exemplo, o que também é observado nas entidades;
- A família é importante na instituição e é relevante na formação dos médiuns;
- Os médiuns do sexo masculino não recebem entidades femininas;
- A assistência é dividida em um lado os homens e do outro as mulheres;

Já nos terreiros de procedência do Sudeste é permitido um comportamento mais flexível, além do fato de aceitarem que a assistência fique junto (homens, mulheres e crianças) , as entidades tanto femininas quanto masculinas podem ser recebidas por ambos os sexos. Esta flexibilidade apresentada nestes centros demonstra um comportamento e uma postura mais moderna advinda dos grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Observamos que o Centro de Umbanda Tupinambá, ao compilar

¹⁵⁴ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda Sertaneja cultura e religiosidade no sertão norte Mineira*, p. 103.

sua doutrina deixou-se influenciar fortemente pela cosmovisão de procedência baiana. Em seguida olharemos de perto esta cosmovisão.

2.2. O Centro de Umbanda Tupinambá

O Centro Umbanda Tupinambá se encontra na rua Pedra Azul, periferia da cidade de Montes Claros, no bairro Esplanada, composta de um lado por casas de classe média baixa e do outro lado por um terreno vazio, cheio mato por onde passa um pequeno córrego que deságua numa lagoa. O ambiente é simples, composto de dois barracões construídos com a ajuda da comunidade mantenedora.

Ao longo do tempo não foram feitas muitas mudanças na sua construção de estilo colonial com um telhado baixo, de madeiramento antigo e telhas de fabricação artesanal, muito utilizadas no período de construção dos primeiros casarões coloniais na região. As dependências da cozinha e do banheiro construídas fora da casa. A razão dessa construção fora era simples, fogão de lenha dentro de casa é um perigo e não havia uma rede de saneamento e esgoto. Hoje, essas características ainda estão presentes na estrutura do Centro de Umbanda Tupinambá. Com um banheiro externo, sem rede de esgoto, fazendo uso de fossa e no primeiro barracão está instalada uma pequena cozinha com fogão de lenha e vários vasilhames para confeccionar os comes e bebes. Os vasilhames ainda estão dispostos numa prateleira antiga de madeira. Do lado esquerdo fica um quartinho onde os praticantes trocam de roupa.

No segundo barracão encontra-se o salão (terreiro) com um grande altar. O altar está centralizado no meio do espaço dedicado a gira, é todo confeccionado de cimento e tijolos sustentado por uma grande laje de cimento, confeccionada manualmente e adornada por toalhas de cetim coloridas, ainda em cima do altar está disposta uma enorme quantidade de quadros de santos e vasos de flores e vasilhames de barro, utilizados para dispor oferendas aos orixás. As paredes ficam reservadas para pendurar uma enorme quantidade de quadro de santos e santas, além de objetos derivados do gado como chapéu de couro, berrante, chicote, coletes de couro, embornal e outros desconhecidos para nós nossa observação, mas significativos para o grupo.

Muitas guias de trabalho e colares de santo confeccionadas algumas de cristal e outras de lágrimas de Nossa Senhora, dentes e palha de costa estão pendurados nas paredes, imantadas e manadas pelos guias e orixás. Elas servem de instrumento de proteção e defesa contra as vibrações negativas de energia, são também os olhos dos orixás. Só é utilizada quando consagrada a sua linha de pertença. Somente os médiuns,

que já foram liberados para praticar a consulta na gira podem usar, revelando uma organização ritual, conforme a entrada da linha as guias são utilizadas.

A mãe de Santo ainda nos descreveu como se devem confeccionar as guias, existe todo um ritual. Deve-se confeccioná-las em silêncio encaixando as contas uma a uma no fio, seguindo as cores do santo para qual vai ser feito a guia, que serve de proteção. Há outros objetos que apresentaremos em outro momento. No fundo, encontra-se mais um quartinho, que não foi descrito pelos membros por se tratar de um local cuja entrada é exclusiva aos fiéis. Os freqüentadores são pessoas humildes, muito receptíveis e acolhedores.



FIGURA 2: Portão da entrada do centro de Umbanda Tupinambá
Foto : Retirada em 27/06/2010 por Shirlene dos Passos Vieira

Segundo relatos da mãe de santo Irene Tupinambá, o Centro de Umbanda Tupinambá foi construído a partir do esforço de Dona Maria Tupinambá que comprou o lote no bairro Esplanada, e com ajuda financeira dos médiuns construiu o terreiro. Na época em que ela adquiriu o terreno, o local era muito afastado da cidade. Quando chovia o córrego enchia e transbordava, os fiéis tinham muita dificuldade de chegar ao Centro. Outras vezes, o mato crescia tanto que dona Maria mesmo pegava no facão para cortar e abrir o caminho, para o povo conseguir chegar.

Refazer a história do Centro é perceber a autonomia e liderança das mulheres, primeiro de dona Maria Tupinambá e atualmente dona Irene Tupinambá. A importância de dona Irene parece ser mais abrangente à medida que se visualiza a mediação diante dos bens simbólicos e religiosos. O lugar social ocupado por Dona Irene dá a ela a

possibilidade de exercer um poder fundamental, o poder religioso. No Centro, ela desempenha o papel de mulher, de mãe e de líder. No artigo intitulado, *Candomblé e o poder feminino*, Bernardo esclarece como as mulheres negras viveram este poder no Brasil, num contexto diaspórico:

As mulheres africanas pertencentes as etnias fons e iorubás exerceram em seus respectivos reinos um poder político importante. É claro que no presente da escravidão esse poder teve que ser ressignificado. Na realidade é totalmente contraditório com a situação de escravo o exercício de qualquer poder no plano do real. Assim, pode ter ocorrido uma transformação: se não existiam condições de exercício do poder real, exercia-se no plano do imaginário, através da religião¹⁵⁵.

Bernardo continua:

Outro aspecto que deve ser destacado para iluminar o fato de a mulher vir a ser a sacerdotisa-chefe do Candomblé diz respeito à densidade do sentimento materno na africana¹⁵⁶.

As mulheres no sertão são valentes e maternais, na defesa de seus ideais familiar, político e amoroso não medem esforços para preservá-los. A autonomia e determinação adquiridas ao longo da vida lhes ajudam nessa luta. Profundamente, religiosas confiam na proteção do céu. Herdaram a valentia, a coragem e a religiosidade necessárias para viver no sertão. Nas nossas visitas ao Centro pudemos constatar de perto essas qualidades nas falas e no agir das mulheres.

A seguir apresentaremos duas mulheres sacerdotes do Centro de Umbanda Tupinambá, mulheres fortes que trazem consigo traços marcantes da identidade sertaneja. Elas estão no Centro desde o início e souberam marcar a vida e as ações do mesmo, além de preservar a tradição e o saber do Centro. Começaremos por Dona Maria (Sacerdotisa que deu origem ao centro), sua memória nos foi relatada por Dona Irene (atual sacerdotisa) e em seguida apresentaremos a própria Dona Irene. Ao chamarmos atenção para estas duas mulheres sacerdotes do Centro de Umbanda Tupinambá, queremos ressaltar os traços sertanejos presentes nas suas personalidades.

¹⁵⁵ BERNADO, Teresinha. *Candomblé e o poder feminino*, p. 15.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p.16.

São mulheres batalhadoras e mantedoras da segurança da prole e do sentimento religioso, que é tão marcante nesta região.

2.2.1. Maria Tupinambá

A imagem que dona Irene Tupinambá- atual sacerdote, guarda de dona Maria Tupinambá a primeira sacerdotisa do Centro de Umbanda Tupinambá nos é assim apresentada: “ela tinha o pulso forte de uma grande matriarca. Foi desenvolvida no Centro de Umbanda de dona Lozinha, onde freqüentou por muito tempo até se doutrinar, depois passou a freqüentar o centro de Dona Jovi”¹⁵⁷. Viúva, trabalhava como diretora de uma escola pública em Montes Claros, vinda de uma família tradicional católica, com comportamento preconceituoso em relação as religiões oriundas do tronco afro- brasileiro. Ela sofreu na pele pela sua escolha.

Assim que fez opção pela Umbanda, foi rejeitada pela família, passando adotar a nova comunidade religiosa como família. Era uma mulher mandona e cheia de atitude, criou seus filhos com muito rigor e quando necessário castigava-os mesmo já sendo homens adultos. Percebemos nos relatos de dona Irene que ela nutre por Dona Maria uma verdadeira adoração e veneração, ela fala de Dona Maria num tom de sentimento de saudade.

O Centro foi construído por ela com muita dificuldade, comprou o terreno com as economias que tinha guardado ao longo da vida e contou ainda com a ajuda de pessoas que dona Irene não consegue identificar. A ajuda dos amigos e a doação de fiéis foram a principal renda para investir na construção do Centro que demorou muito para ser concluída.

Dona Maria além de ter sido sua mãe religiosa também foi sogra. Ao longo da entrevista ela nos relatou que estes centros citados acima são centros de Umbanda, que ainda existem na cidade de Montes Claros. Dona Irene diz-nos que: “ Foi num terreiro conhecido pelo nome de Terreiro das Lages de dona Maria, sua madrinha e Ilizário, que ela deu segmento ao aprendizado. Na década de 60, ela abre seu próprio Centro. Com o nome de Centro de Umbanda Tupinambá”.

¹⁵⁷ Entrevista realizada no dia 09 de Novembro de 2011, em Montes Claros .

O nome Tupinambá é o nome da entidade recebida por ela, quando se refere a entidade diz sempre meu pai Tupinambá. Os médiuns que freqüentam o terreiro trajam roupas brancas.

As mulheres são a maioria, mulheres negras por sinal. Todos demonstram muita estima e respeito por Dona Irene. Chamam-na de mãe e alguns de madrinha.

No terreiro Tupinambá, diferentemente dos demais, a mãe de santo não reside nele. Apenas uma senhora já idosa, fica num quartinho tomando conta e zelando, pois, como diz Dona Irene “ antes não tinha necessidade de ninguém ficar aqui todos respeitavam, só que depois do incêndio que queimou o armário e danificou alguns objetos é que tivemos que deixar alguém tomando conta”¹⁵⁸.

Ela nos relatou que uma pessoa nova no bairro entrou no Centro de madrugada e ateou fogo, mas ela nunca tinha tido problemas com os vizinhos. O Centro antecedeu o bairro, as pessoas do bairro respeitam e toleram as atividades do Centro. O Centro por sua vez na pessoa de Maria Tupinambá, sempre respeitou todos os moradores. Ela manteve uma rotina tal, que o funcionamento do Centro não perturbasse a vizinhança, para Dona Irene isso era como se fosse um acordo velado, que permanece até os dias atuais.

Maria Tupinambá se manteve na posição de sacerdote até sua morte. Dona Irene não se lembra com exatidão a data da morte de dona Maria Tupinambá, mas foi em torno dos anos de 1970 a 1971. Ela nos disse que faz tanto tempo que perdeu as contas. Entendi que ela não gosta muito de falar do assunto, fica deprimida quando fala da morte de dona Maria.

Ela lembrou que dona Maria sempre que podia distribuía cesta básica para a comunidade carente que morava próxima ao Centro. Já que o Centro se localiza num bairro periférico, conforme citamos acima. Tinha a ajuda de alguns empresários da cidade, que a conheciam da escola onde ela trabalhava e que quando solicitados, ajudavam com a doação das cestas. Pouco tempo antes de falecer, ela transferiu o Centro e a sua administração para Dona Irene.

¹⁵⁸ Entrevista realizada no dia 09 de Novembro de 2011, em Montes Claros.

2.2.2 Irene Tupinambá : Mãe de Santo



FIGURA 3: Dona Irene Tupinambá, no Centro de Umbanda Tupinambá

Foto: Retirada dia 27/06/2010 por Shirlene dos Passos Vieira

A atual sacerdotisa do Centro de Umbanda Tupinambá é Dona Irene, uma mulher forte e decidida. Ela mesma nos relatou que ao assumir o Centro comprometeu-se a dar continuidade nos segmentos que aprendeu com a Dona Maria Tupinambá, sem nada modificar. Dona Irene nos relatou em entrevista, que iniciou sua vida na Umbanda aos 13 anos de idade. O motivo que a levou a procurar o Centro de Umbanda Tupinambá foi um problema de saúde. Procurou primeiro ajuda nos médicos, mas como não obteve sucesso depois de peregrinar por vários hospitais e consultórios, foi levada ao Centro por uma médium chamada dona Zefa, que já freqüentava o Centro. Nas suas palavras:

Fui levada ao centro porque tinha um problema de saúde que nada curava, o problema era nos pés, sentia muitas dores, não conseguia nem pisar os pés no chão. Os médicos não conseguiam descobrir o que era. Minha amiga me convidou e eu fui. Lá conheci dona Maria Tupinambá que me ajudou muito, comprando raízes. Passei a freqüentar todos os dias o Centro e a casa dela. Ficava mais lá na casa dela do que na minha, ajudando nos trabalhos do Centro. Depois entrei na gira e gostei muito. Dona Maria me ajudou a desenvolver e eu fui ficando e gostando. Entrei na gira, desenvolvi. Até que um dia ela me escolheu para dar continuidade. Primeiro ela tinha escolhido o

filho dela que recebeu a mensagem do Caboclo dele, mas ele não deu conta do recado. Então tudo aconteceu de repente. Caiu na minha mão sem eu esperar, eu não tive como recusar. Eu tinha 37 anos. Ela me passou o terreiro e eu continuo mantendo até hoje e vou continuar enquanto vida eu tiver ¹⁵⁹.

Dona Irene relata ainda, que em seu terreiro só toca Umbanda, e desde a criação até os dias atuais, tudo se mantém da mesma forma. Ela não admite mudanças, desde quando começou as linhas são as mesmas. Abaixo daremos a descrição destas linhas. Relatou ainda que seu Ilizário frequentava o centro ativamente e na época de seu falecimento eles estavam com a linha aberta e ele naquela noite estava muito feliz, todos os presentes notaram sua felicidade. Até na gira que ele não gostava de entrar, naquela noite ele entrou, dançou, brincou com todos e de repente ele caiu. A princípio todo mundo pensou ser obra de algum espírito, que tinha pegado ele, mas como ele não se mexeu perceberam que era uma questão de saúde.

Nos estávamos de joelho rezando e dona Maria começou a rezar para fechar os trabalhos, ele caiu e uma medium bateu no ombro dela e disse: depois você fecha aí' e madrinha pediu água e colocou três colheres de água na boca dele e ele ainda engoliu. Foi doença de chagas, ele já sabia que ia morrer, a esposa dele disse: que um dia antes, ele disse a sua mulher que se viesse uma mulher buscar os sapatos que ela entregasse, que ele ia fazer uma viagem e ia demorar para voltar. Pois ele era sapateiro, consertava sapatos. Chamamos um carro e levamos ele ao hospital, mas não teve jeito, o médico disse que tinha 10 minutos que ele tinha morrido. Ainda bem que nos não fechamos os trabalhos senão teria ficado fechado para sempre. Também se com sete dias nos não abrisse o centro. Ele taria fechado até hoje. Se não abrir com sete dias só podia abrir depois com um ano.

Dona Irene disse que seu Centro toca sete linhas desde seu início até hoje, ela conserva o Centro de acordo com sua origem. A primeira linha é a linha de Ogum, que controla todos os fatos de execução e cobrança do carma de cada indivíduo ou grupo, ele é o responsável pela manutenção da lei na Umbanda. Se a situação ameaçar sair do controle ou se nos sentirmos ameaçados, ele agirá trazendo e mantendo a ordem.

Depois vem a do Preto Velho que representa a força, a resignação, a sabedoria, o amor e a caridade. A entidade é um ponto de referência para todos aqueles que

¹⁵⁹ Entrevista concedida no dia 09 de Novembro de 2011, em Montes Claros

necessitam: ela cura, ensina, educa as pessoas e espíritos sem luz. Ressaltamos aqui um canto que descreve a característica principal desta entidade:

Vovô
Vim lhe pedir um favor, oh oh
Vovô
Vim lhe pedir um favor
Olhe por seus filhos,
Dê saúde e amor
Olhe por seus filhos,
Dê saúde e amor

Caboclo da Jurema são entidades que se apresentam como índios, utilizam de charutos para provocar a descarga espiritual de seu médium e nas suas consultas assoviam no ato da incorporação. São bastante sérios nos seus conselhos e grandes trabalhadores dos terreiros. Não há lutas nem batalhas espirituais que o caboclo não vença na demanda de seus filhos-de-fé, afastando entidades negativas, tratando doenças que a medicina muitas vezes não resolve e dando lições de simplicidade, humildade, coragem e persistência.

Boiadeiro é uma das mais conhecidas e uma das mais importantes linhas de Umbanda, acostumados a terra de chão e a tocar o gado pelas estradas é muito requisitada em trabalhos de desobsessão, pois laçam esses obsessores e levam eles para o local de seu merecimento.

Baianos, linha de trabalhadores de Umbanda pertencentes à chamada Linha das Almas, a linha baiana está sempre disposta a ajudar os filhos de fé com seus conselhos e sua proteção.

Povo do tempo são formas de apresentação, muitas vezes chamadas de povos auxiliares, ou formas auxiliares de apresentação, têm funções e missões distintas, mas sempre subordinadas ao tripé essencial, suas formas de se apresentar na figura dos *Pretos-Velhos, Caboclos e as Crianças*¹⁶⁰.

¹⁶⁰ As formas de apresentação significam a nossa vida, e dão conta de todos os problemas de nossas existências. Significando assim o desenvolvimento da vida, ou seja o início da vida, a pureza e a simplicidade, a descoberta (infância = crianças), o amadurecimento a virilidade o destemor, a vontade e o arrojo, a força (adulto = caboclo) e o amadurecimento, a sabedoria da vivência, a humildade de quem já viveu muito, a experiência e o conhecer das outras fases (velhice = pretos-velhos).

Eres são entidades que representam alegria, a sinceridade, a inocência, tudo que é puro. Representam as crianças, são alegres, travessos, manhosos, cheios de dengo e manias. É a síntese da pureza.

Daremos maior enfoque ao simbolismo e ao ritual da entidade Boiadeiro, por acreditar que ele possua uma ligação afetiva com os integrantes do Centro.

2.3. Símbolos e Rituais: O Boiadeiro

Todo Centro possui suas particularidades, o Centro de Umbanda Tupinambá não foge a regra. Apresentaremos alguns aspectos que verificamos serem característicos deste Centro.

Não resta dúvida que no extenso sertão, os homens se dedicaram bravamente a criação de gado, fonte financeira direta, que sustentou e manteve este povo. É impossível não associar esta atividade, a sobrevivência e ao desenvolvimento desta sociedade. Assim como descrito anteriormente homem e animal mantinham uma relação de representação tanto no aspecto social quanto no visual e até mesmo no religioso, afinal sabemos que tudo pode se tornar referencia na convivência. Em suas lembranças, o homem absorve aquilo que para ele é mais significativo. Todo sertanejo tem uma lembrança relacionada com o campo, com o espaço geográfico, com o cotidiano e a história. A todo o momento essas lembranças o reportam a um tempo distante, quase mítico.

Descendentes destes destemidos pecuaristas e agricultores, o povo norte mineiro mesmo com toda urbanização não esqueceu e não negou suas raízes. É o passado e o presente construindo o futuro. Um fato que chamou muito nossa atenção foi a forte presença dos Boiadeiros nas giras do Terreiro, presença múltipla.

Muitos produtos relacionados com o gado são utilizados nos rituais como: chapéu de couro, colete de couro, chicote de couro, embornal, botas e demais apetrechos confeccionados de couro. Produtos que tem uma relação direta com as condições de vida na região. Os homens que povoaram o sertão utilizaram o couro em quase tudo, artigo que auxiliava na sobrevivência.

No âmbito religioso, o símbolo é um elemento muito importante, sem ele fica muito difícil expressar o que a imaginação quer descrever. As pessoas usam diversos recursos para construir seus símbolos, já que estes funcionam como uma ligação entre o homem e a divindade. É uma representação que faz lembrar e pensar em coisas, em pessoas, em imagens, em tempos diferentes, de modo geral é uma forma de linguagem

que representa e comunica idéias. Os símbolos podem apontar para o transcendente, para um acontecimento significativo, podem fazer com que relembremos de uma época, de uma determinada pessoa, que foi exemplo de fé, sabedoria e santidade para os seus seguidores.

José Severino Croatto¹⁶¹ nos oferece uma chave interpretativa para analisar a experiência religiosa numa perspectiva simbólica. O símbolo aponta para a junção do mistério, do transcendente com o ser humano, diz ele.

Croatto aponta ainda a junção do mistério e do transcendente, único meio para compreender esta linguagem. O ser humano expressa sua compreensão, cria objetos capazes de responder e satisfazer seus questionamentos e angústias. Realiza a transfiguração do real, numa experiência de amor e afeição. É a junção entre ser humano e sagrado que acaba sendo manifestada no objeto. Para Croatto, esta experiência humana é relacional, ou seja, o contato com o elemento simbólico projeta e sacia a necessidade da transcendência e não deixa o ser humano na ausência, sacia sua necessidade de resposta.

A Umbanda no seu ritual, na sua linguagem e vestimentas deixa transparecer o quanto foi marcada na sua identidade por influências nordestinas e baianas. O cotidiano social e religioso dos habitantes do Norte Mineiro é fortemente marcado pela presença do gado e seus símbolos. Esta presença é nítida no Centro de Umbanda Tupinambá.

A penetração do gado levou o criador e o vaqueiro a fixarem-se no interior. Era o povoamento, além do litoral

Tanto o criador como o vaqueiro, como o patrão e o empregado enfrentavam os mesmos riscos e isto de certo modo os irmanava. Os boiadeiros saciam esta necessidade de uma convivência harmoniosa. A historiografia nos relembra com frequência que a pecuária unia os homens, democraticamente, enquanto o engenho criava aristocracia e uma barreira entre a casa-grande e a senzala.

Os Boiadeiros são entidades que representam a natureza desbravadora, romântica, simples e persistente do homem do sertão, “o caboclo sertanejo”. Eles são o elemento constitutivo de um povo, que atende todos os aspectos de uma sociedade nascente.

São os Vaqueiros, Boiadeiros, Laçadores, Peões, Tocadores de Viola. O mestiço Brasileiro filho de branco com índio, índio com negro e assim vai. Os Boiadeiros representam a própria essência da miscigenação do povo brasileiro: nossos costumes, crendices, superstições e fé de uma experiência humana vivenciada na região.

¹⁶¹ CROATTO, José Severino. *As linguagens da Experiência Religiosa*, p. 86.

2.3.1. Símbolo

Como sugere Croatto¹⁶² “O Símbolo é parte de uma experiência humana”, seja ela profana ou religiosa, neste caso o boiadeiro e seus paramentos representam para a Umbanda um símbolo religioso, que descreve o cotidiano do homem no sertão. Esse cotidiano é representado desde o amanhecer, o Boiadeiro arrumava seu cavalo e levava seu gado para o pasto, somente voltava com o cair da tarde, trazendo o gado de volta para o curral.

Croatto¹⁶³ propõe que “tudo pode ser transfigurado em hierofania, mas isso não supõe que de fato seja”. Como ele mesmo descreve “É preciso haver uma vivência do sagrado em relação com tal ou qual elemento mundano”. E o homem sertanejo certamente viveu e vive essa experiência de forma contundente.

Boiadeiro e boi estão em constante relação. O boiadeiro nas caminhadas tocava seu berrante e sua viola cantando sempre uma modinha para sua amada, que ficava na janela do sobrado, pois os grandes donos das fazendas não permitiam a mistura de empregados com a patroa. É tal e qual o vivido pelo homem rude do campo. Durante o dia debaixo do calor intenso do sol ele segue, tocando a boiada, marcando seu gado e território. À noite ao voltar para casa, o churrasco com os amigos e a família, um bom papo, pontado por um gole de aguardente.

Os sertanejos sofreram preconceitos, como os “sem raça”, sem definição de sua origem. Ganhando a terra do sertão com seu trabalho e luta, mas respeitando a natureza e aprendendo, um pouco com o índio, sendo iniciado no conhecimento sobre ervas, plantas e curas; e um pouco com o negro, sobre os seus Orixás, milongas e feitiços; e um pouco do branco: sua religião (posteriormente misturada com a do índio e a do negro) e sua língua, entre outras coisas.

Na Umbanda, o boiadeiro são espíritos de pessoas, que em vida trabalharam com o gado, em fazendas por todo o Brasil, estas entidades trabalham da mesma forma que os Caboclos nas sessões. Usam de canções antigas, que expressam o trabalho com o gado e a vida simples das fazendas, nos ensinando a força que o trabalho tem como ensinamento, revelando que o que o move é a sua força de vontade, que luta por uma vida melhor e mais farta.

¹⁶² CROATTO, José Severino. *As linguagens da Experiência Religiosa*, p. 87.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 88.

Nos seus trabalhos no Centro se usa de velas, pontos riscados e rezas fortes para todos os fins.

Bate-bate na cumbuca
Repicou no meu congá
Valei-me meus boiadeiros
Que chegaram pra trabalhar

O Caboclo Boiadeiro traz o sangue quente do sertão, e o cheiro de carne queimada pelo sol das grandes caminhadas, sempre tocando seu berrante para guiar o seu gado. Normalmente, eles fazem duas festas por ano, uma no início e outra no meio do ano. Estas festas são pura alegria, deixam toda comunidade em harmonia. Todos querem colaborar e convidar amigos. São noites onde os adultos e as crianças se vestem com suas melhores roupas, dançam pedem passe e se divertem, tem muita comida e bebida. As mulheres mais velhas trabalham na cozinha durante todo o dia, preparando as comidas e as bebidas quentes, chá e café. Os homens ficam de prontidão, todos muito bem alinhados.

A entrada de cada linha se torna triunfal. Principalmente o Boiadeiro reconhecido pela forma diferente de dançar, tem uma coreografia intrincada de passos rápidos e ágeis, que mais parece um dançarino mímico, lidando bravamente com os bois. Na noite de festa ele se mostra mais faceiro. Baila e encanta os presentes.

Fora dos dias de festa seu dia é quinta feira, gosta de bebida forte como, por exemplo, cachaça com mel de abelha, que eles chamam de meladinha, mas também bebem vinho. Fuma cigarro, cigarro de palha e charutos. Seu prato preferido é carne de boi com feijão tropeiro, feito com feijão de corda ou feijão cavalo. Boiadeiro também gosta muito de abóbora com farofa de torresmo.

Em oferendas é sempre bom colocar um pedaço de fumo de rolo e cigarro de palha. No Terreiro, os Boiadeiros vêm “descendo em seus aparelhos” como estivessem laçando seu gado, dançando, bradando, enfim, criando seu ambiente de trabalho e vibração. Com seus chicotes e laços vão quebrando as energias negativas e descarregando os médiuns, o terreiro e as pessoas da assistência. Fortalecendo-os dentro da mediunidade, abrindo as portas para a entrada dos outros guias e tornando-se grandes protetores, assim como os Exus.

Alguns usam chapéus de boiadeiro, laços, jalecos de couro, calças de bombachas, e têm alguns, que até tocam berrantes em seus trabalhos. Nomes de alguns

boiadeiros: Boiadeiro da Jurema, Boiadeiro do Lajedo, Boiadeiro do Rio, Carreiro, Boiadeiro do Ingá, Boiadeiro Navizala, Boiadeiro de Imbaúba, João Boiadeiro, Boiadeiro Chapéu de Couro, Boiadeiro Juremá, Zé Mineiro, Boiadeiro do Chapadão. Sua saudação: Getruá Boiadeiro e Xetro Marrumbaxêtro.

Da mesma maneira que as outras entidades representam a humildade, os Boiadeiros representam a força de vontade, a liberdade e a determinação que existe no homem do campo e a sua necessidade de conviver com a natureza e os animais, sempre de maneira simples, mas com uma força e fé muito grande. O caboclo boiadeiro está ligado com a imagem do peão boiadeiro habilidoso, valente e de muita força física. Vem sempre gritando e agitando os braços como se possuísse na mão um laço para laçar um novilho. Sua dança simboliza o peão sobre o cavalo a andar nas pastagens.

Enquanto os “caboclos índios” são quase sempre sisudos e de poucas palavras, é possível encontrar alguns boiadeiros sorridentes e conversadores. De acordo com a sacerdotisa Dona Irene Tupinambá, os Boiadeiros vêm dentro da linha de Oxossi¹⁶⁴. Mas também são regidos por Iansã, tendo recebido da mesma a autoridade de conduzir os eguns da mesma forma que conduziam sua boiada quando encarnados. Levam cada boi (espírito) para seu destino, e trazem os bois que se desgarram (obsessores, quiumbas, etc.) de volta ao caminho do resto da boiada (o caminho do bem).

Croatto faz uma observação sobre a relação do homem religioso com os símbolos: (...) a experiência que dele se pode ter não pode ser expressa; as palavras que a expressam convertem elas mesmas em palavras simbólicas¹⁶⁵. Para Croatto, o homem religioso se manifesta de acordo com seu sentimento, pois o símbolo é a linguagem do profundo, do sentir, da intuição e do enigmático que somente se revela com a experiência. Ele diz ainda, “para que um elemento se transforme em símbolo é necessário elevar este elemento a uma função simbólica pelo que ele é e como ele é¹⁶⁶”.

Paul Tillich¹⁶⁷ apresenta o símbolo como o que orienta o sagrado apontando um caminho para acontecer o encontro entre o ser humano e o transcendente. Para ele, o símbolo é um mediador da transcendência e revela ao homem as dimensões da realidade. Se o sujeito religioso aplica símbolos a uma grandeza dada, é porque ele sabe, que símbolo usar, que símbolo é adequado. Ele “sabe”, ele “conhece”, ele “vê” - ele até

¹⁶⁴ Entrevista concedida no dia 09 de Novembro de 2011, em Montes Claros.

¹⁶⁵ CROATTO, José Severino. *As linguagens da Experiência Religiosa*, p. 111.

¹⁶⁶ CROATTO, José Severino. *As linguagens da Experiência Religiosa*, p.112.

¹⁶⁷ TILlich, Paul. *Teologia Sistemática*. In. CROATTO, José Severino. *As linguagens da Experiência Religiosa*, p. 111.

"ensina", "reproduz". Conquanto, naturalmente, não haja nada aí para ser "sabido", "conhecido" e "visto" que não a própria interpretação desse sujeito.

Croatto ¹⁶⁸relembra que - "o lugar da hierofania é, na realidade, o próprio ser humano". O símbolo é o laço do passarinho, com o qual o sujeito captura sua presa.

Mircea Eliade nos esclarece sobre o tema das imagens que criamos:

As imagens são, por suas próprias estruturas, multivalentes. Se o espírito utiliza as Imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória e conseqüentemente não poderia ser expressada por conceitos¹⁶⁹.

Os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica, eles podem mudar de aspectos, mas sua função permanece a mesma. Temos apenas de levantar suas novas máscaras. É o que faz o homem da Umbanda sertaneja, ele muda o símbolo de aspecto adequando-o a sua realidade, que é rural. Mas sua função continua a mesma, com toda riqueza e significado.

Constatamos isso dentro do estudo da Umbanda com características Nordestinas o que nos remete a Eliade.

Constataremos que essas imagens invocam a nostalgia de um passado mitificado, transformado em arquétipo, que esse "passado" contém, além da saudade de um tempo que acabou, mil outros sentidos: ele expressa tudo que poderia ter sido, mas não foi, a tristeza de toda existência que só existe quando cessa de ser outra coisa, o pesar de não viver na paisagem e no tempo evocados pela música ¹⁷⁰.

Assim sendo, o símbolo é de vital importância para permanência do sagrado e tem no rito essa regularidade de vivência que expressa seu cotidiano e sua crença. É portanto, a experiência do mistério que acontece no símbolo.

Verificamos que as entidades no momento em que começam a baixar¹⁷¹ nos médiuns, imediatamente solicitam que lhe sejam entregues os adereços utilizados por elas. Um freqüentador descreveu-nos um fato curioso que ele presenciou numa gira:

¹⁶⁸ CROATTO, Jose Severino. *As linguagens da Experiência Religiosa*, p.60.

¹⁶⁹ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*, p. 11.

¹⁷⁰ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*, p. 13.

¹⁷¹ Possuir por parte do orixá ou entidade, o corpo de um filho ou filha de santo.

AGS recebe Preto Velho herdado de seu bisavô que foi escravo e já recebia esta entidade. O bisavô dele quando era vivo recebia Preto Velho igual a todo mundo com chapéu de palha e cachimbo. Quando ele veio para o centro ele começou a receber a entidade. Quando ele pediu o chapéu e o cachimbo, nos trouxemos o chapéu de palha, ele então disse para procurar trazer para ele um chapéu de boiadeiro, de couro e um chicote. Devia de ser porque ele trabalhava numa fazenda e cuidava dos animais. Quando ele saiu fora do espírito, eu contei pra ele e ele falou comigo que o bisavô dele foi escravo e trabalhava numa fazenda. Todo mundo ficou sem entender, mas nos fizemos a vontade da entidade dele. Ate o banco pra ele sentar, ele mandou fazer com assento forrado com couro de boi.

A memória de seu bisavô continua presente simbolizada e potencializada na lembrança herdada da família, conservada na memória através das histórias que um dia aquele homem escutou. Todo o passado foi resgatado e retratado nesta nova concepção de vida que liga e religa as vidas.

Verificamos também que no Centro de Umbanda Tupinambá a ornamentação do terreiro é diferente das demais da cidade, o ambiente é carregado de figuras e imagens de diferentes santos católicos. O teto é todo ornamentado com bandeirolas coloridas como se fosse sempre festa junina. O ritual tem conotação rural, relataremos a seguir.

2.3.2. Ritual

No centro de Umbanda Tupinambá, os boiadeiros tem uma função de destaque e de “defesa”. Boiadeiros representam a força de vontade, a liberdade e a determinação que existe no homem do campo e sua necessidade de conviver com a natureza e os animais, sempre de forma simples, mas com uma força e fé muito grande. São habilidosos e valentes. O Boiadeiro deve garantir a vigilância sobre o seu “gado”, isto é, sobre os integrantes do terreiro afim de que não debandem, dificultando o seu trabalho.

São regidos por Iansã-Oyá e Ogum, tendo recebido a mesma autoridade de conduzir os eguns da mesma forma que conduziam sua boiada, levando cada boi (espíritos) para o seu destino, e trazem os bois que se desgarram (obsessores, kiumbas e etc) de volta ao caminho do resto da boiada (o caminho do bem). Suas maiores funções não são as consultas como as dos pretos-velhos, nem os passes e as receitas de remédios como as dos caboclos, e sim o “dispersar de energias” aderida aos corpos, paredes e objetos. Na dificuldade em separar o bem do mal, a ajuda do Boiadeiro se torna indispensável, pois ele demanda a ação, apartando e afugentando o que é mal. É de

extrema importância esta função, pois enquanto os outros guias podem se preocupar com o teor das consultas e dos passes, os boiadeiros “sempre” estarão atentos à qualquer alteração de energia do local (entrada de espíritos negativos).

Seu rito é visto como um rito de energia leve, e leve são os apetrechos utilizados para seu culto. Nas vestimentas dos participantes predomina o branco. O rito começa com um canto específico acompanhado do toque dos atabaques.

Toque o berrante, boiadeiro

Toque o berrante

Toque o berrante pra anunciar sua chegada

É os boiadeiros que vem lá de Aruanda

Pra trabalhar nesta tenda de Umbanda

São cantos de frases curtas sempre iniciados pelo sacerdote que canta primeiro uma frase, somente ele pode determinar quando começa e quando termina o canto, e quanto deve durar o ponto. As seguintes são repetidas pelo grupo e assistência.

Depois da defumação, os atabaques param e o sacerdote se dirige para o centro do salão e, de frente ao pião, inicia as orações acompanhadas pelo grupo. Reza-se o Pai Nosso, e a Ave Maria. Em seguida se canta e gira em torno do pião:

Ó Deus salve o oratório (bis)

Onde Deus fez sua morada, oiá meu Deus

Onde Deus fez sua morada , oiá

Onde mora o cálice bento (bis)

E a hóstia consagrada oiá meu Deus

E a hóstia consagrada oiá

De Jessé nasceu a vara (bis)

Da vara nasceu a flor oiá meu Deus

Da vara nasceu a flor oiá

E da flor nasceu Maria (bis)

De Maria o salvador oiá meu Deus

De Maria o salvador oiá.

A gira descarrega e dispõe o corpo para a incorporação. O atabaque, o balançar do corpo com a dança na gira, criam para o médium o clima necessário para receber o guia.

A fisionomia do médium torna-se mais séria. Começa a caminhar a passos altos e ouve-se uma saudação de vaqueiro que é respondida pelos atabaques. É o Boiadeiro, entidade da Umbanda. O Boiadeiro chega cantando o ponto de chegada destas entidades.

Boiadeiro:

*Chetoá, chetoá, minha corda
é de laçar.*

*Chetoá, chetoá, minha corda
é de laçar.*

*Chetoá, chetoá se correr vou
buscar.*

*Chetoá, chetoá, minha corda
é de laçar.*

Ele dança girando com os participantes da gira, à medida que canta, o ritmo da dança se torna mais veloz até a dança se transformar em um giro constante. Depois diminui a velocidade e com os braços dá a impressão de estar segurando um ferrão e um laço. Ao parar, a assistente lhe dá um gibão de couro usado por vaqueiros na lida com o gado, um chapéu e um laço. Suas calças são dobradas para cima até a altura do joelho. Continua cantando e louva Nosso Senhor Jesus Cristo e começa os trabalhos sapateando em torno do pião. Canta enaltecendo o sertão e o gado.

*Sou Boiadeiro, sou lá de Minas.
Eu juntei meu gado,
leveí pras campinas pra descansar.*

*Seu taquari olha seu gado olha seu ferrão, êa!
Olha seu gado olha seu ferrão êa!*

*Deixa o boi beber vaqueiro, deixa o boi beber na mina.
Este boi não bebe este boi não come.
Ele vai beber lá na Bahia.*

*Na minha boiada me falta uma rês,
me falta duas, me falta três.*

Canta suas idas e vindas pelo sertão:

*Meu bom vaqueiro!
Deus lhe dê boa viagem.
Deus lhe dê boa viagem.
Ô viagem boa, boa viagem!*

O Boiadeiro confirma sua presença, sua significância simbólica é manifestada na força da memória do homem rude que viveu nas pastagens e absorveu grande sabedoria na vivência e na lida com o gado. No terreiro, ela é ressignificada nas consultorias na medida em que ouvem , orientam, esclarecem dúvidas, bem como realizam, caso necessário, a magia para a resolução de problemas.

Percebe-se que a presença da entidade do Boiadeiro ensina a força que o trabalho tem, e que o principal elemento de sua magia é a força de vontade. Para os habitantes do Norte Mineiro representa a busca de um passado, transmitida através das histórias dos mais velhos e o resgate de uma identidade que não pode ser perdida. O Boiadeiro é para o Norte mineiro a representação viva de uma tradição, a conquista de um espaço marginal que aos poucos foi sendo moldado para dar forma a um povo lutador e persistente, venceu todas as interferências temporais e espaciais consolidando seu ethos sertanejo. Assim verificaremos, em seguida, a preservação da memória da mãe de santo e dos frequentadores realizada através da oralidade possibilitou o resgate dos fios da memória do Centro de Umbanda Tupinambá.

Capítulo III

A tradição religiosa nos fios da memória

Uma vez retratado o Centro de Umbanda Tupinambá, desenvolveremos uma análise da preservação da sua memória realizada através da oralidade. Descreveremos a origem dos frequentadores que são provenientes de um mesmo ramo familiar, constataremos a permanência dos ritos através da observação da pesquisa de campo. Por fim, destacaremos o que, a nosso ver os pesquisadores identificam como sendo o modo de ser umbandista do Centro estudado. Neste propósito verificamos que a vestimenta simples e humilde dos frequentadores e a gira nos rituais usada pelos membros fazem parte da preservação da memória do Centro. Com auxílio dos autores Eric Hobsbawm e Stuart Hall conceituamos a tradição. Concordamos com eles que a tradição não é estática, e entendemos também que para o Centro de Umbanda Tupinambá, a Mãe de santo Dona Irene tem sido fundamental para a manutenção da tradição

3.1. A busca da Memória

Analisar a memória é entendê-la num sentido que denota a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. De acordo com a perspectiva de Maurice Halbwachs (1877-1945), toda memória é coletiva. Entendemos que buscar a memória de um grupo é resgatar sentimentos, costumes e identidade. Halbwachs relembra que uma massa consistente de lembranças só existe num grupo conciso:

(...) é preciso introduzir um germe num meio saturado para que ele cristalize, da mesma forma, dentro deste conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças¹⁷².

¹⁷² HALBWACHS. Maurice. *A Memória Coletiva*, p. 27.

Ele ainda nos diz que, para um depoimento fazer parte de nossas lembranças ele deverá permanecer em nosso espírito. Acreditamos que foi através desse reviver de lembranças do passado, que o Centro manteve viva suas tradições.

Ainda usando este autor que em 1920 pesquisou mais detidamente o que denominou estrutura social da memória, percebemos que a memória é uma construção dos grupos sociais e sendo os indivíduos que lembram no sentido literal da expressão, são os grupos sociais que determinam o que é inesquecível e as formas pelas quais será lembrado. Assim, os indivíduos identificam quais são os acontecimentos públicos de interesse do grupo.

É o caso do Centro por nós estudado, eles identificaram a identidade do Centro como sendo a do Boiadeiro, que são os Vaqueiros, Boiadeiros, Laçadores, Peões, Tocadores de Viola. Os Boiadeiros representam a própria essência da miscigenação do povo brasileiro, seus costumes, credences, superstições e fé. Relembram a simplicidade deste povo. O retrato do ethos do sertanejo, caracterizado pela entidade com os apetrechos e paramentos de seus antepassados, demonstra a importância deste símbolo para o grupo. A comunidade que frequenta o Centro descende quase que na totalidade de pessoas que possivelmente tiveram uma relação de trabalho com o gado. Estamos portanto, diante de um caso de reconstrução social, que busca não só compreender o passado, mas também a relação entre o passado e o presente.

Desvelar o dinamismo do passado e do presente é rever no ritual do Centro o resgate de vozes, lembranças, práticas culturais que podem nos ajudar a perceber os caminhos através dos quais a sociedade foi se constituindo e consolidando. Nesse processo de reconstrução social, a memória exerce um papel fundamental, é vista como uma corrente capaz de legitimar uma visão do passado e relacioná-la ao processo de evolução de uma sociedade.

Esta reconstrução do passado acontece por meio dos narradores, na narrativa o tempo e o espaço são importantes. A recomposição do relato da história que o indivíduo carrega em si através das lembranças de seu grupo. Essas lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, que foram vivências num tempo remoto, e que a todo o momento fluem, estabelecendo um vínculo original, verdadeiro e confortável, pois remetem a origem do sentimento de pertença do grupo que Halbwachs denomina comunidade afetiva, que possibilita a reconstrução das lembranças esquecidas. Diz ele:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela tenha

cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum¹⁷³.

E completa afirmando:

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aqueles e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade¹⁷⁴.

Assim, se comunidade afetiva é a lembrança fragmentada de cada um, que no conjunto, unifica e relembra um fato importante para o todo. Então fazer memória não é simplesmente, entrar no passado e lembrar fatos, pessoas, lugares nos quais vivemos e conhecemos em algum momento de nossa vida, é bem mais complexo. Para Teresinha Bernardo é possível ressignificar a memória na vivência do presente, ela assinala que:

Ao lado de uma história escrita, há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência, pode-se dizer mesmo que não só os fatos, mas também a maneira de ser e de pensar de outrora, fixam-se na memória e são ressignificados na vivência do presente. A memória não é fixa, ela tem um movimento específico: sai do presente vai ao passado e retorna ao presente. Esse movimento é o seu próprio tempo que por sua vez, é o reversível¹⁷⁵.

Para Halbwachs reconstituir a memória é um desafio, que apesar de ter um movimento reversível tem que manter uma corrente de pensamento e experiência em comum, e passa por uma série de dificuldades, tempo, distância etc., é ainda permanece na memória.

Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de

¹⁷³ HALBWACHS. Maurice. *A Memória Coletiva*, p.34.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 34.

¹⁷⁵ BERNARDO, Teresinha. *Memória: suas possibilidades nas Ciências Sociais*, p.100.

experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo¹⁷⁶.

Na realidade, a memória aqui se refere à memória coletiva, isto é, a lembrança de um grupo que vive certos acontecimentos importantes e em comum. Teresinha Bernardo esclarece o pensamento de Halbwachs comentando que:

Para que nossa memória seja auxiliada com as dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos, é necessário que ela não tenha cessado de concordar com as memórias do grupo e que haja bastante pontos de contato entre uma e outra, para que as lembranças que nós recordamos possam ser reconstruídas sobre um fundamento comum. No limite, esse autor refere-se à necessidade da concordância entre diferentes membros do grupo para que a memória possa, assim, ser reconstruída¹⁷⁷.

Nas entrevistas realizadas no Centro de Umbanda Tupinambá procuramos entender como o Grupo buscou resgatar a memória coletiva do Centro, escutamos os relatos de seus freqüentadores e da mãe de santo. Verificamos que a localização do templo já é um dos seus diferenciadores, como descrito acima a “Umbanda ritmada de terreiro” teve como local de nascimento a periferia da cidade, de difícil acesso. A área é considerada marginal e perigosa, que acolhe um povo pobre, simples e batalhador. Neste espaço buscam consolo e um encontro consigo mesmo.

A vida dessas pessoas é também outro diferencial, já que relembra a dos Boiadeiros que viviam de maneira simples, trabalhando de sol a sol nas fazendas levando o gado de um lado para o outro, vida reservada e simples, marcada por uma religiosidade singular, onde a religião é o centro das atenções. São pessoas resignadas com esta maneira de viver. Já carregam consigo o estigma de uma sociedade que os relegou e os abandonou a própria sorte na periferia, local por eles adotado.

A cidade de Montes Claros que era predominantemente católica, nunca deu a mínima importância para esses grupos. Principalmente, por se tratar de uma religião que tem sua raiz na vida dos excluídos. No Norte de Minas, o catolicismo sempre foi predominante, religião dos coronéis e dos patrões. O pobre, negro, mestiço e índio nunca fizeram parte desta constelação social. Mesmo buscando fazer parte desta

¹⁷⁶ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, p.71.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.72.

sociedade, sabe que seu lugar não é a porta da frente¹⁷⁸.

As festas tradicionais reproduziam sempre a atitude hierática do catolicismo e da elite da cidade. Os filhos e filhas dessa elite exerceram sempre a função de reis e rainhas da Marujada. Mas, a tradição era mantida pelos grupos que realmente faziam a festa acontecer, conferindo a ela seu sentido profundo, isto é, o religioso.

São os grupos dos catopés, os marujos e os caboclinhos, vindos da periferia da cidade que dão a festa o sentido religioso. João Pimenta dos Santos (o Mestre Zanza) é atualmente, o coordenador das Festas de Agosto e Presidente da Associação dos Grupos de Catopés, ele reside na periferia da cidade, e todo ano busca recursos junto à prefeitura da cidade e as famílias tradicionais para manter a festa. Popularmente conhecido como Mestre Zanza é o coordenador das Festas de Agosto tradição que foi passada pelo seu pai e pelo seu avô. Ele nasceu dentro da tradição e na história de Montes Claros. Nem o avô nem o pai tiveram tanto tempo de Catopés. Com 75 anos, e completando 71 anos de dança no último dia 16 ele nunca deixou de participar das Festas de Agosto. Ele revela a todos que quando começa a festa o seu espírito se renova e volta a ser criança, que fica emocionado, até melhora de saúde se estiver doente quando chega ali, com a alegria visível nos olhos das pessoas, e, afirma que não faz isso não para se exhibir com o penacho a cabeça, as fitas e toda ornamentação dos Catopés. Fazem isso porque eles têm amor e devoção aos santos. Desde mais novo, Mestre Zanza é respeitado por outros grupos, mesmo pelos que eram mais velhos de dança que ele. Uma pessoa simples que não tem muito conhecimento escolar, mas de uma sabedoria de vida incrível. Ele diz que tudo que sabe está guardado dentro da cabeça, que foram os ensinamentos dos seus pais e avôs. A administração da cidade quis mudar o local da festa. Tentou levar o cortejo para a Igreja Matriz da cidade, Mestre Zanza mobilizou os grupos e assim que terminou o desfile em frente a Igreja Matriz eles fizeram a volta e retornaram a Igreja do Rosário para levantar o mastro e fazer suas orações. A igreja do Rosário celebra a festa desde seu nascimento, ela só abre as portas no mês de agosto quando a Marujada sai desfilando e cantando pelas ruas as ruas.

Mesmo com todas as dificuldades financeiras pelas quais passa a Associação, todo ano a procissão sai as ruas da cidade, no mês de agosto e levanta o mastro do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito.

¹⁷⁸ Nas grandes fazendas do Norte de Minas, os empregados nunca entravam pela porta da frente da casa, só tinham acesso a casa pela porta da cozinha. Nas festas inúmeras manifestações folclóricas da região se fazem presentes. Manifestações de matrizes portuguesas, africanas e indígenas. Reinados, reisados, congados, macumbas, candomblé, cantigas de rodas, lendas, bem como as comidas típicas. Em Montes Claros, os reinados, os catopés e marujadas são festas do calendário religioso, desde os tempos da Vila das Formigas.

Nossa Senhora do Rosário é o dia do azul. O rei e a rainha do cortejo se vestem de azul e sai da praça em frente ao Automóvel Clube de manhã por volta das dez horas, passa pelo centro da cidade e vai até a Igrejinha do Rosário num ritual de muita música, dança e fé dos grupos de Catopés, Marujos e Caboclinhos. Já na saída do Reinado de São Benedito e do Divino Espírito Santo que acontece em dias sucessivos usa-se as cores rosa, vermelho e azul. Toda a celebração de missa e levantamento de mastro fica concentrada na Igreja. Suas músicas são conservadas e repassadas através da oralidade. Descreveremos um canto de marcha representada como elemento central desta manifestação.

Arreda minha gente
Arreda do caminho
Arreda minha gente
Arreda do caminho
Arreda do caminho
Deixa o nosso rei passar
Arreda do caminho
Deixa o nosso rei passar

E continuam assim:

Marchou, marchou
Eu vou marchar
Marchou, marchou
Eu vou marchar
Marcha, marcha
Oi marcha toda hora

Esses grupos são de certa forma desconsiderada pela classe alta, eles na visão da elite só são úteis enquanto preservam a tradição. Sendo assim, a conservação foi um meio encontrado para garantir a continuidade da festa que tem repercussão nacional.

Nossa intenção ao reconstruir a história do Centro é descobrir os motivos que levaram o Centro a preservar sua memória ao longo dos anos, isto é, de 1950 até os dias atuais. O Centro de Umbanda Tupinambá reconhece sua posição e tem tentado preservar as memórias do passado com objetivo de manter seu dinamismo e preparar um futuro, que atenda suas particularidades, sem alterar e descaracterizar suas raízes e

busca “mudar para permanecer”¹⁷⁹.

Optamos por resgatar a história de vida da atual sacerdote e de alguns frequentadores e colaboradores mais antigos do Centro, pois podem nos oferecer dados preciosos. Esta metodologia é muito fecunda, pois como nos relembra Teresinha Bernardo:

A opção pela memória se dá porque o que interessa são situações vividas que embora possam parecer insignificantes à primeira vista, após a análise, poderão se mostrar plenas de significados. Na realidade, o estudo da memória se revela como um recurso metodológico por excelência¹⁸⁰.

Para Bernardo, a questão da memória, além de nos mergulhar no mundo particular do entrevistado, abre uma porta de diálogo com o passado. Halbwachs entende que: “....cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo a relações que mantenho com outros ambientes”¹⁸¹. Na concepção dele memória coletiva é

É o grupo visto de dentro e durante um período que ultrapassa a duração média da vida humana, que de modo geral lhe é bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesma que certamente se desenrola no tempo. Já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele sempre se reconheça nestas imagens sucessivas. A memória coletiva é um painel de lembranças, é natural que se convença de que o grupo permaneça, que tenha permanecido o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo e o que mudou foram as relações ou o contato do grupo com outros¹⁸².

É nesta linha que direcionamos nossa pesquisa, as entrevistas qualitativas com os sacerdotes e frequentadores do terreiro, nos ajudaram a reconstruir através de suas histórias de vidas a história do Centro de Umbanda Tupinambá. Assim, é através de suas histórias que tentaremos rastrear e apresentar o Centro de Umbanda Tupinambá.

¹⁷⁹ Este é o título do livro de Brígida Carla Malandrino sobre a Umbanda que temos utilizado na dissertação.

¹⁸⁰ BERNARDO, Teresinha. *Memória em Branco e Negro*, p.29.

¹⁸¹ HALBWACHS. Maurice. *A memória Coletiva*, p. 69.

¹⁸² , HALBWACHS. Maurice. *A memória Coletiva*, p. 109.

3.1.1. A questão da oralidade

A transmissão oral dos conhecimentos que foram armazenados na memória se dá através da oralidade, o que ressalta a extrema importância da “tradição oral”. Nesse contexto, nas culturas em geral são os anciãos os detentores do saber acumulado, que pode ser verificado na cultura afro. Elbein, no texto que se tornou um clássico, *Os nagô e a morte*, já afirmava a riqueza da tradição oral e chamava atenção para o fato dela não estar só:

A transmissão oral é uma técnica a serviço de um sistema dinâmico. A linguagem oral está indissolivelmente ligada à dos gestos, expressões e distância corporal. Proferir uma palavra, uma fórmula e acompanhá-la de gestos simbólicos apropriados ou pronunciá-la no decorrer de uma atividade ritual dada¹⁸³.

Há na memória uma história viva que perpetua e se renova na repetição dos fatos e atos. A tradição oral apóia nesta herança de conhecimentos transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo. Herança que não se perde e reside na memória das últimas gerações que são depositárias e detentoras deste legado. Nas sociedades modernas, onde a oralidade parece ter perdido a sua força e a palavra escrita ter se tornado hegemônico ainda se encontra resquícios de grupos que conservam seus segredos através da memória. Um diálogo secreto, fidedigno que passa de guardião para guardião preservando os fundamentos e os princípios de uma comunidade. Esta cadeia de transmissão guarda um valor incalculável, com caráter sagrado e vinculado a dimensões religiosas. Quem obtém e detém estes segredos fica comprometido com ele e assume um compromisso de preservá-lo.

No entanto não se pode esquecer que, “o acesso a este saber é estreitamente controlado, de acordo com uma hierarquia iniciática. É influenciado também por concorrências internas pelo poder, assim como pela relação entre os terreiros e a sociedade”¹⁸⁴.

De acordo com Teresinha Bernardo “A memória não é fixa, ela possui um movimento específico: sai do presente vai ao passado e retorna ao presente. Esse

¹⁸³ ELBEIN DOS SANTOS Juana. *Os nagô e a morte. padé, asese e o culto egún na Bahia*, p. 47.

¹⁸⁴ CASTILLO, Lisa Earl. *Entre a oralidade e a escrita*, p.25.

movimento é o seu próprio tempo que por sua vez, é o reversível”¹⁸⁵. Com esta ação é possível garantir o funcionamento do velho no novo e do novo no velho, sem atrito, sem desgaste, mas com respeito e resguardo na garantia da transmissão e da repetição das histórias e fatos do passado, que não são esquecidos, mas recontados. Nas nossas múltiplas idas ao Centro de Umbanda Tupinambá, pudemos verificar a presença deste movimento com muita clareza.

Conforme descrito anteriormente o Centro de Umbanda Tupinambá, tem aproximadamente 50 anos de existência e continua preservando a memória dos seus fundadores. Os ensinamentos vêm sendo passados de geração em geração. Ilizário deu início a esta dinâmica que é continuada por Dona Maria Tupinambá, hoje a detentora e mantenedora desta tradição é dona Irene, que está preparando seu filho para sucedê-la..

Percebemos um problema importante que envolve a transmissão do saber religioso que já mencionamos. O saber sagrado não é um saber cartesiano, é cercado de segredos, de difícil acesso e por isso mesmo restrito a um grupo de pessoas. Não se pode pensar que no Centro se dá uma democratização do saber, há um caráter secreto nesse saber, como nos diz Castillo:

Da natureza intocável do saber sagrado decorrem também outras questões interligadas. Primeiramente, pela existência de um saber secreto, requer-se um sistema hierárquico, segundo o qual um pequeno grupo de pessoas é encarregado da responsabilidade de regular o acesso ao conhecimento interno. Em segundo lugar, a dificuldade de acesso ao segredo faz com que o saber secreto acabe sendo um bem simbólico de alto valor, o que gera uma rede complexa de relações de poder predicadas na busca para , e domínio sobre, tal saber. Uma terceira questão acerca do segredo resulta da inserção dos terreiros no contexto social externo¹⁸⁶.

Os ensinamentos que ela adquiriu durante os quase quarenta anos de vivência no terreiro, estão sendo transmitidas aos poucos em forma de relatos, cantos, experiências e acima de tudo, como ela mesma diz de “sentimento”. “Estão sendo transmitidos aos poucos” por alguém que tem uma vivência longíssima e veio aprendendo e vivenciando lentamente os ensinamentos. Interessante a expressão “sentimento”. Ela nos diz um pouco da fragilidade da transmissão oral que não consegue transmitir tudo, faz-se necessário viver, experienciar. Para Halbwachs:

¹⁸⁵ BERNARDO, Teresinha. *Memória: suas possibilidades nas Ciências Sociais*, p.101.

¹⁸⁶ CASTILLO, Lisa Earl. *Entre a oralidade e a escrita*, p.25-26.

“passado vivido é bem mais aprendido que o passado escrito”.

Com relação a transmissão, Dona Irene afirma:

Por mim eu não queria, ele deveria fazer outra coisa, mas como foi meu pai que escolheu eu não posso fazer nada né? Só ir ensinando a ele com o tempo, todos os ensinamentos que aprendi com minha mãe¹⁸⁷. (sorri e diz) mas me parece que ele já nasceu destinado a isso, é o destino dele né? minha filha.

Dona Irene relata que seu filho mais velho será seu sucessor, ele foi apontado pelo seu pai Tupinambá como o escolhido. Ela faz questão de deixar isto bem claro.

É perceptível que Dona Irene tem receio de deixar tal responsabilidade como herança para seu filho, mas o dom da mediunidade e a indicação da entidade zeladora da casa a coloca numa situação que a negação seria uma afronta. Dentro da cosmovisão do centro é impossível contestar uma ordem de sua entidade, por isso ela aceitar resignadamente.

Os símbolos presentes no Centro revelam que a tradição foi preservada cuidadosamente. No âmbito religioso a dimensão simbólica reveste-se de importância, se na vida de cada dia ela já é importante, quanto mais na religiosa. Como nos relembra Eliade: “A mais apagada existência está pejada de símbolos, o homem mais ‘realista’ vive de imagens¹⁸⁸. O “(...) passado vivido é bem mais aprendido que o passado escrito”¹⁸⁹. A imagem do caboclo Tupinambá disposta no centro do altar, as vestimentas das entidades dispostas em ordem de chegada, a disposição dos atabaques no canto esquerdo do terreiro, revelam a preservação da memória. Dona Irene é sem dúvida a guardiã das imagens simbólicas do Centro de Umbanda Tupinambá.

Para Eliade, os símbolos nunca desaparecem, podem até mudar de aspecto, ser resignificados, mas sua função continua que é de dar às pessoas uma nostalgia do passado. Ele aponta ainda, que as memórias são carregadas de significações que comprometem a situação do homem, para assegurar sua sobrevivência, são recontadas e “oferecem o ponto de partida possível para a renovação espiritual do homem moderno”¹⁹⁰.

Cada um carrega e conserva seus rituais básicos que foram transmitidos por sacerdotes antigos, rituais que podem ter sua origem distante, mas que foram

¹⁸⁷ Ela chama de mãe Dona Maria Tupinambá, que na realidade é sogra dela e avó de seus filhos.

¹⁸⁸ MIRCEA, Eliade. *Imagens e Símbolos*, p.17.

¹⁸⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, p.70.

¹⁹⁰ MIRCEA, Eliade. *Imagens e Símbolos*, p.19.

assimilados e vivenciados por determinados grupos humanos. Eliade discorre sobre este ponto:

(...) sabe-se hoje que certos mitos e símbolos circularam através do mundo divulgados por determinados tipos de cultura; quer dizer que estes mitos e estes símbolos nem por isso são descobertas espontâneas do homem arcaico mas criações de um complexo cultural bem delimitado, elaborado e veiculado por certas sociedades humanas; tais criações foram difundidas muito longe do seu lugar de origem e foram assimiladas por povos e sociedades que doutro modo as não teriam conhecido¹⁹¹.

Na Umbanda, como em outras expressões da religiosidade afro, os fundamentos¹⁹² são passados de mãe para filho ao longo dos anos ou para os escolhidos pelo jogo dos búzios. No entanto, em muitas religiões tais segredos não podem ser escritos e nem comentados com outras pessoas.

Fato que nos coloca diante de uma questão complexa, isto é, a da relação entre oralidade e escrita nas religiões afro-brasileiras, por exemplo. Textos escritos podem ser usados fora dos contextos rituais, além de não trazerem consigo a experiência vivida

Há um cuidado por parte dos terreiros para preservar seus conhecimentos, uma das medidas tomadas é, por exemplo, proibir seus membros de visitarem outros terreiros, acrescente-se a isto que a Umbanda lida com uma dificuldade específica relacionada com o controle dos próprios membros. Prandi diz com clareza:

A umbanda não conta com preceitos rituais e doutrinários que sejam capazes de controlar o grau de liberdade de expressão do indivíduo, expressões individualizadas. Esta forma de expressar da umbanda conta com um inesgotável universo de entidades que podem manifestar-se num transe ritual.¹⁹³

No terreiro de Dona Irene, todos reconhecem a escolha de seu sucessor sem reclamar ou argumentar. A autoridade da entidade está acima de tudo, não pode ser questionada. Como mãe de santo, Dona Irene é a senhora exclusiva da comunidade, sua

¹⁹¹ *Ibidem*, p.33-34.

¹⁹² A palavra fundamento em Umbanda é entendida como sendo os mandamentos, os segredos que são transmitidos aos adeptos. A mãe de santo é detentora destes fundamentos e só transmite com o passar do tempo aos adeptos escolhidos pela entidade guardiã da casa.

¹⁹³ PRANDI. Reginaldo, *Os candomblés de São Paulo*, p. 88.

autoridade é impressionante, é ela quem distribui as tarefas e dá as ordens do que deve ser providenciado. E todas as suas ordens são cumpridas prontamente, as pessoas executam com boa vontade, sem reclamar ou contestar. Existe uma forte ligação comunitária entre eles, como se fossem uma ligação familiar.

Esta nossa constatação só confirma um dado conhecido dos estudiosos das religiões afro- brasileiras, a posse do conhecimento religioso dá status. Dona Irene exerce um poder sobre seu Centro. No Centro Umbanda Tupinambá, felizmente, este poder não é exercido despoticamente, como pudemos constatar nas nossas visitas.

Nosso conhecimento de outros terreiros na cidade de Montes Claros nos mostrou que há uma febre de mudar, que se faz presente em terreiros mais importantes e também em terreiros menores. Fato que exigiria uma pesquisa mais profunda para detectar as causas dessa pressa em mudar e que foge a nosso escopo neste trabalho. Chamamos atenção para o fato, pois temos no Centro Umbanda Tupinambá um contra ponto a esse movimento.

Dona Irene tem reiterado que ela conservou os ensinamentos recebidos com cuidado e quer que seu sucessor também o faça. Dizer que não mudou nada no Centro não é possível, pois as mudanças acontecem, mas as ocorridos no Centro não afetaram a essência do mesmo. Há um apego cuidadoso a tradição. Dona Irene deixa bem claro que enquanto ela estiver no Centro nada de essencial será mudado.

Enquanto vida eu tiver, minha casa vai respeitar os fundamentos desde a época da criação desta casa, de acordo com os ensinamentos de Dona Maria e seu Ilizário. Era assim que eles queriam e é assim que vai ser, tem funcionado muito bem assim, para que essas mudança, né ?(pensa um pouco e continua) Todo mundo que vem aqui gosta, fica satisfeito, sai daqui feliz! É assim, que vai continuar, meu povo gosta é assim(fala da família sanguínea e dos filhos de santo). Imagina se mudasse ninguém ia acreditar.(pensa mais um pouco e continua) na, não, aqui não. Tudo vai ser igual, é melhor assim, manter tudo como foi criado, igual Nosso Senhor Jesus Cristo, imagina se ele mudasse, nos tudo tava sem salvação¹⁹⁴.

Observamos no relato e na preocupação de Dona Irene, que ela está consciente de sua importância para a preservação da memória dos rituais realizados no Centro. Teresinha Bernardo nos diz que:

¹⁹⁴ Entrevista concedida em 18 de Novembro de 2011, na residência de dona Irene Tupinambá, em Montes Claros

Na verdade, os quadros coletivos da memória não se resumem em datas e nomes. Eles representam correntes de pensamento que reencontramos no nosso passado, porque esse foi atravessado por tudo isso. Ao lado de uma história escrita, há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência, pode-se dizer mesmo que não só os fatos, mas também a maneira de ser e de pensar de outrora, fixam-se na memória e são ressignificados na vivência do presente. A memória não é fixa, ela tem um movimento específico: sai do presente vai ao passado e retorna ao presente. Esse movimento é o seu próprio tempo que por sua vez, é o reversível¹⁹⁵.

Dona Irene tem claro o lugar que ela ocupa na hierarquia social de seu terreiro. Sabe também da responsabilidade de ser a guardiã da memória desse grupo, e que é por meio dela que mitos e ritos são atualizados sempre, e é na manutenção do seu conhecimento que esse povo mantém vivo as particularidades da casa. Eliade dá uma explicação acerca do assunto: “difundidos ou descobertos espontaneamente, os símbolos, os mitos e os ritos revelam sempre uma situação histórica: situação limite quer dizer: aquela que o homem descobre ao tomar consciência do seu lugar no Universo¹⁹⁶”.

Para Dona Irene, a preservação ritualística do Centro, está ligada a conservação do modelo constituído desde os primórdios do mesmo. Ela se considera herdeira dessa força divina que está silenciada dentro dela, esperando apenas o momento certo para repassar para seu herdeiro.

3.1.2. A questão da tradição

A transmissão das práticas de geração para geração, revela-nos a força da tradição. Esta transmissão baseia-se em dois pressupostos: o da mortalidade das pessoas e ao da necessidade de promover um nexo de conhecimento entre as gerações.

A tradição oral ao preservar as histórias, as lendas, os usos e os costumes através da lembrança, ajuda o grupo a manter sua identidade cultural. Prates ajuda-nos a esclarecer a importância da tradição oral na cultura afro sertaneja :

¹⁹⁵ BERNARDO, Teresinha. *Memória: suas possibilidades nas Ciências Sociais*, p.100-101.

¹⁹⁶ ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*, p. 34.

Assim, a tradição oral é um processo dinâmico que arranja e reorganiza as impressões vivenciadas pela dinâmica da palavra anunciada incorporada e expressa no modo de vida : hábitos mentais, modo de pensar, modo de sentir. Ou seja, a palavra orienta o comportamento e promove a experiência de estar vivo¹⁹⁷.

Ele aponta ainda que a transmissão se faz presente nos “gestos, cantos , lendas mitos e contos incorporados e expressos pelo corpo”. No Centro de Umbanda Tupinambá, a transmissão da memória gera um comportamento tradicional por parte não só membros mais antigos, mas também das gerações novas. Pude constatar nas crianças que frequentam com suas famílias o Centro, que existe o interesse em cantar, balançar o corpo e gesticular nas preces e orações dos rituais como os mais antigos. Encontramos também crianças que tocam os atabaques com maestria digna de um adulto. Nestas atividades estão sempre sob a supervisão de um adulto. Que as direcionam e delimitam o espaço de participação dessas crianças. Espaço marcado e revestido de sacralidade, tanto para crianças quanto para os adultos. Este espaço é olhado pelos fiéis com respeito, medo e veneração deixando transparecer a presença da tradição.

A cada passagem em frente do altar são feitas as reverências de devoção, que expressam uma atitude carregada de sentimentos. Ao serem questionados quanto a esta atitude respondem: “O altar faz a ligação com as entidades e com nossos antepassados”. Na concepção dos adeptos, o altar é um local que acolhe a história de seus ancestrais, que viveram uma vida difícil, cheia de privações, Eles se benzem e fazem reverência diante do altar num ato de respeito e fé.

Para dona Irene , a benção significa o reconhecimento da mãe espiritual pelo filho, mãe que o orientará pelos caminhos da doutrina religiosa. Ao levar sua mão até a própria testa ele expressa o desejo de ser preparado por mãos sábias que o conduza nos caminhos do serviço de Deus. Ao beijar a mão de seu Sacerdote está admitindo que o respeita, como intermediário entre ele e os Orixás, bem como os espíritos que o assistem, manifestando seu desejo de ser abençoado pelos Orixás responsáveis pelos seus Sacerdotes e da Casa onde está se iniciando.

A prática da benção também é um ato ancestral e matricial que o Centro de Umbanda Tupinambá realiza através da pessoa da mulher. A mãe de santo distribui a benção a cada membro individualmente, costume tradicional desde a fundação da casa.

¹⁹⁷ PRATES, Admilson Eustaquio. *Exu âgodo, o sangue eu lhe dei, mas a carne eu não dou*, p.118.

A benção é concedida para todos os membros e tem uma função específica no Centro além da dimensão religiosa e simbólica, deixa transparecer o respeito pelos mais velhos.

Os pontos cantados no Centro são uma herança ritual da casa, eles contam a história da entidade presente na cerimônia, seus fatos e feitos. Revelam fatos e pontos da imaginação mística do afro sertanejo.

Sou mineiro, sou mineiro
eu não nego o natural
Sou mineiro, sou mineiro
eu não nego o natural
Se quiser saber meu nome
Não lhe custa perguntar
Eu me chamo Antonio Mineiro
e de lá eu vim pra cá
Sou mineiro, sou mineiro
eu não nego o natural

Os cantos realizados para entidade do Boiadeiro foram por nós destacados por percebermos na performance dos adeptos uma nostalgia contagiante. Quando a entidade inicia o canto, a gira, os demais presentes demonstram uma atitude de inquietação, perceptível a olho nú e na movimentação dos presentes.

Chetruê, Chetruá
Corda de laçar meu boi
Chetruê, Chetruá
Corda de meu boi laçar
Chetruê, Chetruá
Corda de laçar meu boi
Chetruê, Chetruá
Corda de meu boi laçar
Seu Boiadeiro
Cade sua boiada ?
Mas, Seu Boiadeiro
Cade sua boiada ?
Seu boiadeiro na Jurema é nosso pai
É nosso camarada
Seu boiadeiro na Jurema é nosso pai
É nosso camarada

As pessoas que estão do lado de fora, imediatamente retornam para dentro da casa para verificar o desenrolar do trabalho da entidade, muitos aguardam a entidade para tomar passes. Perguntamos para alguns participantes a razão da espera e se a entidade do boiadeiro era importante para eles. As respostas foram unânimes, relataram que tinham uma afeição a sabedoria e ao modo de aconselhar de tal entidade. Entendemos que, aquelas pessoas de alguma forma se identificam com a entidade, talvez por ela fazer parte da memória ancestral deste povo, que guarda nas origens, a herança dos primeiros desbravadores do sertão: os Boiadeiros.

Os gestos articulados na gira fazem parte de uma tradição da casa. Carregados de violência e hostilidade aponta para as dificuldades do sertão. A sobrevivência numa terra árida, de pouca chuva, de poeira vermelha e chão de terra dura. Gerar sofrimento carregado de luz que compõe um imaginário baseado num viver perigoso. O sertanejo faz a escolha de viver no limiar do perigo, da incerteza. Tem nos obstáculos a capacidade de aprender, de trilhar seu próprio caminho. Projeta a certeza na incerteza, vive perigosamente e mantém a coesão do grupo para superar os problemas da vida.

3.2. A memória no Centro Tupinambá

O fato de o Centro ter sido criado por influência de pessoas simples e trabalhadoras, que sempre estiveram à margem da sociedade, fez com que desenvolvesse uma resistência própria. Esses homens e mulheres vêm na história do Centro, na sua luta para sobreviver, na sua acolhida a todos que procuram conforto um pouco de suas vidas. Vidas que lutam permanentemente para sobreviver enfrentando as mais diversas dificuldades.

O Centro para essas pessoas tem sido um espaço sagrado, onde encontram sentido para suas limitações de todas as ordens. Espaço sagrado que possibilita a eles um contato com as entidades. O Centro também é um espaço familiar, espaço no qual renovam suas forças para as lutas do dia a dia, ao sentirem-se irmanados.

O Centro de Umbanda Tupinambá é um espaço no qual aflora a religiosidade dos que o frequentam. No centro desse espaço sagrado, familiar e religioso encontra-se Dona Irene, a grande mãe, testemunha viva de toda a história do Centro. Sua capacidade de lidar com as ervas, com a terra, a água, a magia e usá-las em benefício da vida, a deixa numa posição de destaque. Embora esta relação fosse por nós detectada num olhar de fora. O respeito que é dado ao seu saber pelos demais, nos deixou com

esta sensação. Assim foi através do trabalho de campo e das nossas observações que chegamos a esta conclusão.

Guardiã dos segredos cósmicos e da ciência da vida, ela é dotada de uma memória prodigiosa, consegue guardar fatos do passado nas suas minúcias. Tem uma memória prodigiosa. Fatos passados são revividos e servem de exemplo para doutrinar os que estão “*fora do eixo*”¹⁹⁸. Para ela, a tradição é um caminho seguro e abandoná-la seria um risco. Ela sempre fala aos demais usando as seguintes palavras

“(...) aqui tudo deve ser feito em memória dos que se foi, vamos pensar na dificuldade de quem criou esta casa, hoje ela ainda ta de pé porque a gente pode contar com a caridade deles”.

Ela sempre apresenta as dificuldades para manter a casa funcionando. Tem uma paciência invejável, transmite os conhecimentos de maneira simples aos que ela acha que são dignos de receber os ensinamentos. Estamos novamente às voltas com os segredos, não se passam conhecimentos para qualquer um.

Ela diz que se a pessoa passar por ela e não aprender, não aprende com mais ninguém. Fala manso e com ternura, mas quando precisa dar bronca e chamar a atenção. “*Já cheguei até a expulsar alguns membros que se fizeram de besta*”. Para ela, nada melhor que respeitar a verdade, o Centro considera como um grande defeito moral a mentira. Dona Irene não admite mentiras. O Centro cultiva uma prática, desde os seus primórdios, mentirosos não tem lugar no Centro, são convidados a se retirarem. Isto acontece não por uma questão moralista, mas porque se está convencido de que a mentira contamina os atos de culto, corrompe os rituais.

Ao longo do tempo, o Centro veio se constituindo e se consolidando graças ao cuidado em manter seus fundamentos, fundamentos preservados pela memória coletiva e pela prodigiosa memória de Dona Irene. Já observamos que uma das funções da memória é contribuir na preservação dos fundamentos do Centro, em seguida olharemos de perto alguns desses fundamentos.

¹⁹⁸ Dona Irene usa esta expressão para falar de alguns adeptos que tentaram e tentam mudar algum fundamento. Devido sua experiência, ela diz que esta fora de questão fazer qualquer mudança substancial, cita experiências anteriores nas quais se tentaram mudanças que foram desastrosas e que tiveram que rever a situação.

3.2.1. Fundamentos

Apresentamos, em seguida, alguns fundamentos que estão na base da doutrina do Centro de Umbanda Tupinambá, na visão de Dona Irene, eles compõem a doutrina. Ela nos disse que muita gente pensa que os fundamentos da Umbanda são muito simples. Falou da complexidade dos mesmos, lembrando seus anos de aprendizagem. Aprendizado lento, cedo ela compreendeu que não se deve perguntar muito, mas observar, ver como se executam os rituais. Nas minhas pesquisas de campo, pude notar que quando o pesquisador, começa a perguntar muito, incomoda. Em especial, quando essa pergunta é feita fora de hora!

Dona Irene nos disse que apontaria alguns fundamentos básicos, são princípios que abrangem toda a casa sem exceção. São desenvolvidos dentro de critérios éticos e morais. Em seguida, passou a explicitar tópicos relevantes da cosmovisão do Centro. Primeiramente, o lugar que ocupa Deus no terreiro. A imagem de Deus é de um Deus único e superior, sua força e benevolência chegam até seus filhos e filhas através dos orixás e dos guias. Os orixás são seres do astral superior que representam a natureza e como esta atua e interage com os seres humanos.

Um ponto a ser destacado é a forte crença na reencarnação, que reforça o papel dos guias. O núcleo central da doutrina da encarnação, “consiste na assim chamada Doutrina do Carma: a pessoa, depois desta vida, tem de nascer outra vez para uma nova vida aqui na terra. A pessoa tem então uma nova oportunidade de purificar seu carma e desenvolver suas capacidades. Os guias que se manifestam como espíritos de luz e plenitude, vêm à terra ensinar e ajudar todas as pessoas, encarnadas a se aperfeiçoarem. A reencarnação possibilita ao ser humano que não se desenvolveu adequadamente nesta vida, voltar para dar continuidade ao processo evolutivo.

Trabalham sempre fundamentados na Lei reencarnatória, a qual todos estão subordinados, ela dita a forma e os meios pelos quais será dado o retorno a um corpo material a fim de reparar os erros (de existências passadas) e realizar boas ações. O Karma, por vezes, ultrapassa as barreiras temporais da materialidade fazendo com que o espírito cumpra sua passagem pela terra não reencarnando, mas sim, como um Guia, damos aqui o exemplo do Preto-Velho e Boiadeiro entre outros. Que tem a missão ou a provação de guiar e ajudar os seres humanos e outros espíritos.

Tudo se processa através da mediunidade, o dom dado por Deus às pessoas para que elas possam interagir com os espíritos, como instrumentos de difusão de força divina através da incorporação, servir a Deus e ajudando a todos que necessitam.

Os Umbandistas crêem na caridade, no amor e na fé, como os elementos principais na evolução espiritual e material do homem em seus vários estágios no ciclo da vida. A Umbanda não discrimina nenhuma religião, as consideram válidas na caminhada ao encontro da fé. Para Umbanda cada pessoa, deve procurar a religião que mais a complete; com a qual se identifique nos seus fundamentos, preceitos, doutrina e rituais, ou meramente nos aspectos filosóficos e científicos.

O fato do o Centro de Umbanda Tupinambá ter como guia de luz o Caboclo Tupinambá leva o Centro a seguir uma linha nos seus cultos. Os cultos são divididos em sessões de desenvolvimento e consultas, subdivididos em giras. Dona Irene diz que:

São feitas as sessões de consulta com Preto-Velho, onde as pessoas conversam com nossas entidades, a fim de obter ajuda e conselhos para suas vidas, curas, desobsessões e para resolver problemas espirituais diversos. O que mais acontece nestas sessões são o "passe" e o "descarrego". No "passe", os Pretos-Velhos, rezam a pessoa dando a ela energia e retirando toda a carga negativa que nela possa estar. O descarrego, é feito com o auxílio de um médium de descarrego, que vai incorporar o obsessor, ou pegar a energia negativa da pessoa. Então, o Preto-Velho faz com que essa energia seja enviada para o astral. Caso seja um obsessor, o espírito é tirado e enviado para a luz ou para um lugar mais adequado no astral inferior; caso ele não aceite a luz que lhe é dada. Nesse caso ainda pode pedir a presença de um ou mais Exus para auxiliar o Preto-Velho.

Já na gira de caboclo ela explica que:

As giras de Caboclos, Boiadeiros, Orixás, Crianças e Exus. Nessas giras são feitos os desenvolvimentos dos médiuns do terreiro. Nelas, canta os pontos e toca os atabaques. As giras de Exus são festivas, e, além de serem feitos os desenvolvimentos dos médiuns, são realizadas consultas com esses guias. Existem também os Caboclos e Boiadeiros

que dão consultas e trabalham com o descarrego e a desobsessão.

É dentro deste contexto que Dona Irene na sua simplicidade nos relata sobre o funcionamento do ritual de sua casa. Ela esclarece que pode haver variações, mas no geral tudo acontece de forma ritual e continua. As giras são sempre festivas, mesmo quando acontecem as consultas nos casos de doenças, tudo é feito numa tranquilidade e segurança que impele uma sensação de ternura a todos os presentes. Mesmo a desobsessão, momento tenso é feito num clima de calma e delicadeza, apresentando a todos o conhecimento que eles tem em lidar com o caso.

Entendemos que os fundamentos variam de acordo com o Centro. Buscamos evidenciar apenas os aspectos mais significativos do Centro de Umbanda Tupinambá.

3.2.2. Símbolos

No segundo capítulo, tecemos breves comentários sobre os símbolos, relacionando os mesmos com a religião. Neste tópico associaremos o símbolo à memória, resgatando a relação de comunicação que ele exerce ao intensificar a relação com o sagrado. A interpretação do seu significado implícito presente na atividade rural, possibilita estabelecer um elo com a identidade religiosa que define e caracteriza este grupo e o marca com uma característica muito própria, única a de Umbanda sertaneja. Os elementos simbólicos que compõem a casa não deixam dúvidas da relação que seus adeptos mantêm com o campo.

Os homens ainda fumam cigarros feitos de fumo de rolo. Usam sempre chapéus ou bonés e calçam botinas de couro. A impressão que se tem é de estar numa festa junina. As mulheres não ficam de fora deste contexto, as mais idosas estão sempre de lenços coloridos e conversam umas com as outras sempre chamando as demais de comadre. As mais novas reservam sempre o respeito pelas mais idosas. Até o comportamento das crianças é peculiar, obedientes ao simples olhar das mães.

É impossível não detectar na Umbanda do Centro de Umbanda Tupinambá marcas do processo geográfico e histórico de uma região que esteve envolvida em muita luta para construir sua identidade. É possível constatar a presença deste ethos no contexto formativo deste grupo religioso. Este grupo se solidariza com elementos

advindos do contexto rural que marcou, e ainda deixa sequelas na consciência e no modo de ser de um povo. O Norte Mineiro carrega na sua constituição original, o DNA do sertanista que viveu e vive da lembrança do Boiadeiro e da mulher forte.

Falar de mineiro cansado e quieto é vislumbrar o Boiadeiro errante e intinerante, solitário, que carrega no embornal o necessário e no coração a saudade dos que ficaram. Ele tem o domínio das pastagens e paragens gravados no inconsciente, como se fosse um mapa imaginário que se acessa através do cheiro do mato, dos espinhos da caatinga e dos galhos quebrados e vai se revelando ao seu interlocutor. Abrir o portão e entrar no Centro Tupinambá é simbolicamente adentrar num espaço sem cancelas, um espaço revestido de simplicidade e humildade, carregado de encanto. Onde o ser humano se embriaga de saudade dos que já se foram, da comidinha feita no fogão de lenha, do cheiro de fumaça, do sabor amargo das ervas e da recepção carinhosa e acolhedora.

Por isso, o Boiadeiro ganha evidência neste Centro. Associá-lo a um ambiente caracterizado pelos elementos rurais, bandeirolas coloridas e uma variedade de imagens é estabelecer uma conexão com o passado.

3.2.3. Rituais.

A Umbanda se forma a partir da mescla de outras religiões, foi assim que deparamos a princípio com o Centro de Umbanda Tupinambá, uma mescla de outras tradições. Para somente mais tarde, percebemos que a Umbanda do Centro tem, sem dúvida, uma essência própria, construída a partir da tradição coletiva de seus freqüentadores. Malandrino fala que uma cultura popular aparece ora como fenômeno de reprodução social, ora como elemento de transformação¹⁹⁹. Entendemos isso nas nossas constantes idas ao Centro, lá deparamos com esse fenômeno criado sob uma estrutura de culturas diferenciadas, com características próprias, como a permanência, geradora de certa estabilidade que se acomoda na preservação dos valores tradicionais e que dá segurança aos membros do grupo. Grupo constituído por pessoas simples e com pouco estudo, que buscam na fé a resposta para suas dúvidas e dificuldades.

Prandi argumenta que a Umbanda é uma religião brasileira por excelência, pois atende todas as expectativas imaginadas por um povo sofrido e em transformação:

¹⁹⁹ MALANDRINO. Brígida. *Umbanda uma religião em constante mutação*, p.99.

Como religião universal, isto é, dirigida a todos, a umbanda sempre procurou legitimar-se pelo apagamento de feições herdadas do candomblé, sua matriz negra, especialmente os traços referidos a modelos de comportamento e mentalidade que denotam a origem tribal e depois escrava, mantendo contudo estas marcas na constituição do panteão²⁰⁰.

Os freqüentadores do Centro de Umbanda Tupinambá refletem bem este contexto e se identificam com ele. A assistência²⁰¹, os adeptos e freqüentadores do terreiro são pessoas das mais diversas idades e classes sociais. Não existe critério para se aceitar ou não a adesão de novos adeptos. As crianças que frequentam, só entram acompanhadas de seus pais. Muitos vão à busca de ajuda espiritual para resolver seus problemas e quando conseguem seu objetivo só retornam quando tem outro problema. Outros são fiéis e frequentam juntamente com a família, que muitas vezes faz parte do quadro de médiuns.

Por se tratar de uma religião iniciática, a Umbanda ao longo de sua constituição moldou seus ritos e eles variam de terreiro para terreiro.

A religião se fundamenta no culto dos espíritos e na sua manifestação através do transe. O ponto central do ritual é a possessão dos espíritos. Todo rito é realizado dentro de uma seqüência rigorosa. Prandi relata o rito no culto: “Os espíritos de caboclos e preto-velhos manifestam-se nos corpos dos iniciados durante as cerimônias de transe para dançar e, sobretudo orientar e curar aqueles que procuram por ajuda religiosa para a solução de seus males”²⁰². Esta descrição de Prandi pode ser aplicada ao Centro de Umbanda Tupinambá, com uma marca toda sua ali tudo se desenvolve na simplicidade, o ritual é extremamente despojado.

Todos os presentes sentem a necessidade de participar, ora batendo palmas, ora balançando o corpo de um lado para o outro. Pensamentos positivos são constantemente solicitados pela mãe de santo. Ela a todo o momento pede ao grupo que se mantenha concentrado. “*Vamo ficar concentrado, tente não desviar seus pensamentos, conserve seus pensamentos na busca da caridade, do amor ao próximo*”.

Além disso, o som dos atabaques contagia os mais diversos sentidos. As entidades dançam aos sons dos cânticos, todas muito bem paramentadas, em dança circular. Passam em frente ao altar e reverenciam a entidade maior do Centro, o

²⁰⁰ PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé*, p.03.

²⁰¹ Nome dado as pessoas que vão se consultar com as entidades e não fazem parte internamente dos rituais

²⁰² PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do Axé*, p.4.

Caboclo Tupinambá, que tem sua imagem moldada num quadro já bastante desgastado.



FIGURA 4: Mostra a posição dos adeptos e da mãe de Santo ao dar início aos trabalhos
Fonte: Retirada em 27.06.2010 por Shirlene dos Passos Vieira.

Durante nosso trabalho de campo, realizamos várias visitas ao Centro de Umbanda Tupinambá e pudemos perceber a diferença entre os seus ritos e os dos demais terreiros. Verificamos que o relacionamento entre os membros do Centro de Umbanda Tupinambá é de parentesco, eles se reconhecem, se solidarizam com os sofrimentos e angústias dos outros, ao passo que nos outros terreiros por nós visitados as relações são informais, o contato entre os presentes é apenas formal.

Em conversas informais com os frequentadores mais antigos descobrimos que desde sua fundação até os dias atuais, o ritual inicia-se da mesma forma, primeiro a defumação, depois se segue a abertura com preces católicas e em seguida começa o batuque dos atabaques e o canto de saudação a Ogum, que é a primeira linha. Esta sequência é a mesma desde os anos 50.

A cerimônia é realizada aos domingos, começa por volta das quinze e trinta horas após a troca de roupas dos adeptos. Após vestir as roupas eles não mais transitam para fora do espaço da gira. Somente a mãe de santo acompanhada de um ajudante percorre todo o espaço defumando e purificando o ambiente. Começando pela Assembléia e depois vai para o altar e em seguida purifica a cada membro da gira. Neste

momento um profundo silêncio se faz no templo, a mãe de santo se posiciona em frente ao altar e respeitosa todos aguardam a abertura dos trabalhos acompanhando as seguintes orações feitas pela mãe de santo: Pai Nosso, Ave Maria e o Creio.

Logo em seguida se recita uma espécie de ladainha pedindo permissão para abertura dos trabalhos. Cada pessoa que vai participar da gira se dirige ao sacerdote e faz reverência. Inclinando a cabeça para baixo e repete essa postura diante do turíbulo e dos atabaques.

Dirigem-se em seguida, a porteira e cumprimentam a assistência, voltando depois para seus devidos lugares, conforme a hierarquia, as mais velhas a frente, seguida das mais novas. A mãe de santo pede a todos que se concentrem e inicia-se a evocação. Em seguida, rezam a prece de Cáritas:

Deus nosso Pai,
que Sois todo poder e bondade,
dai força àqueles que passam pela provação,
dai luz àqueles que procuram a verdade,
e ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus,
dai ao viajante a estrela Guia,
ao aflito a consolação,
ao doente o repouso.

Pai,
dai ao culpado o arrependimento,
ao espírito, a verdade,
à criança o guia,
ao órfão, o pai.

Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criaste.
Piedade, Senhor, para aqueles que não Vos conhecem, e
esperança para aqueles que sofrem.

Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores,
derramarem por toda à parte a paz, a esperança e a fé.

Deus,
um raio, uma faísca do Vosso divino amor pode abrasar a Terra,
deixai-nos beber na fonte dessa bondade fecunda e infinita, e
todas as lágrimas secarão,
todas as dores acalmar-se-ão.

Um só coração, um só pensamento subirá até Vós,
como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha,
nós Vos esperamos com os braços abertos.

Oh! bondade, Oh! Poder, Oh! beleza, Oh! perfeição,
queremos de alguma sorte merecer Vossa misericórdia.
Deus,
Dai-nos a força no progresso de subir até Vós,
Dai-nos a caridade pura,
Dai-nos a fé e a razão,
Dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas
O espelho onde refletirá um dia a Vossa Santíssima imagem.

Iniciam-se então os cânticos. Ao cantar batem com as mãos fechadas no chão em quatro pontos, bate-se a cabeça no chão em sinal de respeito e obediência aos Orixás, o que simboliza que a cabeça, que nos comanda e rege, está subordinada ao poder dos Orixás aos quais se reverencia ao tocar com a cabeça no chão e ao fazer o sinal da cruz.

As vestimentas mesmo sendo muito variadas e de diversos estilos deixam transparecer a simplicidade do Centro. Percebemos que no dia a dia nos rituais as mulheres fazem uso de saias e blusas num estilo bem simples, outras usam túnicas brancas ou cores claras. Já os homens vestem calças brancas com túnicas de cores claras. Algumas mulheres fazem o uso do lenço, outras usam os cabelos soltos. Tanto os homens quanto as mulheres fazem uso de uma toalha branca, que seguram na mão. Identifica-se a mãe de santo pela roupa um pouco mais trabalhada, ganhando destaque nos dias festivos.

A gira constitui-se num espetáculo sempre diferente, jamais cai na mesmice. Os guias têm autonomia podendo transitar livremente, o que confere uma dimensão interativa às giras. Segundo Concone. “[o] espectador não é passivo, mas tenso de expectativa, que constitui mesmo sem saber num elemento da ação ator/personagem/espectador”²⁰³. Percebe-se então, que nem tudo na Umbanda é previsível, existe o imprevisto. Cada personagem vai sendo criado à medida em que o médium vai se familiarizando com seu papel e, de certa forma constrói com ele sua história.

Às vezes ocorrem imprevistos nas giras. No decorrer de um trabalho uma pessoa incorporou um caboclo ao passar em frente a porta que dá para o terreiro, diante do fato a mãe de santo foi ao encontro desta senhora e deu a ela toda assistência necessária, até a entidade abandonar do corpo da passante.

²⁰³ CONCONE. Maria Helena Villas Boas. Caboclos e Pretos Velhos da Umbanda, In.:PRANDI. Reginaldo. *Encantaria Brasileira*, p. 282.

3.3. Uma tradição viva

Sendo a Umbanda uma religião recente, que é vista como popular desperta suspeita de alguns que pensam aprioristicamente e preconceituosamente que o que é popular não tem tradição. Esbarramos naquela velha questão de que tudo o que é popular não possui tradição. Quem conhece um pouco da história da Umbanda tem presente sua tradição de luta. Para subsistir, a Umbanda enfrentou a perseguição do Estado, através do aparato policial e da Igreja. Tirar alvarás nas delegacias para funcionar era uma via sacra repetida por muitos terreiros. Não se pode esquecer que a vistoria policial, em geral, era truculenta. Tradição de resistência, acrescida da luta para preservar seus rituais e fundamentos.

Sabemos que a tradição é um elemento vital da cultura, conforme declara Hall²⁰⁴ para este autor ela tem pouco a ver com as meras persistências das velhas formas. Declara ainda que, “as tradições não se fixam para sempre, não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe.”

Eric Hobsbawm nos fala de tradição inventada :

Para tradição inventada, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de rituais ou simbólicas visam certos valores e normas de comportamento de repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.²⁰⁵

Os dois autores concordam que a tradição não é estática, o que nos ajuda a entender uma afirmação repetida com frequência por Dona Irene: o Centro de Umbanda Tupinambá se mantém da mesma maneira desde que foi criado. Neste sentido não acompanhou um movimento muito presente em outros terreiros da região, modernizar-se a qualquer custo.

Chama atenção também para a dimensão familiar do terreiro, muitos adeptos são de uma mesma família e tem fortes vínculos com a mãe de santo. Este clima familiar cativa as pessoas, tanto que adeptos que saíram e foram para outros terreiros, retornaram por sentir falta da convivência familiar que o centro carrega.

²⁰⁴ HALL, Stuart. *Da diáspora*, p. 259.

²⁰⁵ HOBBSAWM, Eric; RANGER. *A Invenção da Tradição*, p. 10.

Percebemos que a tradição umbandista não pode ser analisada tendo como ponto de partida a repetição dos seus rituais, uma vez que estes não são padronizados. A tradição umbandista deve ser verificada dentro do terreiro, pois cada um tem sua própria tradição e sua memória, que está viva dentro de cada um de seus adeptos e é revisitada constantemente.



FIGURA5: I Parte do altar do Centro de Umbanda Tupinambá tem no centro a imagem do Pai Tupinambá

Foto: Retirada em 27.06.2010 por Shirlene dos Passos Vieira.

A imagem do altar acima carrega uma nostalgia, com a imagem central do Caboclo Tupinambá, Nosso Senhor Jesus Cristo e sua mãe Maria dispostos cada um de do lado do outro. Logo acima à esquerda na parede, as imagens de São Sebastião, São Jorge Guerreiro, à direita Iemanjá e São Francisco de Assis, além de várias outras imagens menores de santos desconhecidos e entidades das linhas do terreiro. Muitos jarros de flores e castiçais de velas e jarros de barro com água e ervas. Tudo é muito impressionante é impossível descrever tantos detalhes. O altar provoca uma visão surpreendente, rústica e natural, que causa uma comoção emocional e sentimental. Os membros a descrevem com lágrimas nos olhos quando perguntados sobre o passado e o presente do Centro. São unânimes em dizer que sentem saudades do tempo em que era

mais difícil: chegar ao Centro, comprar velas, incenso, cumprir com as oferendas. Estas dificuldades não afastavam os adeptos que se mostravam muito mais fiéis.



FIGURA 6: II Parte do altar do Centro de Umbanda Tupinambá, tem no centro a imagem do Pai Tupinambá

Foto: Retirada em 27.06.2010 por Shirlene dos Passos Vieira.

Quanto ao aspecto visual, ao olhar para o altar percebe-se que sendo feito de concreto não é móvel, mas fixo. As fotos acima demonstram como o altar está há cinquenta anos na mesma disposição. Renovando apenas os adereços e ornamentos quando ficam velhos e desgastados pelo tempo. Na foto número seis, observamos uma senhora que nos relatou toda sua trajetória no Centro. Entre outras coisas, ela nos disse que fica ansiosa para vir ao Centro no domingo e dias de festa para cumprir suas obrigações. Durante a semana não pode vir, pois mora longe em outro bairro teria que pegar duas conduções, mas seu desejo era vir ao Centro sempre que pudesse.

3.3.1. Festas

O calendário anual do Centro de Umbanda Tupinambá apresenta três festas tradicionais, elas acontecem com a contribuição dos adeptos, que com sacrifícios e planejamento arrecadam os fundos necessários para bancar as festas. Mensalmente

contribuem com uma parcela destinada a realização das festas.

A primeira acontece no mês de Janeiro, dia 20 é a festa de São Sebastião, Oxossi é sincretizado com São Sebastião, a festa acontece em homenagem a entidade do Caboclo Tupinambá que dá nome a casa. O Caboclo foi em vida um Boiadeiro mestiço grande conhecedor das matas e das ervas. Conforme relato de Dona Irene:

*São Sebastião foi oficial da guarda de Roma. Foi cristão
padeceu sob o domínio do Rei. Denunciado como cristão
São Sebastião foi levado perante o Rei e confessou
publicamente a sua fé em Jesus Cristo. Acusado de traição
foi condenado a morte. Amarrado a um tronco teve seu
corpo varado por flechas. Na Umbanda, Oxossi é
conhecido como o senhor das matas e da grande maioria
dos caboclos. Sua cor é o verde, representando as matas
das quais é o senhor absoluto.*

Também é conhecido como o caçador, mas não de animais e sim, de almas e de homens, sendo a catequese seu maior objetivo. Oxossi já é conhecido por aliar a força com o bom senso, essas características emanam de Oxossi que se manifesta nos trabalhos de Umbanda, principalmente na manifestação dos caboclos e suas falanges. De Oxossi emana a altivez que encoraja a todos os seguidores da Umbanda, transmitindo grande segurança aos seguidores de nossos cultos.

A casa toda se mobiliza para preparar a festa. As mulheres preparam a comida regada de muita fartura, servem farofa, arroz, carnes cozidas e assadas. Utilizam flores brancas, como cravos e lírios, para decorar o Centro e velas verdes e brancas. Servem vinho tinto, água pura e frutas de toda espécie, porém: o médium não comem e não bebe, passa devagar próximo a toda a assistência e pede baixinho que “ajude a cuidar da natureza, se acender velas proteja o local para não colocar fogo nas matas”.

A segunda festa acontece no dia 13 de maio, é a festa de Preto Velha, dia da abolição da escravatura, para a Umbanda conforme declara Dona Irene “esse dia tem um significado especial, o Preto velho é o grande conhecedor”. O Centro todo é decorado com rosas vermelhas, todos os médiuns se banham em água perfumada com rosas, significando a revitalização da família de santo, depois se distribui rosas a assistência, num gesto singelo e pleno de significado, como: conselho, amizade e

compreensão. Os atabaques entoam um som singelo, num ritmo lento e gradual.

A terceira e última é a de São Cosme e Damião, que acontece no dia 27 de setembro. Gêmeos tem a capacidade de agilizar qualquer pedido dirigido a eles em troca de doces e guloseimas. O nome Cosme significa "*o enfeitado*" e Damião, "*o popular*". O Centro é enfeitado com desenhos, tem-se o costume, principalmente de dar às crianças doces, agrados e brinquedos. Serve-se refrigerantes e sanduiches para as crianças.

Além disso em todas estas festas nota-se a presença de Pai e Mãe de Santo de outros Centros que vem participar como convidados. Eles se solidarizaram e participam dos festejos. Dona Irene nos relata que é sempre um prazer receber os convidados ilustres quem vem prestigiar os festejos.

As festas provocam nos fiéis uma comoção geral, a satisfação e alegria contagia a todos. Celebrar e homenagear suas entidades é motivo de júbilo coletivo. As festas trazem muita paz e tranquilidade para os adeptos.

Considerações Finais:

Ao finalizar este estudo, sinto-me feliz por ter podido partilhar com o leitor esta experiência de pesquisa e apresentar um pouco da vida e tradição do Centro de Umbanda Tupinambá. Ao longo da pesquisa pude vislumbrar um pouco da riqueza e complexidade do mundo umbandista. No percurso tive contato com outros trabalhos, já mais consolidados, como o trabalho pioneiro de Ângela Cristina Borges Marques, Brígida Carla Malandrino e de Admilsom Eustaquio Prates.

O campo Umbandista norte mineiro conforme descreve Marques “detém uma fertilidade e complexidade rica e dinâmica própria do fluxo de fronteiras.”²⁰⁶ A mesma autora dá uma pista preciosa para os futuros pesquisadores: “para os dispostos a vislumbrarem o sertão e seus símbolos: mantenham-se sertanistas, ou seja, atentem para o universo sertanejo sem a pretensão de dominá-lo. É melhor se deixar possuir, sintam-no ontologicamente e assim o compreenderão”²⁰⁷. Foi o que me propus a fazer.

Iniciamos nossos trabalhos embasados na história, com o objetivo de levantar a ocupação e o povoamento do Norte de Minas. Descobrimos que o sertão norte mineiro possui particularidades próprias e marcantes que o torna violento, marginal e solidário. O sertão estabelece as suas leis de convivência, acolhe-las é fundamental para sobreviver nele. Os homens envolvidos na lida com o gado souberam conviver com a violência e a solidariedade tão presentes na região. O gado ajudou os homens a se fixarem nesse ambiente inóspito, ao longo do caminho do gado, vilarejos nasceram e cresceram. Vilas e vilarejos tornaram cidades ao longo das entradas de rotas e bandeiras. Os tropeiros trouxeram o comércio. Montes Claros nasceu no bojo desta dinâmica e se constituiu num autêntico entreposto, um ponto de passagem para os que vinham do nordeste e para os que vinham do sul de volta para sua terra natal.

O Norte de Minas se constituiu no bojo de um complexo aglomerado de gente, de figuras como a do Vaqueiro, do Tropeiro, do Coronel, além de já contar com as figuras do índio, habitante da terra, negros fugitivos das grandes fazendas do nordeste e brancos pobres.

Uma profunda religiosidade se fazia presente na região, religiosidade profundamente ligada à dimensão cultural dos diversos grupos que habitavam a região. Religião sincrética por natureza. Com o tempo a perspectiva cristã se impôs, sem, no entanto conseguir penetrar em todos os segmentos da população.

²⁰⁶ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda sertaneja*, p.220.

²⁰⁷ MARQUES, Ângela Cristina Borges. *Umbanda sertaneja*, p.220.

Uma característica marcante da religião popular é sua porosidade, absorveu elementos das diversas matrizes religiosas presentes na região, matriz indígena e afro. Essas matrizes religiosas se aglutinavam em torno de diversos símbolos, que permaneceram no imaginário da população e foram preservados pela memória coletiva. Nosso interesse se voltou para a Umbanda, que encontrou na região um amplo espaço para crescer. Acompanhamos a sua chegada, o seu desenvolvimento e sua fixação na região graças ao trabalho de seus iniciadores.

Elegemos como objeto de estudo o Centro de Umbanda Tupinambá, escolha determinada por várias razões: ser Centro que preservou suas tradições com muito zelo, ter sido sempre dirigido por mulheres, ontem Maria Tupinambá, hoje Dona Irene Tupinambá.

Ao analisar seus rituais e seus símbolos detectamos que soube preservar o elemento agro pastoris da região nordestina, assim as linhas que compõem o rito do Centro apontam para a importância da entidade Boiadeiro.

Esta constatação foi à porta de entrada para percebermos que o Centro de Umbanda Tupinambá, por seu apego a tradição e pelo cuidado em manter seus rituais contribuiu de maneira decisiva para a constituição de uma Umbanda Sertaneja em Montes Claros.

Constatação que confirma nossa hipótese que o umbandismo do Norte de Minas carrega características próprias do sertão. O Centro de Umbanda Tupinambá- um dos terreiros afro-sertanejos mais antigos do sertão norte mineiro deu uma contribuição significativa para que as tradições sertanejas fossem mantidas.

As características nordestinas do Centro podem ser notadas também na ornamentação, balões e bandeirolas, na forte relação familiar, presente e identificável no terreiro, que certamente é uma herança do Candomblé nordestino com raízes africanas, nele a família possui traços de uma comunidade ampliada.

O uso de elementos do gado como simbolismo é a reafirmação da presença marcante da entidade do Boiadeiro, um forte elemento utópico, que rememora a presença dos entes queridos, o respeito aos ensinamentos antigos muitas vezes relegados, mas tão presentes na nossa história de vida e no ethos sertanejo.

Ao fazer memória dos primórdios da criação e consolidação da Umbanda na cidade de Montes Claros, identificamos a presença do homem do campo que trabalha com o gado. A Umbanda Sertaneja ao preservar nos seus rituais símbolos derivados do gado, deixa entrever as suas especificidades, especificidades que a diferencia da

Umbanda do sudeste e convida-nos a uma pesquisa mais cuidadosa capaz de desvelar sua dinâmica mais profunda.

Constatamos que essas lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, e que vivenciadas ao longo do tempo foram trazidas a tona, para estabelecerem um vínculo original, verdadeiro e confortável dos participantes atuais com os que os antecederam, pois remete a origem do sentimento de pertença do grupo.

O novo e o diferente presente na Umbanda Sertaneja são uma ressignificação do antigo. Para os adeptos do Centro de Umbanda Tupinambá a palavra conservação é viva e presente na pessoa da Mãe de Santo Irene Tupinambá, e com certeza estará presente nos fazeres do sucessor de dona Irene.

Vislumbramos um tema que mereceria ser aprofundado em futuros estudos, o fato de médiuns terem como herança entidades ancestrais. Outra possibilidade de pesquisa aberta pelo trabalho, elaborar um estudo comparativo entre os diversos Centros de Umbanda da cidade. A comparação não só nos ajudaria a detectar as mudanças ocorridas ao longo dos anos, como determinar as especificidades de cada Centro. Um estudo das inúmeras relações entre os Centros de Umbanda e a cidade está por ser feito. Um levantamento minucioso permitiria verificar a dimensão social dos Centros de Umbanda e a importância deles para a vida da sociedade.

Nossa esperança é de que ao resgatar a importância do Centro de Umbanda Tupinambá não só para seus participantes, mas para toda a cidade, tenhamos contribuído para que a religiosidade afro na região seja mais reconhecida e que os preconceitos diminuam.

Referências:

ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial & Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

_____. *Capítulos de História Colonial e os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

AMARAL, Adilson Rogério do. *Terreiro do São Domingos, memória, permanência e inovação*. 2006. 219f. .Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ANASTASIA. Carla Maria Junho. *A geografia do crime: Violência nas minas setecentista*. Belo Horizonte: UFMG.2005.

_____. *A sedição de 1736: estudos do comparativo entre a zona marginal do sertão agro-pastoril do São Francisco*. Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado, DCP/UFMG, 1983 (mimeo)

ARAUJO, Emanuel. *A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia*. In: PRIORE, Mary Del (org) *Historias das Mulheres do Brasil*. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Auguste de Saint- Hilaire- Serra da Canastra. (s/d). *Viagem às nascentes do rio São Francisco - de Auguste Saint-Hilaire*. www.serracanastra.com.br.sabermais/hilaire.html Acesso em 10 de julho de 2011.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: [s.n.], 1995.

BASTIDE, Roger. *O Candomblé na Bahia*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

_____. *Brasil, Terra de Contrastes*. Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial S.A, 1979.

_____. *Estruturas Sociais e Religiões Afro-Brasileiras* apud CONCONE, Maria Vilas Boas. *Uma religião brasileira: Umbanda*. 1972, 113 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLANK, Renold J., *Reencarnação ou Ressurreição*. Uma decisão de fé .São Paulo: Paulus, 1995.

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. *Industrialização da área da SUDENE- Um estudo de caso: Montes Claros*, Montes Claros: Ed. UNIMONTES, 1985.

BRAZ, Brasiliano. *São Francisco nos Caminhos da história*. São Francisco: Leni, 1997.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CAMARGO, Candido Procópio. *Kardecismo e Umbanda*. Uma Interpretação Sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CAMPOS, Leonardo Cristiane. *A diversidade dos ritos bantos na cidade de Montes Claros: norte do estado de Minas Gerais/ Brasil, a partir da Segunda metade do século XX*. Montes Claros: Unimontes, 2004.

CASTILLO, Lisa Earl. *Entre a oralidade e a escrita: A etnografia nos candomblés da Bahia*. Salvador: Edufba, 2010.

CONCONE, Maria Vilas Boas. *Uma religião brasileira: Umbanda*. 1972, 113 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

COSTA, João Batista de Almeida. *A Festa dos Catopês de Montes Claros*. Caderno de Ciências Sociais. Montes Claros: Unimontes, v.1, dez., 1995, p. 6-27.

_____. *Mineiros e Baianos*, 2003. 333p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade de Brasília. Brasília.

_____. Cultura Sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Org.) *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais*. Montes Claros: Editora Best Comunicação e Marketing, 1997.

Fronteira Regional em Brasil: El entre lugar de la identidad y de los territorios baianos em Minas Gerais. In: GARCIA, C. I. (org.). *Fronteiras: territórios y. Metáforas Medellín*: Hombre Nuevo; Instituto de Estudios Regionales: Universidad de Antioquia, 2003, pp. 161-176.

_____. O Ser da Sociedade Sertaneja e a Invisibilização do Negro no Sertão Norte dos Gerais. In: LUZ, Claudia; DAYRELL, Carlos (Orgs.). *Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade*. Montes Claros. 2000.

_____. Sentir-se norte-mineiro, as raízes de nossa regionalidade. In: *Opinião* 01 (04), 07 – 13/10/2001, p. 04. Montes Claros.

_____. *Do tempo de fartura dos crioulos ao tempo de penúria dos morenos: a identidade através de um rito em Brejo dos Crioulos (MG)*, 1999. 220 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade de Brasília.

_____. *Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira*. *Revista Verde Grande*, Montes Claros, v.1, nº 3, p.8-45, fev. 2006.

CROATTO, Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. Uma introdução a fenomenologia da religião. São Paulo: Ed. Paulinas, 2001.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. Madrid: Akal Editor, 1982.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. *Os nagô e a morte*. padé, asese e o culto egún na Bahia. Petropolis: Vozes, 1984.

ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o Profano* – a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Mito e Realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

FIGUEREDO, Augusta. *Maria da Cruz e o Velho Chico*[Belo Horizonte: Sn, 199]

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande Senzala*. Rio de Janeiro: Globo Editora, 2002.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: _____. *A interpretativa das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 6ª edição. Rio de Janeiro..RJ: editora José Olympio, 1971.

MALANDRINO, Brígida. *Umbanda, mudar para permanecer: a influência dos símbolos na mudança religiosa e permanências na Umbanda segundo a psicologia analítica*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

_____. *Mudanças e Permanências*. Uma análise simbólica. São Paulo: Educ., 2006.

MATA MACHADO, Bernardo. *História do sertão noroeste de Minas Gerais*. 1690-1930. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. Prefacio. P. 05-17 São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARQUES, Ângela Cristina Borges . *Umbanda Sertaneja*. Cultura e religiosidade no sertão norte - mineiro, 2007. 241p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MIRANDA, Avay. *Taiobeiras: seus fatos históricos*. v.1. Brasília: Thesaurus, 1997.

MONTAIGNE, Michel de. Os Ensaio. In: VV.AA. *Os Filósofos através dos textos*. De Platão a Sartre. São Paulo: Paulus, 1997. p. 59-61.

- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. São Paulo: Edusp: 1996.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense. 1991.
- PAULA, Hermes de. *Montes Claros, sua história, sua gente, seus costumes*. 2 ed. Montes Claros: [s.n.], 1979. v.02.
- PIRES, Simeão Ribeiro. *Raízes de Minas*. Montes Claros: Minas Grafica Ed. Ltda, 1979.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia Dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. In: Idem, *Herdeiras do axé.. Sociologia das religiões afro brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996. pp.139-164.
- _____. *Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do Orixá Exu*. Revista USP, São Paulo, nº 50, 2001 (a), pp.46-65.
- _____. O Brasil com axé: Candomblé e Umbanda no mercado religioso. *Dossiê Religiões no Brasil*, São Paulo, v. 18, n.52, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 15 set. 2007
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- PRATES, Admilsom Eustaquio. *Exu âgodo, o sangue eu lhe dei, mas a carne eu não dou*. Traços característicos da identidade do Exu- Sertanejo, expressos no imaginário Afro- Sertanejo da cidade de Montes Claros/MG, contidos na tradição oral. 2009 pag. 193. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- PRIORE, Mary Del. (org.) *Historia das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Ed. Contexto. Ed. Unesp, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARACENI, Rubens. *Umbanda Sagrada*. Religião, Ciência, Magia e Mistérios. São Paulo: Madras, 2006.
- _____. *Código de Umbanda*. São Paulo: Madras, 2004.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995..
- RODRIGUES, Maria de Fátima. *Diálogo com a escrita sobre o sertão*. In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas; GALEANO, Alex (org.). *Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.291-318.

- SANTOS, José Luiz dos. *O Que é Cultura*. São Paulo Ed. Brasiliense, 1987.
- SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda: Caminhos da Devoção Brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 2005.
- SOUZA, Bernardino Jose de. *Ciclo do carro de bois no Brasil*. São Paulo. SP: editora Companhia Nacional, 1958
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos Pecados*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- VASCONCELOS, Diogo de. *História Média de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas, 1918.
- _____. *História Antiga de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.
- _____. *História Antiga de Minas Gerais*. v.1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.
- _____. *História Antiga de Minas Gerais*. v.2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1974.
- VASCONCELOS, Salomão de. *Bandeirismo*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.
- VALLE, Edênio. *Religiosidade popular: perspectiva psicopastoral*. In: VALLE, Edinho *Psicologia e experiência religiosa*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 133-156.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Fenomenologia do Ethos*. In: *Escritos de Filosofia II. Ética e Cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p.11-35.
- VERGER, Pierre. *Orixás, os deuses yorubás na África e no Novo Mundo*. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1981.
- _____. *Lenda dos Orixás*. Salvador: Corrupio: 1982.
- ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais no século XVIII*. 2ªed. São Paulo: Editora Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.